

LUIZ FERNANDO CÂMARA VITRAL

**O desafio da grande imprensa em fazer jornal de bairro
o caso do suplemento *SeuBairro* de O Estado de S. Paulo**

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

SÃO PAULO

SETEMBRO 2008

LUIZ FERNANDO CÂMARA VITRAL

**O desafio da grande imprensa em fazer jornal de bairro
o caso do suplemento *SeuBairro* de O Estado de S. Paulo**

Dissertação de Mestrado apresentada
à Faculdade Cásper Líbero para
Obtenção do título de Mestre em
Comunicação na Contemporaneidade

Linha de pesquisa

Produtos Midiáticos:
Jornalismo e Entretenimento

Orientador

Professor Doutor José Eugênio de Oliveira Menezes

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
SÃO PAULO
SETEMBRO 2008

Vitral, Luiz Fernando Câmara

O desafio da grande imprensa em fazer jornal de bairro: o caso do suplemento Seu Bairro, de O Estado de S. Paulo / Luiz Fernando Câmara Vitral – São Paulo, 2008

99 f. ; 30 cm.

**Orientador: Prof. Dr. José Eugênio de Oliveira Menezes
Dissertação (mestrado) – Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação**

1. Comunicação. 2. Jornalismo. 3. Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento. I. Menezes, José Eugênio de Oliveira. II. Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação na Contemporaneidade. III. Título.

Folha de Aprovação

Luiz Fernando Câmara Vitral. O desafio da grande imprensa em fazer jornal de bairro – o caso do suplemento SeuBairro de O Estado de S. Paulo. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade Cásper Líbero para obtenção do título de Mestre em Comunicação na Contemporaneidade. Linha de Pesquisa: Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento.

Orientador

Professor Doutor José Eugênio de Oliveira Menezes

Data da aprovação: ___/___/2008

Banca examinadora

Prof. Dr.

Instituição:

Prof. Dr.

Instituição:

Prof. Dr.

Instituição:

Dedicatória

para Martha

Agradecimentos

À equipe de repórteres do suplemento *SeuBairro*;
Rose Saconi e Maria Emerenciana Raia,
do arquivo de *O Estado de S. Paulo*

VITRAL, Luiz Fernando Câmara. **O desafio da grande imprensa em fazer jornal de bairro: o caso do suplemento *SeuBairro*, do jornal O Estado de S. Paulo.** São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2008.

Resumo

Esta dissertação de mestrado aborda o período de março de 1994 a janeiro de 2001 do suplemento *SeuBairro* do jornal O Estado de S. Paulo. Corresponde ao lançamento das edições números 1 até o momento em que as visitas dos repórteres aos bairros da cidade e áreas da região metropolitana de São Paulo foram suspensas. A pesquisa se baseou em entrevistas com profissionais da empresa jornalística que estiveram envolvidos na execução do projeto editorial e nas edições dos suplementos. O objetivo geral do trabalho foi apresentar a rotina de um grupo de jovens repórteres que percorreu os meandros da cidade e assim identificou personagens desconhecidos da região metropolitana de São Paulo. Esse período coincide com a chegada das tecnologias digitais nas redações, o distanciamento das fontes primárias e o início do debate das idéias sobre globalização. Em contraponto, os suplementos se baseavam nas regras tradicionais do jornalismo, a partir de entrevistas in loco com os moradores. Para análise da questão, foram utilizadas fontes teóricas da área de comunicação de massa, entre as quais textos de Theodor Adorno e de Nestor Garcia Canclini sobre o embate entre consumo e cidadania. Foram utilizados também textos de pensadores sobre a cidade de São Paulo. Entre eles, Villem Flusser e Massimo Canevacci. Deste último, chamou a atenção o fato de que havia conhecido a cidade a partir de um mapa. A equipe do suplemento se valeu, da mesma maneira, deste recurso, mas o resultado foi “humanizar” o mapa, ou seja, dar nomes e

registrar histórias em todas aquelas representações de ruas, praças e avenidas.

Palavras-chave: Jornalismo. Cidade de São Paulo. Jornal de bairro. Suplemento *SeuBairro*. Jornal O Estado de S. Paulo. Cultura do Ouvir

VITRAL, Luiz Fernando Câmara. **O desafio da grande imprensa em fazer jornal de bairro: o caso do suplemento *SeuBairro*, do jornal *O Estado de S. Paulo***. São Paulo: Faculdade Casper Líbero, 2008.

Abstract

This study aims to present the *SeuBairro* supplement of the newspaper *O Estado de S. Paulo* from March 1994 to January 2001. It represents the period between the issue number 1 until the ceasing of the districts visiting by the reporters. The research is based on appointments from the reporters and other professionals involved in the editorial project of the supplements. The general aim is to present the day by day of the group of young journalists that made this unique experience. And made it possible to know better anonymous people of the São Paulo metropolitan área. This is the same period of the coming of the digital technologies to the press in Brazil, which was followed by the removing and the end of debate of communities ideas. On the other hand, these supplements were based on the rules of the traditional journalism which means contact with people on streets even if they were far removed from the center of decisions. The study theoretical support was based on critics of mass communication such as Theodor Adorno and Nestor Garcia Canclini. It also has the support of scholars that wrote about the São Paulo city, such as Villem Flusser and Massimo Canevacci. I call the attention to the fact that this italian professor said that he had his first contacts with the city by its maps. The group of the supplement journalists also had this contact, but they “humanized” the map. They tried to give names and personal histories to the representation of the streets, squares and boulevards of the city.

Key-words: Journalism. São Paulo City. District Newspaper supplement. SeuBairro suplement. Jornal O Estado de S. Paulo. Cultura do Ouvir.

Sumário

Introdução _____	1
Capítulo 1. O Projeto _____	4
1.1 Os suplementos _____	6
1.2 O trabalho _____	12
1.3 A pauta _____	14
Capítulo 2. Gente da cidade _____	15
2.1 Os imigrantes _____	17
2.2 Resgate da história dos bairros _____	21
2.3 Vida de bairro _____	25
2.4 Os personagens _____	33
2.5 A solidariedade _____	42
Capítulo 3. A cidade faz pensar _____	50
Conclusão _____	61
Bibliografia _____	68
Anexo 1 – Relação das reportagens citadas _____	70
Anexo 2 – Quatro reportagens selecionadas _____	79
Anexo 3 – Edição de <i>SeuBairro</i> _____	90

Introdução

O desenvolvimento desse projeto de dissertação de Mestrado visa a apresentar um momento em que a grande imprensa, no caso o jornal O Estado de S. Paulo, passou a publicar um jornal de bairro - o suplemento *SeuBairro*. Essa dissertação vai focar o período que compreende o lançamento dos suplementos, em março de 1994, até janeiro de 2001, quando a proposta do projeto se inviabiliza, a partir da suspensão das visitas dos repórteres aos bairros da cidade. Vale destacar que essa dissertação se baseia nas notícias e reportagens publicadas nos suplementos *SeuBairro*.

Esse trabalho traz em 3 capítulos a origem dos suplementos e como ganharam forma; o conteúdo jornalístico dos suplementos, com aspectos que envolvem a busca para uma identidade histórica e, ainda, fatos que caracterizam alguns bairros da cidade. Nesse cenário, atuam os personagens das reportagens: os moradores. E, para encerrar essa abordagem, o gesto de solidariedade que traduz o espírito humanitário dos moradores.

Há também um diálogo com autores referentes à área da comunicação, que antecede a conclusão do trabalho.

Capítulo 1 – O Projeto – trata do fazer jornalístico e mostra que, apesar da dicotomia entre as linguagens da comunicação de massa e a dos jornais de bairro, ocorreu um período de convivência entre ambas. Esse momento coincide com a chegada da idéia de globalização e ao acesso à informação digital.

O que foi possível perceber é o fato de a intenção de uma empresa jornalística em fazer jornal de bairro não é a mesma da comunidade que busca um meio para falar de suas reivindicações e procurar adeptos para as suas causas. Um jornal comunitário traz um traço romântico do debate de idéias, do universo dos movimentos sociais. Mas, esse não é o objetivo de uma empresa jornalística capitalista.

A partir do momento em que o suplemento passou a circular, a tradição e o espírito conservador do centenário jornal *O Estado de S. Paulo* se viu diante de uma situação inédita em sua história, uma vez que abriu espaço em suas páginas para dar voz e intermediar reivindicações de segmentos da população paulistana.

O capítulo compreende três abordagens, nas quais estão apresentadas as características dos suplementos que começavam a ser fechados e a circular; a maneira como foi desenvolvido o trabalho de visitar os bairros e ouvir moradores e, também, como eram desenvolvidas as pautas.

No Capítulo 2 – Gente da Cidade – a dissertação inicia a aproximação à cidade por meio de seus moradores. O primeiro item se refere aos imigrantes; numa sequência cronológica há uma abordagem de fundo histórico seguida de um olhar sobre fatos e situações que caracterizam um perfil bastante peculiar de bairros da cidade.

Outros dois itens completam o capítulo: uma galeria de personagens e a amostra da capacidade reveladora de moradores, voluntários e entidades públicas e privadas de se voltarem para o atendimento das variadas carências a que estão sujeitas as pessoas.

Relações entre o recorte proposto do suplemento *SeuBairro* e textos referentes estão no Capítulo 3 – A cidade faz pensar. Esse trabalho se encerra com a Conclusão, onde reúnem outros textos de autores da área

Uma das revelações que foi apurada nesse trabalho foi a de que a jovem equipe de jornalistas do suplemento não se dava conta, mas acabou por produzir um jornalismo original em tempos de quebras de paradigmas, promovendo, principalmente, a emancipação de indivíduos, ouvindo e recolhendo suas observações para uma tentativa de melhorar a vida das comunidades.

A Conclusão desse trabalho vai apresentar também uma característica inovadora, se comparada à produção de informação de massa contemporânea. No *SeuBairro*, aboliram-se algumas regras da prática jornalística, para que fosse valorizada a narrativa que resulta do contato com as pessoas entrevistadas ao longo desse breve e profícuo trabalho jornalístico.

Por isso, no contrapelo das regras da comunicação de massa, os suplementos identificaram indivíduos que, na mídia contemporânea estariam anônimos, no conceito de massa. O projeto *SeuBairro* extrapolou as regras básicas da prática jornalística da época, organizadas a partir da lógica do *lead*, e experimentou formas de jornalismo nas quais moradores da cidade tiveram a oportunidade de expressão. A prática da criação do suplemento mostrou que o exercício do jornalismo tradicional, marcado pela análise e destrinchamento das fontes pode ser modificada por uma *práxis* compreensiva da acolhida da vida e das vozes dos moradores da cidade.

1. O Projeto

A proposta de contar a história do suplemento *SeuBairro* traz uma seqüência de dúvidas, a partir de um simples questionamento. Em qual momento a cronologia deve começar? Quando a idéia foi apresentada à Redação do jornal *O Estado de S. Paulo*, ou com a contratação da equipe de jornalistas, quase dois anos depois.

A história do suplemento começa quando circulou a edição número 1, ou quando essa primeira edição foi fechada editorialmente? Isso, sem mencionar que na semana de lançamento foram publicadas 5 edições número 1. Sem dúvida, se está diante de uma história inédita na imprensa paulistana.

Há também a possibilidade de essa história ser escrita em um outro momento. Por isso, o texto que segue, além do valor informativo traz subsídios que poderão ser úteis na elaboração de uma nova pesquisa, com um outro enfoque.

Em 1992, o jornalista Roberto Gazzi desenvolveu o projeto do suplemento e, durante dois anos, manteve na editoria de Cidades, da qual era editor, um espaço semanal para iniciar um traçado editorial dos diversos bairros paulistanos.

Gazzi lembra como a idéia do suplemento chegou ao jornal. “Quem sugeriu o projeto foi o Aluizio Maranhão”, disse¹. Este profissional havia sido convidado para dirigir o Estadão e, uma de suas propostas quando assumiu sua função foi a de que se publicasse jornais de bairros,

¹ O fato foi narrado pelo jornalista Roberto Gazzi, em sua sala, na Redação de O Estado de S. Paulo, em 14 de abril de 2007.

nos moldes da iniciativa adotada pelo *O Globo*, no Rio de Janeiro, em 1982 com o pioneiro *Globo Tijuca*.

Ainda em fase de projeto, a idéia do suplemento se transformou em obra e risco da redação, o que se tornou um desafio estimulante para a direção do jornal e, em particular, para os jornalistas da editoria de Cidades que dariam andamento à idéia.

O suplemento *SeuBairro*, contudo, ofereceria uma leitura diferente da tradicional história dos jornais de bairro em São Paulo, uma vez que não se tratava de u'a mídia da comunidade para a comunidade. O suplemento falava, sim, da comunidade, mas estava voltado para um grupo mais amplo: a comunidade de assinantes e leitores do Estadão.

A história do suplemento *SeuBairro*, do jornal O Estado de S. Paulo, porém, pode ser melhor entendida se se considerar o passado de um jornal cuja trajetória começou no século 19, no dia 4 de janeiro de 1875, quando circulou o primeiro número do então "A Província de S. Paulo". Com espírito republicano, o grupo de fundadores impõe sua linha editorial e inicia a caminhada do jornal que cresceu com a cidade e se firmou como veículo de destaque do pensamento político da burguesia do País².

² Um perfil do jornal O Estado de S. Paulo pode ser consultado no site <http://www.estadao.com.br/rc/2007/pag04.pdf>. Acesso em 27 de abril de 2008.

1.1 Os suplementos

Depois de dois anos de visitas às mais diferentes regiões da cidade, as notícias sobre os bairros ganham páginas independentes, na série de suplementos prevista para ser lançada em abril de 1994. Essa dissertação vai focar o período que compreende o lançamento dos suplementos até o momento em que não foi mais possível o contato direto dos repórteres com moradores da cidade, quando se descaracteriza a proposta inicial dessa experiência jornalística.

O sólido passado do jornal pode simbolizar um peso de responsabilidade para seus jornalistas, incluídos aí os integrantes da jovem equipe que se formou naquele ano com o objetivo de encaixar um projeto com espírito popular numa história que simbolizava vitórias para a classe média. O editor, dois subeditores, cinco “focas”, recém-saídos do Curso Estadão, uma diagramadora e um repórter fotográfico começaram a se integrar para preencher as oito páginas, no tamanho tablóide, quatro cores (capa, contracapa e centrais), previstas no projeto, dos cinco primeiros suplementos que começaram a circular semanalmente.

A equipe dos suplementos amplia o projeto iniciado por Gazzi nas páginas da então editoria Cidades e se prepara para o lançamento do *SeuBairro*, que vai ser encartado no jornal para assinantes residentes nas regiões da cidade identificadas no logotipo do suplemento e nos exemplares vendidos em bancas da área que abrangia a cobertura das reportagens.

O mapa que determinava as regiões da cidade a serem cobertas pelo suplemento seguia a rota da distribuição dos jornais e não, necessariamente, a rosa dos ventos. A essa peculiaridade, Gazzi considerou outras situações que fazem de São Paulo uma cidade diferente, não apenas geograficamente, mas também da maneira pela qual a sociedade acabou ocupando os espaços urbanos, se comparada à população da cidade do Rio de Janeiro, onde começou a circular os suplementos de bairro de O Globo. Além disso, pondera Gazzi, a densidade demográfica dos habitantes de São Paulo vai mostrar áreas mais povoadas que outras, com moradores de perfis sociais às vezes até opostos, como no caso da zona sul paulistana que compreende desde a região dos Jardins até os confins do Jardim Ângela.

Essa população da zona sul, com perfis tão contrastantes, não caberia em oito páginas de um suplemento. Por isso, foram criadas duas edições para a região, com circulação diferenciada. No conjunto, no entanto, o que resultou foi, primeiramente, a edição de cinco suplementos, dos quais dois para a região Sul. Essas cinco edições se distribuíam entre a segunda e a sexta-feiras e, em cada região, circulava um suplemento por semana. A região do Centro esteve presente na fase inicial de todos os suplementos, com cobertura diferenciada em cada número, sem, contudo, se ater ao foco de ouvir moradores e relacionar reivindicações.

Criar um jornal de bairro com a mega-estrutura industrial de um dos principais jornais do País pode ser considerado um passo extraordinário. Não era só a equipe de reportagem que chegava ao

bairro no dia da visita. Era a imagem de um jornal centenário que estava indo para as ruas, muitas vezes bastante distantes dos centros de decisão da metrópole a que a cidade de São Paulo se havia transformado. E o suplemento tinha uma larga vantagem sobre os possíveis concorrentes: a vasta estrutura de captação de informações mantida pelo jornal ao longo de sua história, que ganhariam mais espaço para serem divulgadas, ou servir de pauta.

Nessa fase do advento do suplemento, foi o tempo para que começassem a ser definidos desde a dinâmica dos processos de coleta de informações na visita aos bairros até o contato com os setores responsáveis e a publicação das soluções propostas a reivindicações apresentadas por moradores, trazidas pelo repórter. Além dessa estratégia de campo, havia também a necessidade de se pensar na formação de uma equipe de jornalistas para tocar em frente o projeto e em toda a logística de engenharia industrial para encaixar mais um produto na linha de montagem do jornal.

Se passaram dois anos e, em 1994, na segunda quinzena do mês de março, o que era apenas um projeto editorial começa a ganhar características de um novo produto, com a grife “Estadão”. Na quinta-feira, dia 16, por volta das 18 horas, o editor Pedro Correa comemora com sua mulher, Silvana, diretora de arte, e com redatores e repórteres que ainda estavam na redação, o fechamento do primeiro *SeuBairro* número 1. Esse jornal iria circular na Zona Norte, na segunda-feira, dia 21, encartado no jornal dos assinantes da região e, também, para as edições de banca da área.

Naquela semana de março de 1994, enquanto os suplementos para as outras regiões da cidade, como ocorreu com o da

Zona Norte, eram encartados nos jornais de assinantes e chegavam às bancas da região, as edições número 2 estavam em andamento.

De segunda a sexta-feira fechava-se um suplemento para ser encartado na edição do jornal de dois dias depois. Isso quer dizer que, na segunda-feira circulava o suplemento *SeuBairro* Norte, fechado na quinta-feira anterior; na terça-feira circulava o suplemento *SeuBairro* Oeste, que era fechado na sexta-feira anterior; na quarta-feira circulava o suplemento *SeuBairro* Sul, que informalmente era chamado de Sul 1, correspondente à área da região da cidade, que segue o eixo da Avenida Santo Amaro, no sentido Centro-bairro. Esse suplemento era fechado às segundas-feiras. Já na quinta-feira circulava o suplemento *SeuBairro* Leste, que era fechado na terça-feira anterior. A semana no *SeuBairro* terminava na sexta-feira, quando circulava o suplemento *SeuBairro* Sul, que para a equipe era o Sul 2, voltado para a região centrada nos bairros dos Jardins, Itaim-Bibi, Ibirapuera, Vila Nova Conceição e proximidades.

Para cada edição, geralmente de 8 páginas, havia uma reportagem principal, que iria ocupar as páginas centrais, coloridas, do suplemento, com destaque na capa. A contra-capas, colorida, em todos os suplementos era reservada para notícias do Centro. A página 2, dedicada ao leitor, passou a oferecer espaço para Cartas, além de informar sobre serviços, que incluíam locais de feiras-livres, atendimento de saúde, as lojas da Telesp, Comgás e Eletropaulo, além dos Distritos Policiais, postos do Corpo de Bombeiros, entre outros focos de interesse de moradores de áreas urbanas nas quais o suplemento circulava. Um destaque da página era a seção *Memória*, ilustrada com fotografias de arquivo de cenas que faziam parte da tradição do bairro. Temporariamente, a seção *Fotografe Seu Bairro*, publicava fotografias tiradas por moradores das regiões visitadas, com imagens curiosas ou

de casos que chamavam a atenção para situações de abandono de locais públicos.

Já, a página 3, na fase de lançamento, era exclusivamente voltada para informar sobre a visita realizada, com destaque para o principal problema dos moradores e, ainda, sobre a resposta que órgãos públicos ofereciam às reivindicações e sugestões de melhorias para a região. E, nas páginas 6 e 7, além do espaço reservado pelo setor comercial para a inserção de pequenos anúncios, publicava-se um guia com informações curtas de lazer, cultura e atividades gratuitas, além de uma seção fixa – o *Point* – com destaque para gastronomia, que poderia ser refinada, esmerada ou o caprichado cardápio de botequim.

Nessa primeira semana os suplementos apresentaram como assuntos de capa novos bares e espaços para uma esticada noturna com amigos, na Zona Norte; os Centros de Treinamento do São Paulo e do Palmeiras, na Avenida Marquês de São Vicente, na Zona Oeste; comerciantes, equipes técnicas e vizinhos do autódromo, em Interlagos, que se preparavam para a corrida de Fórmula 1, foram o assunto do Zona Sul; o Parque Raul Seixas, na Zona Leste, foi o destaque da edição, que trazia um sócio do artista na capa.

E, contrastando com esses temas, a edição da Zona Sul de sexta-feira, inaugurou o ciclo com uma visão do que era morar na Rua Tucumã, numa área bastante valorizada, na região da nova Avenida Faria Lima, aberta sobre o traçado da antiga Rua Iguatemi.

Da região central da cidade, o leitor da Zona Norte, naquela semana foi informado sobre a reforma no Mercado Municipal, da Cantareira. O comércio peculiar e os imóveis centenários ao redor da Rua Florêncio de Abreu foram o destaque para o Centro na edição da

Zona Oeste; o suplemento informou para os leitores da Zona Sul na quarta-feira sobre projetos para o Vale do Anhangabaú desenvolvidos por estudantes da Universidade de Stuttgart. A contracapa da primeira edição da Zona Leste focou cantores de rua e apresentou uma artista alagoana que atraía curiosos no calçadão da Avenida São João, próximo ao prédio dos Correios. E, no jornal da Zona Sul, que circulava na sexta-feira, a primeira edição apresentou o ambiente da Academia Paulista de Letras.

Nessa primeira semana, o leitor do suplemento passou a ser informado sobre assuntos que, possivelmente, já tivesse conhecimento, mas depois de publicados na imprensa teriam um efeito de documento.

1.2 O trabalho

O passo inicial para se fazer o *SeuBairro* era trazer uma parte da cidade para o leitor. Se pode afirmar que, na verdade, essa tarefa oferecia dois ângulos. Havia a visita ao bairro, para ouvir moradores e recolher pedidos de melhorias e, não necessariamente nessa ocasião, fazer reportagens. Por isso, o mapa teria uma função decisiva para definir o local da visita. Aí com base num guia da cidade. A reportagem, no entanto, prescindia desse acessório. A sugestão poderia vir da redação, ou ser resultado da observação do repórter. E, para esse contato com os moradores, espalhados nos quatro cantos da metrópole, a equipe de repórteres iria a campo com um trunfo, além da pauta.

“A primeira lição que fazemos questão de transmitir para os ‘focas’ é que eles saibam contar histórias”, diz o jornalista Francisco Ornellas, coordenador do Curso Estado, para recém-formados nos cursos de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo. Segundo Ornellas, a procura pelo Curso Estado é tamanha que requerer uma seleção apurada para escolher poucas dezenas entre os cerca de 3 mil candidatos que se inscrevem. A maioria dos “focas” chega à Redação do jornal, depois do curso, familiarizada com a prática do jornalismo e preparada para ouvir e contar histórias.

Parte da turma que havia concluído o Curso Estado foi designada para preencher as vagas da reportagem que atuaria nos suplementos de bairro. E, essa primeira equipe queria pôr em prática tudo o que aprendeu, começando, justamente pela primeira lição.

Na primeira visita ao bairro escolhido e anunciado previamente, o repórter chegava numa Kombi, acompanhado por um funcionário da equipe de segurança da empresa. Essa equipe de visita se instalava num “escritório” ao ar livre, sob uma cobertura móvel, com o logotipo do jornal estampado.

Algumas vezes já havia um grupo de moradores à espera; quando não, a equipe não iria esperar muito tempo, uma vez que a presença daquele aparato chamava a atenção e, não demorava, os moradores se aproximavam a princípio curiosos e, em seguida, confiantes para falar dos assuntos cidadãos.

Nessa oportunidade, pautas poderiam surgir espontaneamente. Uma curiosidade do lugar, um morador antigo, uma área pública carente de benefícios passava a ser avaliada pelo repórter que percorria as redondezas no final da visita para confirmar as reclamações, conhecer o morador ilustre e, ainda, elaborar a pauta para que fosse fotografado o principal problema apresentado. Esse seria o “abre” da página no suplemento da semana seguinte, relatando a visita e relacionando os pedidos que seriam encaminhados para os órgãos competentes durante a semana.

1.3 A pauta

A regra básica era: não trombar com a editoria de Cidades. Ou seja, assunto de Cidades tem uma abrangência maior que o dos bairros, apesar de a cidade ser formada pelos bairros. Mas, essa não era a questão, nem o desafio imediato. A equipe estava a postos e o que deveria ser assunto no suplemento, então, seriam os moradores. Gente, na maioria, que seria notícia, em alguns casos, quando ocorresse uma tragédia urbana.

Dessa maneira, a pauta que nos pautava era, justamente, encontrar as pessoas invisíveis para a mídia, mas que tinham endereço, andavam nas ruas todos os dias, faziam parte das estatísticas. Em fim, constituíam a população de São Paulo.

Mas, antes de iniciar um relato sobre a cobertura que o *SeuBairro* realizou na cidade de São Paulo no período de interesse dessa dissertação, vou recorrer à imagem que a jornalista e professora de Jornalismo Cremilda Medina trouxe para o título de uma de suas obras – *A Arte de Tecer o Presente* -, que serviu de referência para esse trabalho acadêmico.

Como Cremilda Medina, vou imaginar um tecido formado por grupos sociais, comunidades e indivíduos e começar a apresentá-los em uma teia que começa de uma maneira aberta e, durante a narrativa vai se fechando até chegar a pessoas distintas, mas diferentes e únicas.

2. Gente da cidade

Os repórteres do suplemento *SeuBairro* trouxeram histórias de diversos segmentos da sociedade. Freqüentaram ambientes luxuosos e favelas. Encontram pessoas solitárias e a família imigrada que celebrava unida o centenário do desembarque. Foram páginas de uma história da cidade que não havia sido contada.

Falaram com as pessoas na Praça da Sé, ouviram versos de um engraxate poeta. Foram a templos com missa em japonês e respeitosamente acompanhar cultos budistas entre brasileiros. Entrevistaram artistas de palco e da TV. Trouxeram notícias do balseiro da Represa Billings, viram a paisagem urbana se modificar da janela do trem da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos, sacudiram no ônibus Penha-Lapa.

Tomaram chuva e sentiram frio. Conheceram agricultores que viviam de temperos, em plena Marginal do Tietê e, não menos espantoso, o pecuarista da Marginal do Pinheiros. Apresentaram um hortelão poeta e procuraram uma Maria Rosa da marcha de Adoniran Barbosa. Encontraram os amigos. Na Vila Matilde, havia um Nenê entrado em anos.

Teve ensaio nas escolas de samba da Zona Norte, blues na Pompéia e sanfona, no Centro; tarantella e sushi, pasme, na Mooca. Comida árabe nos Jardins e da Sérvia na Vila Mariana, craque de futebol da ativa, em Artur Alvim, e do passado, no Brooklin. Cineasta, no Cambuci e cinemaníacos, na Vila Carrão e em Itapevicirica da Serra. Motorista e borracheira; fotógrafo dos que hoje são advogados e de

crianças, puxando um bode e o cenário. Dupla mineira e pagodeiros detentos, na Zona Norte. Pintor, artista plástico e escultor, na Zona Sul. Advogado especialista em história de cemitério, padre despontando para o sucesso, tintureiro andarilho e palhaço.

Para unir toda essa diversidade, amizade e, principalmente, solidariedade, para crianças, jovens e adultos carentes. Não faltaram tradição e novidade. História e histórias, de cangaceiro e de vida. Nada de morte.

Essa colagem de situações reflete um aspecto humano da cidade de São Paulo e é um apanhado ligeiro do que foi reunido ao longo de quase 8 anos de contato diário com moradores de todos os cantos. Suas vozes se transformaram em textos e estas notícias, que serviram de material para essa dissertação acadêmica.

2.1 Os imigrantes

A presença dos imigrantes na cidade de São Paulo segue a linha do tempo. Antes deles, eram os índios e, não muito longe do Bom Retiro, que reivindica a condição de concentrar o primeiro núcleo de moradores da cidade, num período que antecede a fundação do Pátio do Colégio, *SeuBairro* seguindo esse suposto movimento de ocupação, encontrou, na região próxima à antiga Estação Ponte Pequena, um grupo de armênios.

Eles contaram sobre a experiência de se verem em meio ao conflito étnico com os turcos. Essas testemunhas vivas da História estavam alojadas em um lar para idosos, mantido pela comunidade e cercado por religiosos, na Avenida Prestes Maia.

Os repórteres do suplemento encontraram também na Zona Norte, ilhéus portugueses que se confraternizam na Vila Amália. Já o tradicional comércio do bairro do Bom Retiro passou a viver uma mescla de etnias na virada do século, com a chegada de orientais e bolivianos, além de brasileiros de regiões variadas, que passaram a conviver com árabes e judeus.

Mas, a diversidade está presente, principalmente na Zona Leste. As tradições italianas são revividas anualmente nas festas napolitanas que animam a Rua Caetano Pinto, no Brás, com imigrantes e descendentes, devotos da Madonna de Casaluce. Ainda do Sul da Itália, desde 1882, imigrantes de Polignano a Mare, na Puglia, fazem parte da vida paulistana. Eles agitam o Brás para celebração da festa de São Vito Mártir. Na Mooca, napolitanos e seus filhos promovem a festa

de San Gennaro. No resto do ano, jogam bocha, para manter a tradição de família, trazida da Itália.

Do Leste Europeu, os russos escolheram a Vila Alpina, onde ergueram o primeiro templo da Igreja ortodoxa no Brasil, em 1935. Já os lituanos preferiram a Vila Zelina para cultivar as tradições gastronômicas, religiosas e cívicas, como a independência conquistada em 1918.

Quem quiser aprender grego pode visitar o Pari. Há quase 50 anos no bairro, o Instituto Educacional Atheniense oferece também aulas de dança típica, de filosofia e história da Grécia, além de concentrar membros da comunidade grega na cidade.

Eles vivem na Zona Norte, em sua maioria, mas marcam encontro no Canindé. O estádio da Portuguesa de Desportos costuma servir de sede para comemorações, como a festa no Dia de Nossa Senhora de Fátima, ou mesmo o aniversário do clube de futebol, fundado em 1920, como o vizinho Corinthians. Mas, até em São Miguel Paulista há portugueses e descendentes, especialmente os da vila de Brunhosinho, localidade que faz parte do distrito de Braga, em Trás-os Montes. Esses imigrantes fazem festa para matar as saudades, com dança e comida típica.

De Itaquera saem pêssegos e plantas ornamentais, cultivadas há quase um século por imigrantes japoneses e famílias de descendentes, que mantêm vivas as cerejeiras que florescem em clima de comemoração todos os anos. Na Vila Carrão, a comunidade reunida em torno da Associação Okinawa, dá lições de cultura, com cursos de ikebana, de desenho e do ritual da cerimônia do chá. No domingo, os

católicos rezam em japonês na missa da Igreja de São Gonçalo, na Praça João Mendes, no Centro.

Outra representativa comunidade de imigrantes em São Paulo se concentra na Zona Sul.

O primeiro registro da presença de alemães está na região de Colônia, em Paraiheiros, local escolhido pelos pioneiros. que chegaram em 1829. Cinquenta anos depois, o Colégio Visconde de Porto Seguro abre suas portas para filhos de imigrantes. Depois da Praça Roosevelt, no Centro, a escola se mudou para o Morumbi onde passou a receber alunos de várias etnias e classes sociais.

Para conhecer a cultura desses imigrantes, o Instituto Hans Staden, em Santo Amaro, mantém um acervo com livros e filmes. Também há professores que ensinam alemão aos interessados. A tradição musical está representada, no Campo Belo, pela Sociedade Filarmônica Lyra, que mantém um coral afinado, além de grupos de dança e teatro. Mas, bastante original são as regras do Clube Transatlântico, freqüentado por descendentes. Não abre em fins de semana e os sócios freqüentam as instalações de paletó e gravata. Afinal, esse é um local para reuniões de negócio.

Para a Zona Sul também se dirigem os representantes da comunidade judaica, que se encontra no clube A Hebraica para o ritual do Shabat. Ou, então, para freqüentar o Instituto Hebraico, no Paraíso, onde há aulas de dança e de hebraico.

No Campo Belo, desde os anos 30, a Associação Austro-Brasileira reúne a comunidade de imigrantes e suas famílias. Já os libaneses – cuja presença no Brasil é superior à do próprio país –

espalhados pela cidade, se encontram no Clube Monte Líbano, na região do Ibirapuera. Enquanto os sírios, que estão prestes a comemorar 100 anos no Brasil, orgulhosamente lembram do principal objetivo da Associação Síria: manter o Hospital do Coração, no Paraíso.

As tradições da Calábria, contudo, não ficam na Mooca, como se supõe. O Circolo Sociale Calabrese de San Paolo, no Ipiranga, promove atividades culturais e religiosas características da região do Sul da Itália. No bairro vizinho, a Vila Monumento, está a sede da Sociedade Hispano-Brasileira, cujo objetivo é manter unidos os imigrantes espanhóis e suas tradições.

A presença dos imigrantes japoneses também se estende para a Zona Oeste. No Alto da Lapa, esportistas veteranos praticam gatebol, no Centro Educacional e Esportivo da Lapa, o Pelezão. Na área urbana da Rodovia Raposo Tavares, o clube da Cooperativa Agrícola de Cotia, que era uma referência na região do Largo da Batata, em Pinheiros, abre suas portas para sócios ocidentais praticarem beisebol, softbol e gatebol; também são oferecidas aulas de ikebana e de tai-chi-chuan.

A diversidade de costumes e culturas, diante da presença de imigrantes estrangeiros e brasileiros, faz de São Paulo uma metrópole única no mundo. Esse recorte tentou localizá-los na cidade e, rapidamente, reforçar a idéia de que é enriquecedor conhecer o que nos é diferente.

2.2 Resgate da história dos bairros

Os imigrantes que chegaram à cidade de São Paulo no século 19 não trouxeram a Revolução Industrial. Era gente do campo, em sua maioria, que se estabeleceu mantendo seus costumes. No período coberto por essa dissertação de mestrado foram recolhidos, em entrevistas e reportagens publicadas no suplemento *SeuBairro*, aspectos históricos que envolvem os bairros da cidade e as notícias não fazem referência a iniciativas de empreendedorismo industrial. Falam de iniciativas particulares e localizadas de organizar a memória, como é caso do Bexiga, Bom Retiro, Santana, Jaçanã, Mooca, Parelheiros, Socorro, Vila Esperança, Vila Santa Terezinha e Tatuapé, que têm um passado recente documentado, ou em vias de serem oficializados.

Por meio de um levantamento em arquivos oficiais, no Brasil e em Portugal, um grupo de comerciantes do Bom Retiro reivindica para o bairro o pioneirismo urbano da metrópole. Como argumento, afirmam que por ocasião da fundação do Pátio do Colégio, já existia um aldeamento na várzea do Tamanduateí, onde séculos depois o bairro cresceu.

Com foco na história mais recente, o suplemento foi procurar as Senhoras de Santana que, nos anos do regime militar, se uniram em torno de uma campanha moralista. O que foi apurado entre as representantes do grupo entrevistadas foi que elas não se afastaram daquele espírito conservador.

A projeção que o *Trem das Onze*, de Adoniran Barbosa, trouxe ao bairro do Jaçanã estimulou o morador Sylvio Bittencourt a

fundar em 1983, com a colaboração de 40 outros entusiastas, a Associação Museu Memória do Jaçanã. Essa equipe procurou reunir material que justificasse a empreitada. Era preciso um local para a exposição do acervo que, no início, ficou na garagem da casa de Bittencourt. Em 1993, o acervo foi transferido para um imóvel, cedido pelo governo do Estado, que originariamente era um galpão utilizado pelos ferroviários. Os símbolos do museu são, além de Adoniran e o trem, o pássaro que deu nome ao bairro.

A idéia de um museu, contudo, veio do bairro do Bexiga, freqüentado por Adoniran. O autor foi o líder comunitário Armando Puglise, o Armandinho do Bexiga. Com a idéia de Armandinho, acrescida de uma proposta mais ampla – de desenvolver a consciência de cidadania por meio do resgate do passado da comunidade – o projeto inicial do museu do Jaçanã ganhou apoio de um escritório de arquitetura, segundo notícia de 3 de janeiro de 1995.

“Obras de museu vão começar em 3 meses”, informou *SeuBairro* em 2 de junho de 1997. O imóvel que abrigava o museu a título precário foi doado pelo Estado. Mas, na edição do dia 16 daquele mês, o suplemento informou que obra na praça para realização de eventos na área da Memória do Jaçanã havia causado polêmica entre os moradores. Essa foi a última notícia sobre o museu do bairro.

No Bexiga, a instalação do seu museu estava problemática em 1995. Como forma de minorar as dificuldades, a viúva e a filha de Armandinho assumiram o imóvel com apoio de colaboradores e passaram a servir massas para divulgar o Museu e arrecadar recursos. Dois anos depois, o museu continuava como projeto, mas a idéia gastronômica se mantinha, segundo reportagem do suplemento, de 10

de abril de 1997. Um ano depois, a notícia foi a comemoração de 18 anos de criação do Museu.

Freqüentador das manchetes dos jornais brasileiros, o então ministro Rubens Ricúpero foi o personagem principal de uma edição, em 21 de julho de 1997. Ricupero, acompanhado de um irmão, percorreu as ruas do Brás, lembrando sua juventude.

Em maio de 1996, o Jaçanã voltou a ser notícia no suplemento. Desta vez, por meio do cineasta Audrá Junior, proprietário da empresa cinematográfica Maristela, que fez história no bairro.

De Parelheiros, a notícia falava da origem do bairro, que cresceu em torno de imigrantes alemães e japoneses, que lá encontraram aldeias indígenas. Em 1997, estimava-se em 155 mil moradores a população, com predominância de nordestinos. O cenário, contudo, lembrava a zona rural, com predominância de chácaras.

Na região, o bairro do Socorro mantinha a salvo documentos, além da memória de antigos moradores, sobre a sua origem, marcada pela chegada de uma imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em 1808. Esse e outros fatos estão no livro “Capela do Socorro: a História que o Povo Conta”, do poeta Valdek de Oliveira.

A edição de 4 de abril de 1998 trouxe mais novidades, tanto para o Museu do Jaçanã, quanto para fãs da televisão. O Capitão 7, o ator Ayres Campos, e o Vigilante Rodoviário, Carlos Miranda, que pertenceram ao cast dos estúdios Maristela, participaram do evento que marcou a entrega do acervo da companhia cinematográfica para o Museu.

Preservar a história também se mostrou a preocupação de moradores da Vila Santa Teresinha. Comerciante e prático de farmácia se uniram para pesquisar as transformações que deram outro perfil ao bairro, a partir dos anos 50. Nessa época vendia-se com caderneta, a gravata era obrigatória e o bonde levava os moradores para o centro da cidade.

No Tatuapé, o passado estava guardado na Padaria Lisboa, que mantinha capítulos do cotidiano, desde 1913, quando foi fundada. Na Mooca, a história foi contada pelo fotógrafo Pedro Martinelli, que registrou a arquitetura das fachadas das residências do início do século 20. A história do bairro também podia ser conhecida por meio de objetos e registros doados por famílias tradicionais, guardados pelo Núcleo Museológico.

2.3 Vida de bairro

Aparentemente, esse capítulo pode distoar, ou parecer estar fora de ordem. Na verdade, apenas antecede o seguinte, mas tem uma característica própria. Aqui não se fala de morador. São relatos de fatos que interferiram ou que fazem parte da vida do bairro. Os seguidores do padre Marcelo “invadiram” a Vila Mascote; no Carandiru, a “multidão” não visitava a Praça Orlando Silva. Esses são dois exemplos de registros de momentos em que o bairro foi notícia por motivos alheios ao desejo dos moradores. Foram notícia porque aconteceram ali, ou o local remetia a uma outra notícia. Há também registros também de ações da coletividade com relação ao local onde moram. Em Lauzane Paulista, a versão local da Corrida de São Silvestre, no Campo Belo a preocupação com a lei do zoneamento.

Por ocasião da morte do piloto Ayrton Senna, *SeuBairro* Norte publicou a manifestação de saudades de moradores que, de alguma maneira, tinham uma lembrança pessoal do ídolo do automobilismo, na reportagem de capa “As ruas e pessoas que viram Senna brincar”. Na Vila Guilherme, o destaque foi a praça florida onde se plantou também oliveiras; os rituais tradicionais do budismo, atraía praticantes a templo na Freguesia do Ó, como o *obon*, em homenagens aos parentes mortos, com oferendas, cânticos e sermões.

O suplemento registrou ainda a manifestação de um pequeno grupo de admiradores de Orlando Silva em prol da urbanização da praça que lembra, com um busto, o “cantor das multidões”. Organizada, comunidade não esperou a iniciativa do governo e decidiu transformar terreno abandonado da Eletropaulo em

ponto de encontro, no Carandiru. E, no Jardim Teresa, a maior parte dos moradores não sabiam quem eram os homenageados no nome das ruas do bairro, escolhido para lembrar perseguidos políticos, desaparecidos, líderes assassinados por causa de suas idéias e presos políticos. Até o bairro se tornou esquecido pelas autoridades.

Seguindo uma tradição local, no último domingo do ano, a comunidade promove em Lauzane Paulista, a sua Corrida de São Silvestre. *SeuBairro* noticiou os 25 anos da prova de atletismo, aberta a participantes de todas as idades. E, em busca do sabor da natureza, moradores da região encontram na Chácara dos Frades, no Tremembé, mel e derivados, produtos do apiário, além de frutas e verduras cultivadas sem agrotóxico.

Do Centro, foram publicadas reportagens que apresentaram focos de interesse da população, praticamente desconhecidos, como o restaurante no Bexiga que se transformou durante a semana em ponto de taxistas na hora do almoço e, um bar, no bairro, cujos donos palmeirenses, assavam a fogazza campeã.

Também foi incluída a loja de instrumentos, nas proximidades dos Correios, especializada em sanfonas usadas, que atraíam cerca de 40 compradores por mês e inúmeros fãs da música tradicional do Nordeste. E, de volta ao Bexiga, o suplemento noticiou o fechamento de uma loja de armarinhos, que vestiu gerações do bairro.

O bairro da Pompéia, na Zona Oeste, passou a ser reconhecido pelos jovens a partir dos anos 70 como a Liverpool paulistana, numa referência à cidade inglesa, berço dos Beatles. Ali se forjou o rock paulistano. Mas, nos anos 80, o bairro se transformou no reduto dos jovens músicos de blues da cidade, onde havia estúdios,

oficinas de luthiers de guitarras e, principalmente, onde os músicos moravam.

E, a memória musical e intelectual paulistana também foi representada pela visita à casa dos Buarque de Holanda, no Pacaembu. A arte se manteve em pauta com a divulgação da iniciativa de dois cineastas da região que criaram o Cine Mambembe, cujo objetivo era exibir documentários e divulgar curtas produções alternativas.

Abusos do zoneamento se transformaram no foco de interesse de associações de moradores que pretendiam preservar áreas no Alto da Lapa, Pacaembu e Higienópolis. Esse bairro também foi lembrado na reportagem de capa “O dia-a-dia e a história de ‘Iidichenópolis’ ”, numa referência à presença, na época, de 3 décadas da comunidade judaica. Lá estão pólos da cultura hebraica, como centro de cultura, o comércio de produtos kasher e, ainda, sinagogas e escolas, que traduzem a tradição mantida por grande parte de seus moradores.

Em oposição às propostas de resistência urbana, o suplemento registrou a curiosidade das pessoas que andavam na Avenida Paulista diante da demolição da casa que havia sido dos Matarazzo. O imóvel, já quase totalmente demolido, não suportou um temporal que resultou na queda do telhado. Havia os curiosos que queriam olhar, entre os tapumes, o que restou da moradia; uns especulavam sobre a causa da queda do telhado, outros sobre o futuro do imóvel.

Já em Pirituba, a construção de uma Casa da Cultura era uma antiga reivindicação dos moradores. A proposta havia de se tornado prioridade, conforme noticiou o suplemento. Só faltava definir a área em que seria erguida a sede da instituição.

Na comunidade de Carapicuíba, na direção Oeste, mas já além da divisa do município de São Paulo, a tradição religiosa é lembrada e reverenciada na Festa de Santa Cruz, manifestação trazida dos tempos de colonização pelos jesuítas. Nesse dia, há musica e atos religiosos, como registrou o suplemento.

E, na Granja Viana, *SeuBairro* constatou a presença de um núcleo de moradores que haviam sido ídolos do iê-iê-iê. Eduardo Araújo, então casado com a cantora Silvinha, e as cantoras Martinha e Kátia Cilene tinham projetos próprios, mas em comum eram quase-vizinhos no bairro.

Tão distante quanto a Granja Viana do centro, mas no extremo sul da cidade a 40 quilômetros do Marco Zero, a Ilha do Bororé, uma península na Represa Billings, vivia uma transformação. Os moradores se organizam para conseguir desenvolvimento urbano, social e ecológico do local, cujo acesso se dá por balsa.

Preocupação semelhante, mas voltada para a questão do cumprimento da legislação urbana, levou moradores do Campo Belo a reivindicar a observação do zoneamento, que classificava a região como residencial.

Esse problema não ocorria na Vila Mariana, onde uma pizzaria se instalou numa antiga oficina de bondes, mantendo as características arquitetônicas do imóvel. E, em termos de culinária, os temperos do Oriente Médio marcavam presença na região do Jardim Paulista e de Moema, em três novos estabelecimentos.

No bairro do Ipiranga, clube que se tornou referência na história do futebol paulistano se mantinha fiel em incentivar a prática do esporte amador entre seus 40 mil associados. O Ypiranga passou a oferecer também, desde 1906, um espaço de lazer para as famílias do bairro. Mas, não como a Aclimação que, desde 1994, quando foi fundada a Escola de Futebol da Aclimação, se transformou em pólo de atração para esportistas mulheres aspirantes a futebolistas.

A Vila Mascote viu surgir um fenômeno da comunicação de massa. Eram as missas da Libertação, celebradas pelo padre Marcelo, que reuniam cerca de 10 mil fiéis por semana nas igrejas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e de Santa Rosália.

A diversidade também faz parte da Zona Leste, cortada pela mais extensa via urbana da cidade. A Avenida Sapopemba tem 45 quilômetros que unem a agitação da cidade, num extremo, e o clima rural, na outra ponta. O perfil contrastante de seus moradores foi notícia no suplemento. Com espírito semelhante foi registrado na viagem do trem da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos que corre na linha variante, um sinal de mudança. Da janela, o viajante notava as transformações que ocorriam na paisagem urbana, entre o Brás e o Itaim.

Não muito diferente, ainda, era tomar um ônibus da linha Penha-Lapa. Essa ligação entre bairros separados por 28 quilômetros de ruas é uma das mais antigas do transporte público paulistano. Nesse caso, a mudança mais notável era a do perfil dos passageiros, que iam ou voltavam do trabalho.

No período, o suplemento registrou dois momentos de exercício de cidadania. O primeiro, resultado da atividade do Núcleo de

Artistas da Cohab de José Bonifácio, que trouxe para a Galeria Prestes Maia, no Centro, trabalhos criados por moradores, em pinturas e desenhos. O segundo, a divulgação dos, então, novos símbolos do bairro do Tatuapé – a bandeira e o hino - que foram oficialmente incorporados à vida real dos moradores na festa cívica realizada na Praça Silvio Romero, em 1998.

Nesse ano, as irmãs franciscanas reunidas na Vila Zelina e no Tatuapé celebravam 60 anos de presença no ensino dos moradores desses bairros e da região. Dois anos antes, *SeuBairro* encontrou um grupo de moradores que cultivavam uma horta, com canteiros de cebolinha, orégano, coentro, entre outros temperos, plantados na Marginal do Tietê. A plantação ficava num terreno abandonado da Sabesp ao lado da Ponte Aricanduva, sobre o rio, e servia de sustento para aquela gente.

Um fato pouco noticiado e quase inusitado era a presença de imigrantes japoneses na Mooca. Além dos moradores descendentes de italianos e espanhóis, ali também vivia um reduzido e discreto grupo de imigrantes japoneses, que fundou a Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira, onde concentra suas tradições e o lazer.

Em 1995, o suplemento promoveu um encontro entre o grupo musical Os Demônios da Garoa e o bairro onde o conjunto começou a carreira havia 43 anos. Os Demônios estavam na Mooca, que seria cenário da trama da novela *A Próxima Vítima* – de Silvio de Abreu, que foi ao ar pela Rede Globo naquele ano – e passaram pelo bar onde a carreira musical do grupo começou, com uma trilha sonora de Adoniran Barbosa (V. *anexo*).

Esse encontro resultou, no ano seguinte, na visita à Vila Esperança, que guarda a lembrança dos tempos do futebol e dos animados carnavais. O bairro viveu momentos de glória com o time Recreativo União Vila Esperança Futebol Clube, o Ruve, como é carinhosamente lembrado, e com os desfiles de carnaval, sempre concorridos. Essa época foi retratada por Adoniran na marcha Vila Esperança, gravada pelos Demônios da Garoa em 1968.

A repórter Elenita Fogaça, ouviu moradores e recolheu lembranças. “Foi lá que Adoniran passou um carnaval. Para compor a marcha *Vila Esperança* ele ficou ouvindo as nossas histórias”, diz Armando Sanches, fundador do Ruve, segundo anotado pela repórter.

Indagado se a história é verídica, Elenita perguntou quem era a Maria Rosa da letra da música. “Era uma menina-moça de encantar poeta”, disse o então presidente do Ruve Salvator Vignati, na época com 59 anos, morador do bairro havia 57 anos. Nesse momento Armando Sanches interveio: “Ela morreu e não convém falarmos dela”, registrou Elenita.

No texto, a repórter menciona que os foliões mais antigos garantem que Maria Rosa existiu e encantou Adoniran. Para a nova geração ela apenas faz parte da imaginação dos mais velhos. Entra na conversa a dona de casa Ivone Beraldo, que passou quase todos os carnavais de sua vida na sede do Ruve. “Cada uma de nós era a ‘Maria Rosa’ de alguém”, explica Ivone. “Era comum moças e rapazes se conhecerem no carnaval e de lá iniciar um romance que não durava só os dias de festa. A união de muitos foi para a vida toda”, finalizou Ivone, segundo a reportagem.

No Tatuapé, amizade era levada a sério. As crianças da Rua Fernandes Pinheiro matam há 40 anos as saudades em reunião anual.

2.4 Os personagens

A vida nos bairros se manifesta pela história de seus personagens e, no período que esta dissertação cobre, o suplemento *SeuBairro* colecionou uma galeria de pessoas que ajudam a traçar o perfil humano da cidade. Há as que narram a passagem da história; outras contam suas histórias. Outros, ainda, se destacam pelas suas atividades, algumas bastante curiosas.

No Centro, o retratista do Parque da Luz resistia com sua câmera lambe-lambe havia 41 anos. Distantes de qualquer cenário para o qual contribuía, dois comerciantes do ramo da pesca apresentaram seus “causos”; o então síndico do Edifício Copan falou de seu trabalho, de organizar a vida de cerca de 5 mil moradores e 6,5 mil pessoas que por ali circulam todos os dias.

O repórter encontrou o primeiro motorista de ônibus que, aposentado, dirigia um Aero Willys, na época com quase três décadas de uso. No Largo de São Bento, havia 40 anos, o engraxate poeta, com o curso primário completo, guardava cadernos com 200 poesias, tocado por uma visão da Virgem que teve aos 10 anos de idade. Na Estação da Luz, havia 20 anos, um também engraxate se orgulhava em ser inventor nas horas vagas.

Na Praça da Sé, a pauta se transformou na observação de vendedores e religiosos que tentavam conquistar os passantes “no grito”, com microfone, ou dando piruetas. Ali, também, em torno do Marco Zero, um flagrante paulistano registrou uma falsa freira que

perambulava pela região, o garoto que esperava o pai, camelô, e o baiano recém-chegado.

Na Faculdade de Direito da Universidade São Paulo, no Largo de São Francisco, entre as tradições acadêmicas, o foco foi para o fotógrafo que havia registrado nos últimos 25 anos, eventos e alunos, em sala de aula e em festividades. E, na Galeria do Rock, como ficou conhecida a passagem entre a Rua 24 de Maio e a Avenida São João, oficialmente denominada Grandes Galerias, estava um vendedor de discos que, quando gostava do artista, ia ao show, assessorava, fazia divulgação e acabava se tornando amigo do ídolo.

Na Zona Leste, *SeuBairro* encontrou uma dupla de tetracampeões de peteca. Um morador da Mooca preocupado com a comunidade; o cantor, pianista e compositor Johnny Alf, morador do bairro, mostrou como era sua vida nos intervalos dos compromissos na noite. O repórter encontrou ainda um morador que trazia na memória cada canto e um punhado de histórias dos mais de 60 anos vividos na região.

No Brás, vivia um anarquista, filho de imigrantes espanhóis, que viveu os momentos das primeiras greves e do início do sindicalismo paulista. Do Tatuapé, foi registrado um exemplo de solidariedade, personificado na líder do grupo Liberdade é Vida que, aos 84 anos, da Praça Sílvio Romero, comandava ações voltadas a recuperar meninos de rua.

Na Vila Ré, o tintureiro andarilho passou pelas páginas do suplemento, fotografado com os cabides que carregava nos ombros com as roupas limpas que entregava e as que recolhia para trazer na próxima semana. Na região, duas celebridades do esporte passaram a

atuar em outro campo de atividade. Os goleiros Gilmar dos Santos Neves, da equipe brasileira nas Copas de 58 e 62, e Félix Venerando, responsável pela defesa em 70, partiram para uma carreira no setor de veículos, dirigindo respectivamente uma concessionária e uma funilaria. Ainda do futebol, Dodô, o então craque do São Paulo, líder da artilharia do campeonato naquela época, falou para os leitores do *SeuBairro*, diretamente do conjunto habitacional em Artur Alvim, onde vivia com os pais.

Na Vila Carrão, havia o colecionador que vivia o dilema de precisar se desfazer da sua paixão de mais de 40 anos. Fã de cinema, ele não encontrava mais lugar para guardar seu arquivo. E, em tempos de baladas eletrônicas, a região exportou um talento que se desenvolveu nas animadas noites da danceteria Toco, no Tatuapé. O DJ-residente se despedia, numa noite que não tinha hora para acabar, para um encontro de DJs em Londres.

Nos 50 anos da sua escola de samba, seu Nenê se transformava em personagem principal da Vila Matilde no documentário que começava a ser rodado, que iria mostrar como o samba do bairro deixou os salões dos clubes da região e fez história na avenida e depois no sambódromo paulistano.

Na Zona Norte, guarda de trânsito orientava e dava show de simpatia em rua movimentada da Vila Nova Cachoeirinha. No ponto de táxi, no Limão, motorista mantinha, enquanto esperava as corridas, uma tradição que trouxe do Nordeste, com seus versos de cordel.

Da tela da televisão, morador famoso de Santana, onde nasceu, o cantor Sérgio Reis, que vivia um personagem na novela *O Rei do Gado*, passeou com o repórter pelos caminhos do bairro que

guardava na memória. Ainda no segmento musical, os repórteres encontraram também o compositor Renato Teixeira, “tocando” a vida na Cantareira, região bucólica que o inspirava havia 12 anos, depois que deixou a correria da cidade.

No Tremembé, a dupla de irmãos Pena Branca e Xavantinho cultivavam na casa onde moravam com a mãe, Dolores, as tradições rurais que trouxeram de Uberlândia, na música e no jeito de viver da roça. Do Carandiru, uma notícia original: o Grupo Sistema, de pagode, dos quais alguns integrantes ainda cumpriam pena, anunciam lançamento do CD *Além dos Limites*, em casa de show fora dos muros da prisão.

Aclamado morador, o campeão olímpico Adhemar Ferreira da Silva mantinha um pé na região, como foi noticiado. Ele nasceu na Casa Verde, criou-se e viveu no Peruche e trabalhava em Santana. Menos conhecida, mas também detentora de um título original, taxista de 60 anos, com ponto no Carandiru, era a mais antiga motorista em atividade na época.

E, ainda, a região serviu de cenário para o centenário da família Bandini. Em 1998, comemorou-se, em Lauzane Paulista, com uma festa à italiana, o desembarque no Porto de Santos do patriarca Franceso.

Morador do Jardim Maria Nazareth, o fotógrafo João do Carneirinho, havia 40 anos, mantinha o otimismo e era visto nas ruas da região, puxando um pônei e uns carneiros que compunham o cenário dos registros das crianças que ele encontrava no caminho.

Outros personagens foram encontrados na Zona Oeste. O sertanista Orlando Vilas Boas fez da Lapa seu refúgio na selva urbana. Ele fez um passeio por ocasião dos 405 anos de fundação do bairro e um resumo da sua vida na região foi assunto de matéria de capa do suplemento. Menos famoso nacionalmente, mas conhecido pelos lapeanos, morador decidiu cultivar um canteiro de legumes no quintal da sua casa. O resultado virou notícia no *SeuBairro* (V. *anexo*).

Ainda no bairro, no final de 1997, onde existiu o antigo Cine Nacional, cujo espaço foi remodelado para abrigar a casa de shows Olympia, se registrou uma movimentação, que não era mais novidade para a vizinhança, mas, nesse caso, era especial: o show de Roberto Carlos. Era mais um show de fim de ano, do “rei”, mas o que interessou para o suplemento foi informar sobre os bastidores, com o “séquito” profissional do cantor produzindo o espetáculo.

Era do ateliê, no Sumarezinho, do artista plástico Aldemir Martins, que vivia na cidade há 50 anos, que saíram suas últimas obras. Também na região, era possível contratar os serviços de Maria de Lourdes, que mantinha as unhas sujas de graxa e venceu preconceitos na sua borracharia.

No Cemitério da Consolação, o repórter encontrou um especialista. Havia 20 anos que um advogado pesquisava túmulos e os classificava segundo os valores histórico, artístico e arquitetônico. Ele também conhecia fatos e mistérios de mortos ilustres enterrados no local.

No Butantã, *Sila*, do bando de Lampião, anunciava seu depoimento impresso com as memórias do cangaço. Em *Angicos*, *Eu Sobrevivi*, ela deu uma nova versão ao episódio da morte de Lampião.

Ainda na região Oeste, mas além dos limites da cidade, os repórteres do *SeuBairro* encontraram em Osasco o pintor Waldomiro de Deus, que vivia na cidade havia 38 anos, de onde reuniu elogios do colega Salvador Dali e reconhecimento internacional. Na Aldeia de Carapicuíba vivia um veterano garçom que, ao longo de 64 anos de profissão, já havia prestado serviço a mais de 200 famílias de renome na Capital.

A Granja Viana passaria a oferecer aos fãs da velocidade mais um espaço. O kartódromo local recém-inaugurado, se tornou, a partir de então, referência para os pilotos brasileiros e alguns de fama internacional, da Fórmula 1. O local passou a atrair curiosos, amadores e profissionais do esporte.

E, de Itapevi, o suplemento trouxe o resultado de dois anos de um trabalho altamente especializado de caldeiraria, realizado pelos técnicos da Oficina Naval. Dali saiu para os ajustes finais o barco que Amyr Klink levaria para sua expedição ao Pólo Sul.

Na Zona Sul, admiradores do Velho Oeste e de filmes de caubói se reuniam, perto do Ipiranga, aos sábados para assistir filmes de banguê-banguê no Clube dos Amigos do Western. Mas, não era um público comum de cinema. Esses acompanhavam as cenas vestidos a caráter, de chapéu, lenço no pescoço e revólver de brinquedo.

Não longe dali, Zé do Caixão dava aulas arrepiantes de interpretação. No Cambuci, cineasta guardava em seu museu particular a memória da sétima arte, com projetores, filmes antigos, pôsteres, objetos raros e outros apetrechos ligados ao cinema. Na região da Liberdade, nissei contou que deixou a roça para se formar em

odontologia; durante o curso praticou beisebol e chegou a jogar pela seleção brasileira nos Jogos Pan-americanos de 1951.

A tranquilidade do bairro do Paraíso influenciou Arcângelo Ianneli, dono de uma personalidade “irriquieta” como definiu. Ali ele nasceu, mora e se projetou como artista plástico. Da Vila Mariana, o leitor do suplemento conheceu – ou se lembrou – de Ana Frida, que vestiu noivas e desenhou modelos em revistas especializadas e recebeu um convite do diretor de cinema Steven Spielberg para a estréia mundial de *A Lista de Schindler*, como agradecimento à sua colaboração no roteiro do filme.

As mudanças que ocorreram na vida da cidade foram narradas a partir de pontos de vistas diferentes, mas com alguma semelhança. A história da urbanização dos flancos da Avenida Paulista foi assunto do jornalista que manteve sua banca no eixo da Avenida Brigadeiro Luís Antonio. Aposentado e gerenciando o trabalho dos filhos, que herdaram sua profissão e a banca no Jardim Paulistano, outro jornalista viu as ruas tranqüilas do bairro sofrerem com o impacto do progresso.

No Jardim Europa, apesar das mudanças, uma tradição se mantém: a missa dos Josés, em março. A celebração ocorre na Igreja de São José e é acompanhada por vizinhos ilustres e, naquele ano, por um José, vendedor de bilhetes de loteria.

Vizinho dos Jardins, o Itaim-Bibi foi escolhido pelo dramaturgo e ator Marcos Caruso. O bairro faz parte da sua vida, mas ainda não foi homenageado por ele nos palcos.

Numa homenagem prestada por um clube social no Morumbi, Arrelia saiu de casa, na região e, aos 90 anos, emocionou adultos e crianças. Era o dia do lançamento do boneco com a sua cara de palhaço.

No Brooklin, o craque Rivelino abre uma escolinha de futebol na área de campo em que caçava passarinho. E, em Santo Amaro, o artista Julio Guerra, autor do polêmico Borba Gato, mostra aos leitores do suplemento suas telas que retratam o bairro em telas. Fiel às suas raízes santamarenses, o ator Raul Cortez conhecedor das belezas e problemas do bairro, disse que viveria o personagem de prefeito, na vida real, se a emancipação vingasse.

Um era recordista e o outro, amante da vida. Ambos, do Campo Belo. O primeiro figurou no livro *Guinnes* como o maior colecionador brasileiro de latas de cerveja. Ele guardava 28 mil vasilhames, de 150 países. Já o segundo, aos 96 anos, era formado em Medicina e nunca atuou na área; criou uma pomada contra dores lombares, mas se destacava porque gostava de namorar, cultivar amizades e não dispensava uma cervejinha.

Do extremo Sul, há um exemplo de solidariedade; uma versão original para a história de Angicos e, um criador de gado, na Marginal do Pinheiros. Todos foram notícia do *SeuBairro*.

Morador do Capão Redondo monta peças de teatro, no Teatro Paulo Eiró, em Santo Amaro, com elenco de crianças e adultos carentes; já o cabeleireiro casado com neta de Maria Brava, do grupo de Virgulino, acredita que Lampião e Maria Bonita estavam longe do acampamento quando a volante surpreendeu o bando nas primeiras

horas da manhã. E, em plena área urbana, morador cria 42 cabeças de gado e 15 cavalos.

Em Taboão da Serra, a catador de lixo realiza sonho de ser projecionista e exhibe filmes aos domingos no Mini-Cine Tupy, que montou em casa. No resto da semana, ele deixa o carrinho de mão que puxa pela cidade para comandar o projetor. Era a primeira vez que sua fama chegava à grande imprensa (V. Anexo).

Essa galeria de vivências está muito bem sintetizada por Cremilda Medina. Diz a autora:

“Quando se enfrenta na comunicação social, a experiência da rua e se vai ao mundo para registrar o perfil dos protagonistas sociais, sobretudo daqueles que ainda não se consagraram como vedetes (olimpianos, como diz [Edgar] Morin), não está em jogo a razão ou a irracionalidade. Emerge uma esfera que transcende a dicotomia racional/irracional: o universo fluido e misterioso da não-racionalidade”. (2003, p.130)

E, não com esse intuito, mas com esse resultado, o trabalho de procurar, para depois encontrar, ouvir e publicar essas histórias tão particulares quanto pessoais de moradores da cidade, acabam produzindo um perfil inédito de como se vive a vida na maior cidade do País, mesclada com experiências tão enriquecedoras.

2.5 A solidariedade

A composição do tecido humano que veste São Paulo vai ser detalhada neste capítulo por meio das reportagens publicadas no suplemento *SeuBairro*. Aqui, ocorre a constatação que a prática da solidariedade está espalhada entre os moradores da cidade. E, o que se pode perceber que essa não é uma atividade coercitiva. Nem, necessariamente, com fins econômicos. Até porque na maioria dos casos, são exemplos que ocorrem à margem da mídia.

Vale lembrar que os registros jornalísticos são de uma época em que não se falava em responsabilidade social de empresas. É época, aliás, que coincide com o surgimento das primeiras tentativas de ação do que se chamou de terceiro setor, que ainda eram iniciativas isoladas. *SeuBairro* pode servir de referência para um estudo aprofundado.

Apesar de o noticiário da época insistir no aumento dos índices de criminalidade, a ponto de estimular ainda mais nos paulistanos a idéia do isolamento e da falta de segurança, o que os repórteres do *SeuBairro* apuraram e transformaram em notícia indicam que pouco se sabe – e se noticia – sobre esse gesto de aproximação e cuidado com o próximo que se mostrou uma prática rotineira, apesar de dificuldades materiais de ambas as partes: a carência de quem oferece e de quem recebe.

O esporte é uma das ferramentas com as quais o agente se vale para lidar com grupos sociais, principalmente menores, no processo de amparo e proposta de inclusão. Uma academia de judô da Zona Norte encontrou horário para treinar crianças de rua; uma empresa

de exportação passou a dar apoio para jovens por meio da prática de futebol de salão, ao mesmo tempo em que promovia acompanhamento médico e psicológico entre os menores assistidos. Não muito diferente era a proposta do Sete de Setembro, um time de futebol da Freguesia do Ó, que preparava jovens para uma carreira profissional.

A essas iniciativas de longo prazo e voltadas para a prática esportiva, o suplemento divulgou outros exemplos recolhidos na região, como a proposta de uma ex-menina de rua que atendia 65 menores e de voluntários que promoviam festas nas quadras das escolas de samba Mocidade Alegre e Unidos do Peruche para a distribuição de presentes de Natal.

Ações de entidades ligadas à Igreja, como da Sociedade Dom Bosco, ou do centro espírita Irmão Augusto, de promover atendimento social a comunidades carentes eram divulgadas, como também atividades artísticas, voltadas para meninos de rua, ou práticas institucionalizadas, como a do Centro Social Leão XIII, na Vila Maria, que se repetia há 56 anos, que se somam às da Associação Santo Alberto, em Lauzanne Paulista, que mantinha o Centro de Convivência Odyra Moreira Ferreira, para 301 carentes de idades variadas, onde recebiam um acolhimento familiar.

Na Zona Sul da cidade, não era diferente. Pode ser mais organizado em mais espalhado, mas ali ocorria um trabalho sistemático na Favela Monte Azul, que envolve programas de educação, saúde, habitação e lazer para uma comunidade de 3.700 pessoas. Já na Favela de Nossa Senhora do Outeiro, em Cidade Dutra, a atividade desenvolvida pela Congregação Missionária da Santa Cruz, desde 1978, atingia na época 130 beneficiários, com idades entre 2 e 22 anos.

Na Favela 20, também no bairro, a atividade proposta pelo Centro Pastoral de Orientação e Educação à Juventude estava voltada a 120 garotos da comunidade que passavam a manter contato com atividades artísticas, como teatro e dança, aliadas ao companheirismo.

Em outros casos, era a arte imitando a vida. Moradora do Morumbi, após ter sido assaltada 8 vezes, muda rotina em favela. Paisagista, ela criou um programa social voltado para auxiliar os moradores da Favela do Jardim Panorama. Essa história inspirou a personagem Julia, da novela *A Próxima Vítima*, que exibida pela Rede Globo em 1995,

A iniciativa de uma pedagoga, moradora do bairro de Campo Grande, foi criar, em 1992, uma casa-lar para menores que pedem esmolas nas ruas ou são abandonados. A proposta foi acatada por empresas que ajudavam a manter esse atendimento. A Ação Comunitária do Brasil promoveu, no Campo Limpo, uma proposta semelhante, mas com um espírito preventivo: manter os 3 mil alunos matriculados nas escolas rede oficial na região ocupados no período de férias com atividades esportivas, culturais e de lazer.

Procedimentos de alfabetização e educação voltados a pessoas carentes foram notícia quando se falou do trabalho desenvolvido no Centro Comunitário Castelinho, em Americanópolis, destinados a crianças e mulheres da terceira idade. No Jardim Catanduva, obras sociais da Comunidade Kolping atraíam os moradores.

Os repórteres do *SeuBairro* encontram ainda outras maneiras de manifestar solidariedade. Uma clínica na região, atendia de graça casos de portadores de Síndrome de Down. Também mereceu

destaque o trabalho das equipes que contam com 600 voluntários que se dedicam a auxiliar no atendimento da Associação Assistência à Criança Defeituosa.

E, ainda, de uma maneira original, a atriz Etti Frazer havia adotado uma campanha solidária para ajudar representantes da classe artística diagnosticados com o vírus HIV. Como forma de divulgar a campanha, o suplemento divulgou a idéia de “dar mesada”, proposta pela atriz, a atores, bailarinos e artistas circenses sem recursos para arcar com o tratamento de saúde.

O tema saúde ofereceu outras pautas, como o auxílio prestado pelas equipes médicas do Amparo Maternal, na Vila Mariana, que acolhe e presta assistência a mulheres sem recurso. Também, o serviço prestado no Hospital Infantil Darci Vargas, de coleta entre doadoras e armazenamento de leite materno para distribuição gratuita foi divulgada para os leitores.

Um público específico, atendido na Unidade Básica de Saúde, do Jardim Lídia, também virou notícia. O suplemento registrou o programa de atividades proposto pela instituição Vida Ativa, com palestras, debates e atividades de lazer para moradores da terceira idade.

Propostas de inclusão social também passaram a ser divulgadas, como as desenvolvidas na Casa do Zezinho, que havia 4 anos abriu suas portas para oferecer aos menores carentes da região perspectiva de vida, por meio de cursos profissionalizantes. Com mais experiência nessa área, a Colméia, criada há 65 anos para orientar adolescentes para a vida, e a Cruzada Pró-Infância, que dá assistência

a crianças carentes, foram notícia pelos exemplos da força do trabalho voluntário.

Outras formas de resgate da cidadania se manifestaram por meio do esporte. Na região sul da cidade, seis escolinhas de futebol, mantidas por clubes e ex-jogadores, além de incentivar o gosto pela modalidade nas crianças, também se mostraram interessadas em manter vagas para menores carentes. Com uma proposta semelhante, a escola-casa do Projeto do Futuro treina, alimenta e educa talentos do atletismo, judô e natação com aulas no Conjunto Desportivo Constâncio Vaz Guimarães, no Ibirapuera.

Mas, há quem indique a música como instrumento de inclusão. Esse era o pensamento dos fundadores do grupo Meninos do Morumbi, que desenvolveu um trabalho baseado na percussão, que acabou sendo aplaudido em apresentações fora do País.

O resgate da cidadania, contudo, pode também ser exercido não apenas em torno da população carente. Dessa maneira, em 1996, o Movimento de Prevenção de Riscos Urbanos dava seus primeiros passos no Jardim Paulista. O objetivo de seus integrantes-fundadores era a busca de melhoria da qualidade de vida na cidade, mediante a coleta de denúncias de moradores. E, para uma cidade com índices de riscos urbanos, a iniciativa do Sesc-Interlagos, que chegou às páginas do *SeuBairro*, traria outra melhoria: a reciclagem de lixo para preservar meio ambiente, o que beneficiaria uma área de reserva nativa da Mata Atlântica, mantida naquela unidade.

Na Zona Leste, a proposta do Corpo de Bombeiros na Vila Prudente é carregada de símbolos. Ali, os bombeiros-mirins, resgatados da rua, recebem formação para salvar vidas. Essa iniciativa, que foi

matéria de capa do *SeuBairro* em 1995, foi a primeira de muitas outras experiências sociais na região.

Em Itaquera, a Obra Social Dom Bosco atuava para atender 800 menores abandonados que estavam nas ruas, preparando-os para disputar o mercado de trabalho. Nesse bairro, a Associação Pró-Excepcionais Kodomo-No-Sono, desde 1958 desenvolve um trabalho de apoio a portadores de deficiência mental de diversas idades, por meio de atendimento médico, psicológico e social e nas oficinas da instituição. Já no Parque Paulistano, a Associação Casa de Convivência de Meninos e Meninas de Rua dividia com moradoras da comunidade a atenção aos 10 menores abrigados.

Na Casa Comunitária Damião de Molokai, na Vila Prudente, o objetivo era atender 30 sem-teto que perambulavam pelas ruas do bairro e tentar readaptá-los à sociedade. Na Mooca, depois de viver nas ruas e conhecer o mundo da marginalidade, garotas voltam a ter esperança na Casa Moradia Paes de Barros, que oferece abrigo, atividades esportivas e culturais. Em Sapopemba, uma entidade procura ajudar adolescentes carentes a aprender profissão e montar negócios; trabalho surgiu com apoio da comunidade e da Igreja.

Os olhos da sociedade nos menores desassistidos também sensibilizaram moradores da Vila Formosa. Ali, o Centro de Formação Profissional oferecia opções para jovens por meio de cursos variados: de informática a serviços domésticos. No Belém, não era diferente. As equipes que coordenam os projetos do Centro Social Bom Parto atendiam um público especial: crianças, jovens e adolescentes. Em São Mateus, a idéia de oportunidades na sociedade passava por uma mini-fazenda; no Tatuapé o atendimento era diversificado diante das carências observadas. No bairro, a Casa Transitória oferecia

assistência, emprego e ensino a pessoas carentes, além de atender gestantes sem condições financeiras, idosos e crianças portadoras do vírus da Aids. Outra instituição que virou notícia foi o Núcleo Assistencial Espírita Paz e Amor, que, por meio de seus 500 voluntários, ensinava ofícios e oferecia apoio psicológico e médico para crianças e adultos.

A cobertura do suplemento *SeuBairro* na Zona Oeste encontrou outros exemplos. Uma das primeiras iniciativas na região, entre empresas privadas envolvidas em ações sociais, estava a do Instituto C&A em parceria com entidades sociais e trabalho de 600 funcionários voluntários eram desenvolvidos projetos em educação e assistência de crianças carentes.

O trabalho social conjunto do Governo do Estado, da iniciativa privada e da população faziam girar as máquinas instaladas num antigo galpão ferroviário, na Lapa, que recebia gratuitamente portadores de deficiência física ou mental e pessoas carentes. Na Vila Mirante, mães que tiveram filhos desaparecidos, se reuniam na casa da líder local do movimento Grupo de Mães da Sé.

Outra maneira de resgate da cidadania e, ainda, do próprio indivíduo marginalizado ocorria em entidades que promovem a reciclagem de lixo. No Instituto de Reciclagem do Adolescente, a atividade também embutia um fim ecológico.

Além dos limites urbanos de São Paulo, onde o suplemento também circulou, a equipe de repórteres, da mesma maneira, recolheu experiências de solidariedade. Na Granja Viana, moradores carentes de duas favelas e de sete comunidades da região trocaram a vida nas ruas por brincadeiras de circo, práticas esportivas e atividades pedagógicas em creche, por iniciativa de um empresário.

Em Osasco, o Lar Plantio do Amor acolhia meninos de rua carentes. Lá, as equipes sociais não mediam esforços para reintegrar os menores em suas famílias. No bairro do Carmo, em Vargem Grande Paulista, a comunidade de descendentes de escravos vivia a experiência dos quilombos com orgulho cívico, apesar dos problemas.

Em Barueri, jovens pichadores aprenderam a direcionar a criatividade em torno do próprio reconhecimento. Para essa transformação, contaram com apoio de um pintor italiano que vivia na cidade, e os ensinou a lidar com técnicas de resina, cimento, fibra de vidro e viver uma nova profissão, com o compromisso de não usarem espaços públicos.

De Cotia veio a notícia segundo a qual uma entidade estava decidida a franquear a ajuda social, depois do que aprendeu lidando com um grupo de 350 crianças carentes.

Ainda usando o tecido como imagem, a solidariedade acabou por se mostrar como uma espécie de microfibras que amarra os nós e amarra os indivíduos uns aos outros. Esse gesto se traduz no “universo fluido e misterioso da não-racionalidade”, referido por Cremilda Medina e mencionado no final do capítulo anterior.

Esse fluido acaba compondo a modernidade líquida antevista por Zygmunt Bauman (2001, p.33) mas como resultado de uma ação dos indivíduos concretos e muito vinculados entre si.

3. A cidade faz pensar

Na introdução dessa dissertação de mestrado fiz referência ao fato de a intenção de uma empresa jornalística em fazer jornal de bairro não ser a mesma da comunidade, que busca por meio de um veículo, falar de suas reivindicações e procurar adeptos para suas causas. O jornal comunitário traz um traço do jornalismo romântico, do debate de idéias, da pregação partidária, o que, efetivamente, não é o objetivo de uma empresa jornalística capitalista. E, sem querer fazer entender que o processo pelo qual passou o suplemento *SeuBairro*, que se iniciou com uma proposta de fazer jornal de bairro e se transformou num suplemento para falar sobre o bairro, num sentido de verticalidade e superioridade, característico da comunicação de massa em relação ao receptor, era um fato recorrente de qualquer crise econômica contemporânea, recorro às referências históricas apresentadas por Marcondes Filho, que situa o que chama de “pulo do gato”, no século 19³.

Às mudanças no fazer jornalístico que advieram com a tecnologia digital e a intermediação por meio do telefone, as regras estabelecidas pela editoria de Cidades tornavam claras

³ “(...)enquanto a imprensa popular ganhava as ruas, estimulando campanhas operárias, as lutas socialistas, as conquistas sociais, os donos das empresas jornalísticas já estavam dando seu ‘pulo do gato’. (...) todo o romantismo será substituído por uma máquina de produção de notícias e de lucros(...)” (2002, pp. 12 e 13).

as formas de captação de notícias: por meio de mediações tecnológicas não se conseguiria fazer jornal. Os fatos estavam nas ruas da cidade para onde os jovens repórteres da equipe dos suplementos iam cumprir suas pautas.

Esse processo, contudo, trouxe um novo entendimento para o que se considerava ser um jornal de bairro. Na sua dissertação de Mestrado para a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, José Luiz Proença lembra que na década de 1990, a cidade de São Paulo concentrava 1.630 bairros, vilas e jardins, dos quais, o maior número havia surgido a partir dos anos 50.

“Inegavelmente, o bairro constitui hoje a comunidade urbana, a representação mais legítima da especialidade de sua população e não é por acaso que São Paulo conta com 900 sociedades de ‘moradores’. Reconhece ainda [Jorge] Wilhelm que o bairro é o território ideal da reivindicação coletiva, pois em territórios maiores há conflitos de prioridades entre um e outro bairro e, na rua domiciliar, as reivindicações esgotam-se rapidamente. É nesse contexto que o jornal de bairro vai ter que atuar e abrir seu espaço para os movimentos reivindicativos da população e não ser apenas um instrumento do comércio local para seus compradores”.⁴

Possivelmente, essa foi a trilha do suplemento, porém, não na maioria dos casos. Ouvia-se a sociedade amigos do bairro quando essa instituição estava constituída, mas evitava-se ouvi-la quando havia interesses eleitoreiros disfarçados, ou interessados em se promover às custas dos

⁴ Proença, José Luiz. *Contribuição para o Estudo do Jornal de Bairro como Elemento de Utilização das Comunidades na Metrópole*. 1984. Dissertação Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. No texto, Proença se refere a Jorge Wilhelm, secretário municipal de Planejamento na administração Mário Covas (1983-1986)

moradores. Muitas vezes, ouviu-se o morador diretamente, uma vez que era o próprio morador que se apresentava ao repórter para trazer as reivindicações de melhorias para a porta da sua casa, ou para a rua inteira.

Proença encontra nos anos 50 o momento em que se pode fixar o aparecimento do jornal de bairro moderno na cidade de São Paulo. A “Folha de Pirituba”, fundada em 1953, dá início a um movimento que se expande para outros bairros e resulta no aparecimento de “O Amigo”, em 1954, que circulou na Mooca, Tatuapé e Vila Prudente; a “Gazeta de Pinheiros”, de 1956 e a “Folha da Zona Norte” e a “Gazeta do Ipiranga”, de 1958, completam esse ciclo histórico do jornalismo regional paulistano. A tradição dessa imprensa na cidade se inicia no final do século 19, com “O Braz”, fundado em 1º de setembro de 1895.⁵

Do levantamento histórico sobre os jornais de bairro, realizado pela Secretaria Municipal de Cultura em 1985, Lopes e Coelho Sobrinho destacam que, efêmeros, os primeiros jornais de bairro não se envolviam no debate político, objeto de opiniões publicadas tanto na grande imprensa quanto nos jornais alternativos da época.

No caso do suplemento *SeuBairro*, a proposta se mostrou coerente com o que os autores apresentam como o fator de não-envolvimento com a política. Esse era um assunto para as páginas do jornal-mãe.

⁵ “Década de 50: o ‘boom’ na imprensa de bairro” de Dirceu Fernandes Lopes e José Coelho Sobrinho *in* Proença, José Luiz (org). *A evolução do jornalismo em São Paulo*. São Paulo, Edicom/ECA/USP, 1996. p. 60 e 63.

Lopes e Coelho Sobrinho observam também que, depois de mais um século, os jornais de bairro apresentam uma característica bem definida: a proximidade da relação fato/leitor. Esse diferencial, afirmam, “se tem consolidado como um dos mais fortes instrumentos de informação, garantindo espaço para as suas reivindicações e profundidade na discussão dos fatos de interesse local, que dificilmente ganham a mesma oportunidade na chamada grande imprensa, por esta ter-se voltado a assuntos de interesse nacional e internacional, em busca de um público mais variado”.⁶

Com base nessas observações de Lopes e Coelho Sobrinho é possível traçar um paralelo entre a característica que definiram como “fortes instrumentos de informação” e o conteúdo dos suplementos *SeuBairro*. Mas, novamente, com o diferencial que os suplementos faziam parte do corpo de um dos mais importantes jornais da grande imprensa.

Embora não houvesse uma reflexão teórica prévia sobre o foco do suplemento, *SeuBairro* seguia, ainda, a perspectiva proposta no trabalho de Ana Arruda Callado e Maria Ignes Duque Estrada, autoras que fizeram um amplo estudo sobre imprensa comunitária.⁷ No resultado da pesquisa, as autoras apontaram que “80% dos leitores habituais dos grandes

⁶ *Op. cit.* p. 59.

⁷ Callado, Ana Arruda e Duque Estrada, Maria Ignes. *Como fazer um jornal Comunitário*. Petrópolis, Vozes, 1985, p. 40

veículos se situam em sua cidade-sede, esses números realmente comprovam a impossibilidade dos jornais da grande imprensa efetuarem uma cobertura eficaz e satisfatória das atividades dos bairros”.

Ou seja, o jornal “Estado de S. Paulo”, como representante da grande imprensa, tinha o seu foco muito mais no ambiente exterior – fora da cidade – do que nos bairros e nas necessidades locais. Dessa maneira, o suplemento acabou por trazer recortes da cidade de São Paulo que ofereciam ao leitor do jornal uma possibilidade de se manter conectado com uma fração da realidade, bastante próxima, ao mesmo tempo em que esse leitor percorria os caminhos das informações internacionais.

Conciliar o espírito dos jornais comunitários com a grande imprensa, ou como essas duas formas de fazer jornal são conciliáveis são questões que esse trabalho se propõe a avaliar. Para isso, busca referências nos autores que estudaram as teorias da comunicação de massa, a começar por Melvin L. DeFleur e Sandra Ball-Rokeach. Os dois autores fizeram um painel da evolução da comunicação de massa e sua influência sobre os indivíduos, a sociedade e a cultura.⁸

Eles mostram que, no final do século 19, a Revolução Industrial tardia faz surgir uma classe média, que reunia consumidores em potencial para os novos bens que

⁸ Melvin, L. De Fleur e Ball-Rokeach, Sandra. *Teorias da Comunicação de Massa*. Rio, Jorge Zahar Editor, 1993.

estavam sendo produzidos e colocados no mercado. Outro fator importante que marca esse período histórico foi o fato de a atividade jornalística adotar uma postura empresarial, o que vai resultar num produto diferente do tradicional veículo de cunho exclusivamente político, característico dos jornais de até então. Como empresa num sistema capitalista, a atividade jornalística passaria a estar sujeita às regras de mercado e, conseqüentemente, visar ao lucro.

O contexto no final do século 20 havia mudado, contudo. E, na cidade de São Paulo não foi diferente. Enquanto a Internet estava criando uma bolha, cuja superfície se apresentava como um novo campo de trabalho para os jornalistas, o suplemento *SeuBairro* trazia artigos sobre a vida nas comunidades menos favorecidas, as programações culturais das associações de bairro, o trabalho profissionalizante nas periferias e incentivava o desenvolvimento de pequenos estabelecimentos para comercialização de produtos reciclados.

Uma análise, mesmo que superficial, sobre os caminhos da economia mostra que as empresas capitalistas estão hoje inteiramente voltadas para o incentivo ao consumo. Um contraste se delineia e é observado por pensadores da comunicação: as relações entre consumo e cidadania.

A perspectiva proposta por Ana Arruda e Maria Ignes sobre o acesso do cidadão comum às páginas do jornal, como mencionado há alguns parágrafos, não se mostra mais tão consistente. O mesmo se

pode falar das reivindicações dos moradores dos bairros, que passaram a disputar em desvantagem espaço nas páginas com a publicidade.

Esse fator de exclusão nos remete à Declaração Universal dos Direitos do Homem, proclamada em tempos de paz. Seu texto forma um conjunto de regras, extensivo a todos os países que integram a Organização das Nações Unidas, no qual estão estipulados os direitos e deveres dos indivíduos, considerados cidadãos. Esse documento como que ratifica a histórica Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, votada pela Assembléia Francesa, em 1789, que confirmou os objetivos da Revolução Francesa.

Em tempo: o artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos do Homem dispõe que “todo o homem tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios, independentemente de fronteiras”.

Ocorre que, se considerarmos a questão da lucratividade proposta pelo sistema capitalista, esbarraremos numa contradição, bem abordada pelo ensaísta argentino Nestor García Canclini, sobre os conflitos da globalização e o conceito de cidadania, que estão implícitos na contradição entre a grande imprensa e o jornalismo comunitário.⁹

Na introdução ao livro, Canclini já coloca a sua crítica no título: “Consumidores do século 21, cidadãos do século 18”. Nas páginas seguintes, o autor vai mostrar como as mudanças na maneira de consumir alteraram as possibilidades e as formas do exercício da cidadania. Para Canclini, o acesso à informação e a delegação de direitos são explicados por meio do consumo privado de bens e pelos

⁹ Canclini, Nestor García. *Consumidores e Cidadão: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro, Editora UERJ, 1995. p. 12.

meios de comunicação de massa mais que pelas regras abstratas da democracia e pela participação coletiva em espaços públicos.

O autor dá como exemplo o discurso político com um viés de consumo. Segundo ele, o palanque do candidato saiu da praça [a idéia de pressa, rapidez, velocidade, transformaram praças – originalmente, espaços de lazer em pontos de passagem] e entrou pela “janela” eletrônica na casa do eleitor, envolvido pela persuasão ideológica voltada para as pesquisas de marketing, que vai considerar esse telespectador como consumidor, malgrado o discurso cívico.

Estendo esse cenário indicado por Canclini – a praça pública, que se tornou vigiada, ou muitas vezes privatizada – às páginas do jornal, nas quais o leitor buscava informações e acabava por não encontrá-las uma vez que aquele espaço voltado ao público passou a ser privatizado, com preferência ao anunciante. É como se fosse instalado um outdoor de publicidade privada na área mais nobre desse lugar público.

Diz o ensaísta argentino, referindo-se à televisão, mas com uma mensagem que pode ser estendida aos demais veículos de comunicação de massa, e não apenas com o sentido restrito da política, mas para o processo de escolha do produto a ser consumido: “O resultado dessa manobra, arquitetada no Olimpo da democracia burocratizada, é um processo de escolha deixado ao livre arbítrio do eleitor/telespectador que, no entanto, não pode usufruir um universo pleno de opções. A decisão passa a ser tomada a partir de conceitos de consumo; do que está disponível nas gôndolas do ‘shopping’ da informação.” Canclini acrescenta que “as identidades passaram a

configurar-se no consumo: dependem daquilo que se possui, ou daquilo que se pode chegar a possuir”.¹⁰

Esse discurso explica o que se sentia, mas era invisível para a equipe do suplemento: havia algo no ar, pressentia-se, diante da dicotomia latente. Enquanto se pensava na pauta, na descoberta da cidade desconhecida, pairava uma certa insegurança na qual se considerava a continuidade do trabalho.

O autor sugere que se faça um corte nesse painel para que nos fixemos em grupos nos quais se multiplicam as carências. “A maneira neoliberal de fazer a globalização consiste em reduzir empregos para reduzir custos”, diz Canclini, que conclui, lembrando que mais de 40% da população latino-americana se encontra privada de trabalho estável e de condições mínimas de segurança e sobrevive do comércio informal – também globalizado – de eletrônicos japoneses, roupas do sudeste asiático, ou de contrabando e artigos “pirateados”.

Essa era a realidade à época. E, na verdade, não se pode indicar que esse cenário se alterou. No caso, a alteração se dá com uma maior nitidez das partes envolvidas numa situação de aumento dos grupos que se marginalizam.

Nesse cenário, as inovações tecnológicas sensibilizam pensadores contemporâneos a refletirem sobre as conseqüências que podem acarretar. É premente, dizem, a necessidade de uma nova ordem, que vai implicar em novos processos de comunicação.

Para atender a uma demanda de questionamentos sobre iniciativas semelhantes, Dênis de Moraes reuniu textos de renomados

¹⁰ *Op. cit.* p.13 e 14.

ensaístas e pensadores que discutem as questões que envolvem mídia, globalização e poder, numa obra pontual: *Por uma Outra Comunicação*.

A necessidade do debate é iminente, como sinaliza Moraes na apresentação da antologia:

“Como indicam vários ensaios desse volume, o horizonte para um mundo possível não poderá abrir mão de políticas públicas democráticas para os serviços e espaços de comunicação, dentro de uma visão necessariamente supranacional, coordenada e convergente. Difícil imaginar a universalização da cidadania no quadro de dramática oligopolização dos setores multimídias. Resgatar a diversidade é fundamental para a coexistência dos povos, das nações e das culturas. Precisamos com urgência viabilizar um realinhamento equilibrado e estável dos sistemas globais de informação e entretenimento. Realinhamento que respeite peculiaridades regionais e afinidades eletivas, e não desconheça as mutações da era digital, mas que coíba monopólios, permita a descentralização da produção simbólica e assegure o bem supremo do pluralismo”.¹¹

Esse recorte sintetiza a separação entre o pretendido e o possível. A idéia da empresa de redução de custos trazia novos realinhamentos, como ocorreu com a mudança da circulação do suplemento, que se restringiu a regiões de possível consumo.

Um dos textos que merece destaque nessa antologia é o do professor Mark Poster, da Universidade da Califórnia.¹² Poster faz um contraponto ao conceito de cidadania diante de processo de globalização, referindo-se à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, marco da

¹¹ Moraes, Denis de (org). *Por uma outra comunicação, mídia, mundialização cultural e poder*. São Paulo, Editora Record, 2003. p.11.

¹² Poster, Mark. “Cidadania, mídia digital e globalização”, in Moraes, Denis, *op.cit.* p. 317

Revolução Francesa. Fica implícita no texto a necessidade de se resgatar o lado “humano” da sociedade, ou seja, que o foco do conteúdo informativo passe a considerar os indivíduos que compõem o amalgama social. Isso porque a identidade que os une os transformou em “massa”, pretensamente homogênea.

Canclini, novamente, traz o foco para o tema: “a aproximação da cidadania, da comunicação e do consumo tem, em outros fins, reconhecer estes novos cenários de constituição do público e mostrar que para se viver em sociedades democráticas é indispensável admitir que o mercado de opiniões cidadãos inclui tanta variedade e dissonância quanto o mercado da moda, do entretenimento”.¹³

Mais adiante no texto, Canclini traz uma contribuição valiosa, localizada, justamente, na cidade de São Paulo. O foco da questão é o espírito conservador que preconiza a desigualdade entre os moradores da metrópole.¹⁴

Na arena instalada para o 2º Fórum Social, em 2002, na cidade de Porto Alegre, a palestra proferida pelo jornalista Osvaldo Léon traz luzes para o debate. Diz o autor: “A democratização da comunicação é antes de tudo uma

¹³ *Op.cit.* p.21

¹⁴ Canclini faz referência ao estudo que Antonio Flávio Pierucci, professor na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, desenvolveu sobre a discriminação contra nordestinos à época da disputa pela Prefeitura de São Paulo, para a qual concorreram Fernando Henrique Cardoso, Paulo Maluf e Jânio Quadros, em 1985. Pierucci analisou as zonas em que haviam sido mais votados Jânio Quadros, que foi eleito, e Paulo Maluf, o candidato da direita. Descobriu que na classe média baixa um dos motivos principais do voto conservador era a aversão aos migrantes nordestinos a quem responsabilizavam pela decadência da cidade. *Op. cit.* p. 108-9

questão de cidadania e justiça social, que se demarca no direito humano à informação e à comunicação”. Depois de fazer coro a outros pensadores sobre as relações entre consumo e cidadania, Leon acrescenta que “a promessa de futuro se delineie com abundante informação gratuita, mas banal – embora espetacularizada pelos meios de comunicação -, sendo que só quem puder pagar terá acesso à informação de qualidade”.¹⁵

À essa época, até a seção *Cartas* do suplemento havia sido suspensa, como está anotado na parte que trata do histórico do *SeuBairro*. Para o suplemento, contudo, não se pensava em pautas espetacularizadas – transmitidas com imagens ao vivo, como no então programa jornalístico-policia “São Paulo-Agora”, do SBT – e, com esforço, procurava-se manter um nível de qualidade na informação, apesar do volume de trabalho e do fato de a equipe ficar periodicamente reduzida, por questão de economia de custos.

Diante de incertezas internas, havia, no entanto, uma demanda de assuntos que estavam presentes na cidade de São Paulo, diante da diversidade de culturas que caracterizam a população paulistana, formada por um contingente interminável de personagens e pautas para o suplemento, como várias que foram publicadas em reportagens e perfis.

Dessa maneira, o que o jornalista Osvaldo León tomou como meta na palestra que proferiu no II Fórum Social

¹⁵ Leon Osvaldo, *Para uma agenda social em comunicação*, in Moraes, Denis, *op. cit.* p. 401-14

Mundial, em Porto Alegre, em 2002, havia se mostrado viável, no suplemento *SeuBairro*. León fez referência naquela oportunidade a um projeto em que fosse localizado o público que costumeiramente vemos nos espaços públicos, mas do qual pouco sabemos. Projeto, possivelmente, inatingível justamente por causa da distância que passou a existir entre as pessoas da cidade e a redação do jornal. Esse contato, que já foi possível como anotado acima, acabou refém da “ditadura” do mercado, para usar o termo provocador do jornalista Osvaldo León.

4. Conclusão

“(…) *I baténo a mon inzima o goraçó, disse: o Bo’ Ritiro sta aqui!!!*”. Esse verso, que encerra a “poesia patriótica” *O Studenti du Bó Ritiro*, de Juó Bananere, personagem de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, ecoa na minha cabeça desde os anos 60, época em que adquiri uma reedição do *La Divina Increnca*¹⁶, livro publicado originalmente em 1915. Escolhi esse verso porque, de uma certa maneira, resume o espírito que pretendi trazer para essa dissertação de mestrado. Diferentemente da idéia de uma cidade “desumana”, São Paulo concentra uma população de pessoas que a amostra colhida na pesquisa na coleção de jornais do suplemento *SeuBairro* acaba mostrando o contrário.

Uma das características da cidade foi anotada, quase 70 anos depois de Marcondes Machado, por um italiano que na primeira vez que veio para São Paulo; do aeroporto foi parar na Rua Frei Caneca.

“A primeira coisa eu comprei – e que ainda conservo – foi o mapa da cidade. Mas em vez de me ajudar esse mapa teve inicialmente o poder de contribuir ainda mais para a minha confusão: nunca eu teria imaginado que São Paulo pudesse ser tão enorme e ao mesmo tempo tão *viscosa* (grifo do autor). Todo mapa caracteriza ‘sua’ metrópole; mas esta era uma megalópole tão grande que sobrepunha e misturava estilos e pontos de referência diversos, de uma maneira para mim paroxística; portanto, a única coisa que um ‘estrangeiro’ como eu, com um conhecimento escassíssimo de português, podia fazer (além da imobilização), era perder-se na cidade”. (2004, p.14)

¹⁶ Bananére, Juó, *La Divina Increnca*. São Paulo, Folco Masucci Editor, 1966, p. 24

Essa experiência vivida por Massimo Canevacci, docente do Centro de Antropologia Cultural, na Faculdade de Sociologia da Universidade “La Sapienza”, de Roma pode servir de exemplo para o que foi para a equipe de jovens repórteres do *SeuBairro* se embrenhar na selva urbana de São Paulo. Pelo menos, o idioma esses jornalistas dominavam, o que os ajudou na mobilidade e encontrar focos de interesse que acabaram revelados nas páginas semanais de cada suplemento.

Um outro fator em jogo era a maneira pela qual *SeuBairro* deveria atuar de forma jornalística para cobrir as diversas regiões da cidade. Sabia-se de antemão o que não deveria ocorrer – a superposição com o noticiário da editoria de Cidades – por isso, pairou uma certa insegurança entre os editores do suplemento antes do primeiro fechamento. Diferentemente de Canevacci, que iniciou sua descoberta da cidade depois de se perder voluntariamente como parte desse processo, a equipe de repórteres foi encontrar, justamente, nos moradores da cidade os pontos de referência.

Sensível, Canevacci reuniu suas experiências paulistanas e concluiu que há uma polifonia na cidade de São Paulo. “A cidade em geral e a comunicação urbana em particular comparam-se a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam”, define. *SeuBairro* foi ouvir as vozes dos moradores da cidade, que em alguma esfera, formam um coro monumental.

A audição do coro dos moradores, reunidos em comunidades ou mesmo isolados em suas identidades traça um perfil humano da cidade – para explicar a afirmação mencionada no parágrafo

de abertura – mas, revela um outro aspecto, narrado por um, também, estrangeiro.

“Durante séculos [São Paulo], não passava de uma cidadezinha interiorana com poucas dezenas de milhares de habitantes, ponto de partida de bandeiras e ligada ao seu porto, Santos, por um caminho de mulas íngreme e difícil. Formava triângulo cuja hipotenusa ligava os mosteiros de São Francisco e São Bento, e cuja ponta apontava a Sé, como que para traduzir a contenda dos universais medievais em geografia. Depois da primeira, e mais ainda depois da segunda guerra, iniciou-se enorme aglomeração de imigrantes externos e internos que desprezavam o triângulo e enchiam vales e leitos de correntes de uma maneira que torna pálido o respectivo termo romano ‘plebe’ para denominá-la. (1998, pp. 94 e 95).

O autor, Vilém Flusser, faz esse relato, ao qual incluí outras observações, para indicar um olhar que vai denotar a origem do que ele considera a alienação dos moradores da cidade. E, completa: “Mas, o paulistano não tem apoio, nem sequer um rio, é estranho na cidade que estranha, não consegue formar elos humanos com vizinhos e coisas e, para enxergar um pouco, não ficaria muito surpreso ao constatar de manhã que a cidade desapareceu na noite precedente.”

Nesse cenário de antecipação catastrófica o suplemento passou a circular e, o que se pode perceber no recorte reunido no capítulo 3, Gente da Cidade, é que é possível retardar o holocausto urbano, chamando para o diálogo midiático os moradores da cidade.

Foi o que ocorreu. A idéia de “hard news” se restringia ao jornal-mãe. E, acabou por se transformar num desafio jornalístico dar forma a um suplemento de bairros, preferencialmente, com notícias “frias”. No processo de elaboração dessa dissertação de mestrado pude refletir sobre essa questão e o que anotei é o fato de as “hard news”

terem uma vida curta, aliás coerente com o processo industrial das modernas empresas jornalísticas. Mas, o que foi publicado nos suplementos do *SeuBairro*, mesmo com uma re-leitura uma década depois, manteve um caráter de atualidade, uma vez que, em inúmeros casos, se trata de apresentação de moradores que, eventualmente, freqüentariam as páginas de jornal, em casos de catástrofes. Mesmo assim, não seriam apresentados aos leitores como o foram nas reportagens dos suplementos.

E, para que esse trabalho fosse possível, a idéia que orientava a equipe era a de tentar encontrar exemplos que humanizassem a cidade, não na forma de heróis, mas de sobreviventes.

Recolho de Cremilda Medina um aspecto que oferece sentido: “Se há uma prática constante é justamente a de colher, no dia-a-dia dos protagonistas anônimos, a afirmação das marcas humanas no caos da História” (2003, p. 60). Medina estava debruçada em discorrer sobre os processos de um diálogo social para o qual se dedicava na academia.

No *SeuBairro*, a dinâmica não permitia uma reflexão sistemática sobre o trabalho. Mas, estava claro que o que a equipe do suplemento fazia era diferente do que todo o resto do jornal estava fazendo, na forma e no conteúdo. Na função de editor-assistente, textos que me chegavam às mãos não respondiam imediatamente às clássicas questões formais propostas para a técnica de redação de notícias.

Os famosos 5Ws, fórmula imortalizada pelo escritor Rudyard Kipling, no livro *Just so Stories* (1917), se tornaram regra jornalística para responder as indagações de quem, quando, onde, por

que e o quê. Nelson Traquina, em *Teorias do Jornalismo* (2005, p. 59) escreveu:

“As notícias tornaram-se crescentemente estandardizadas ao tomarem a forma do que chamados hoje “pirâmide invertida”, enfatizando o parágrafo de abertura, lead”.

As respostas deveriam constar do lead apareceriam ao longo do texto, mas sem a necessidade de um rigor impositivo.

Pensando no leitor que não teve aulas de jornalismo e para quem os fatos se sucediam numa seqüência lógica de tempo, uma maneira de atraí-lo para as páginas do suplemento era, justamente, fazer algo diferente do que o jornal-mãe fazia. Dessa maneira uma das formas da linguagem do suplemento era não parecer tão mediada e trazer para o leitor a informação com um estilo que se foi definindo com a prática, mas mais próximo desse leitor do que do fechador. E, dessa maneira, se trabalhava: ao arrepio das teorias.

Do tempo de estágio no Curso Estadão, os repórteres da equipe do *SeuBairro* trouxeram a lição de contar histórias. E, no papel do narrador comentado por Walter Benjamin (1996, pp. 197 e 198), as notícias eram escritas e publicadas. Até como forma de, remotamente, promover um intercâmbio de experiências como sugere Benjamin, entre o leitor e a história trazida pelo personagem que o repórter encontrou, e publicada no suplemento.

Benjamin observa em seu comentário que “são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo para que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que

nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”.

Benjamin é bastante crítico:

“Uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que se valor desapareça de todo. Basta olharmos um jornal para percebermos que seu nível está mais baixo do que nunca, e que da noite para o dia não somente a imagem do mundo exterior mas também a do mundo ético sofreram transformações que antes não julgaríamos possíveis (...) (p. 198)”

Dessa maneira, o que se produzia nas páginas do suplemento era – invocando, novamente Cremilda Medina – uma tentativa de uma relação de afeto social. Mas, enquanto ela se refere a uma pedagogia de afetos, as páginas do suplemento tentavam propor uma relação mediada de afeto.

Mesclando essas idéias, trago a formulação dos conceitos de mídia apresentados pelo professor José Eugenio Oliveira Menezes (2007, p. 35). Referindo-se à Teoria dos Media, de Harry Pross, Menezes fala em mídia primária, que caracteriza a comunicação oral e, em mídia secundária, na comunicação impressa. No caso do suplemento *SeuBairro*, a relação mediada de afeto se dava no nível de uma comunicação secundária, isto é, comunicação impressa.

A comunidade de leitores do suplemento recebia uma informação que destoava, por exemplo, dos aumentos nos índices da criminalidade ou das notícias sobre as carências da Segurança Pública, publicadas nas páginas das editoriais locais da mídia impressa e não menos alardeadas nas mídias de áudio e audiovisuais. Não que esses

fatos não ocorressem. Na prática, não seriam divulgados nas páginas do suplemento, uma vez que a preferência era da editoria de Cidades. Assim, ao invés de investigar números de levantamentos da criminalidade guardados em gabinetes, o repórter do *SeuBairro* ia para a rua. E acabava encontrando o que não era noticiado: a solidariedade entre as pessoas. Esta, um vínculo primário.

Além de uma galeria de personagens recheados de histórias vividas, recortados para essa dissertação, também foram relatados dezenas de exemplos de manifestações de solidariedade, isoladas e institucionalizadas. Da mesma maneira, foram relacionadas as manifestações das diversas vozes estrangeiras que acabaram se harmonizando com outros sotaques para caracterizar um coro paulistano.

O que para o pensador contemporâneo Zygmunt Baumann se parece líquido, no *SeuBairro* tomou uma forma humana. As narrativas se tornaram sólidas depois de impressas. *SeuBairro* “humanizou” o mapa.

Bibliografia

BANANÉRE, Juó (Alexandre Ribeiro Marcondes Machado), *La Divina Increnca*, São Paulo, Folco Masucci, 1966.

BAUMAN, Zygmunt, *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter, *Obras Escolhidas – Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*, volume 1. São Paulo, Brasiliense, 1996.

CALLADO, Ana Arruda e DUQUE ESTRADA, Maria Ignes. *Como fazer um jornal comunitário*. Petrópolis, Vozes, 1985.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e Cidadão: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro. Editora UERJ, 1995.

CANEVACCI, Massimo, *A cidade polifônica – Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo, Nobel, 1997.

COSTA, Luiz (org). *Teoria da Cultura de Massa*. Adorno, Theodor e HORKHEIMER, Max. *Indústria Cultural*. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

DE FLEUR, Melvin L. e BALL-ROKEACH, Sandra. *Teorias da Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.

FLUSSER, Vilém, *Fenomenologia do Brasileiro: Em busca de um novo homem*. Rio de Janeiro, Eduerj, 1998.

LÉON, Osvaldo. *Para uma agenda social em Comunicação*, in Moraes, Denis, op. cit.

MARCONDES FILHO, Ciro, *A Saga dos cães perdidos*, São Paulo, Hacker, 2002.

MEDINA, Cremilda, *A arte de tecer o presente – Narrativa e Cotidiano*, São Paulo, Summus, 2003.

_____. *O signo da relação – Comunicação e pedagogia dos afetos*. São Paulo, Paulus, 2006.

MENEZES, José Eugenio de Oliveira, *Rádio e Cidade – Vínculos Sonoros*. São Paulo, Annablume, 2007.

MORAES, Denis (org.), *Por uma outra comunicação – Mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro, Record, 2003.

POSTER, Mark. *Cidadania, mídia digital e globalização*, in Moraes, Denis, op. cit.

PROENÇA, José Luiz. *Contribuição para o Estudo do Jornal de Bairro como Elemento de Utilização das Comunidades na Metrópole*, 1984. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

_____. (org). *A evolução do jornalismo em São Paulo*. LOPES, Dirceu Fernandes e SOBRINHO, José Coelho, “Década de 50: o ‘boom’ na imprensa de bairro”. São Paulo, Edicom/ECA/USP, 1996.

TRAQUINA, Nelson, *Teorias do Jornalismo – Porque as notícias são como são*, volume 1. Florianópolis, Insular, 2005.

Norte



Brasilândia
Cachoeirinha
Mandaqui
Tucuruvi
Jaçanã
Limão
C. Verde
Santana
Tremembé
Freguesia do O
Vila Guilherme
Vila Maria
Vila Medeiros

Inclui o Centro

Seu Bairro

Norte

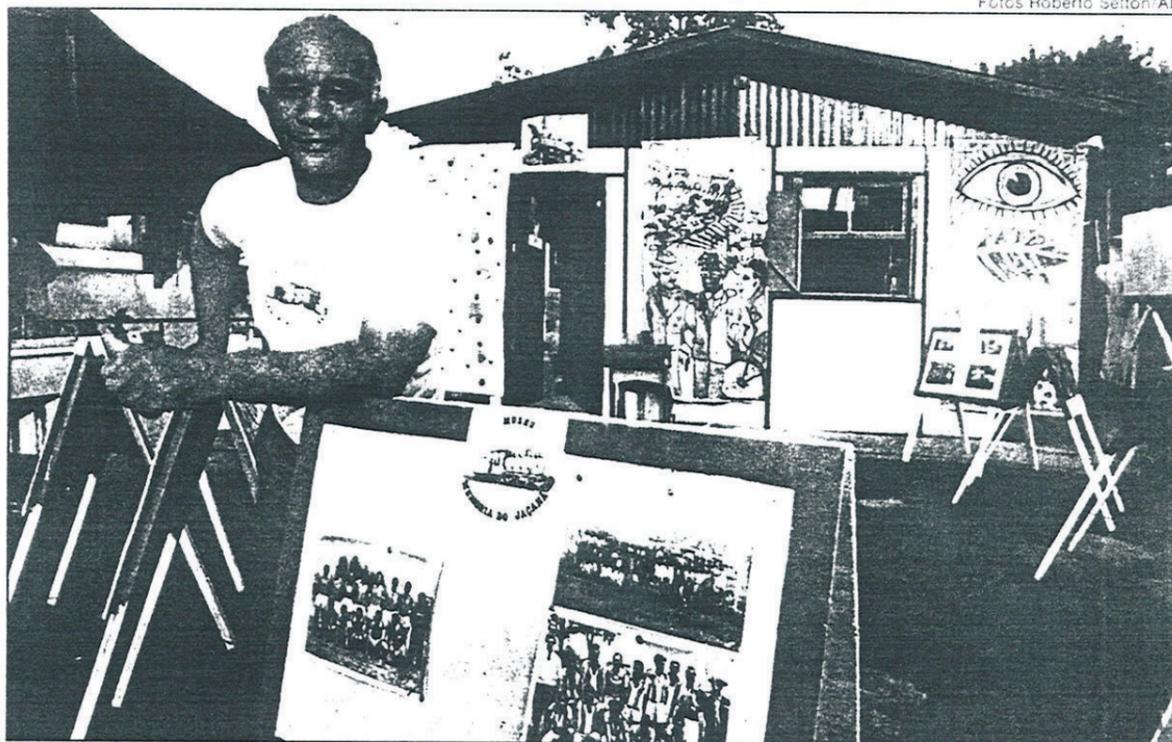
26 DE SETEMBRO DE 1994 - ANO 1 - NÚMERO 28

CIRCULA ÀS SEGUNDAS-FEIRAS



Marcia Aives/AE

O Gato Que Ri: pasta e preço baixo. Pág. 8



Fotos Roberto Seiton/AE

O morador Sylvio Bittencourt, em frente ao Museu do Jaçanã: "Antiga casa dos ferroviários"

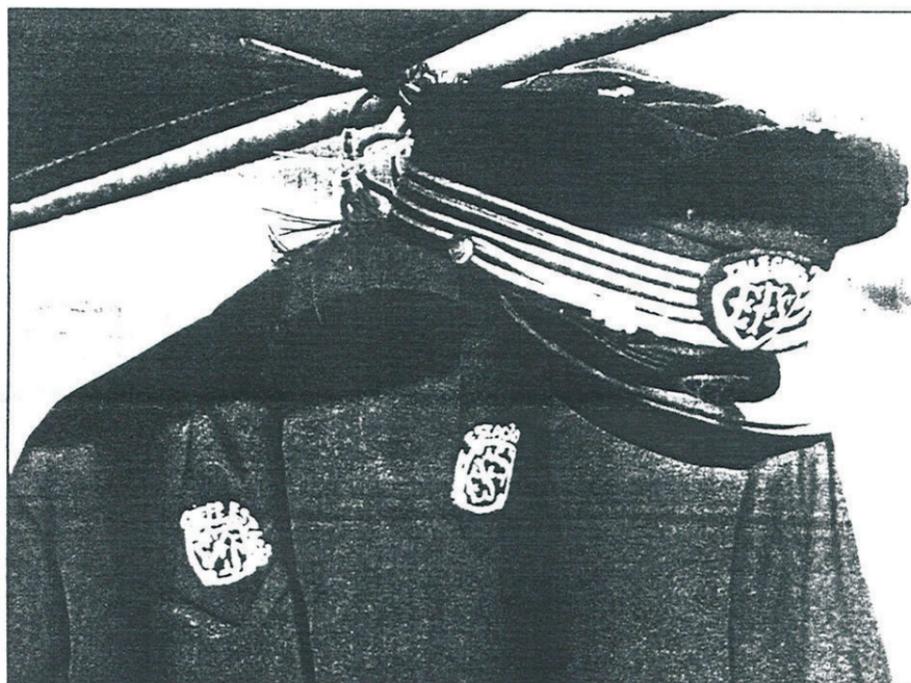
Bairro corre atrás do trem da sua história

Desde 1983, um grupo de moradores do Jaçanã, liderados por Sylvio Bittencourt, está reunindo peças para montar um museu que guarde a memória do bairro, imortalizado por Adoniran

Páginas 4 e 5



Marcas: Adoniran Barbosa, autor de "Trem das Onze", e o jaçanã, ave-símbolo



Uniforme de funcionários da Estação Jaçanã: em exposição no museu

MEMÓRIA

Região se chamava Sítio do Guapira

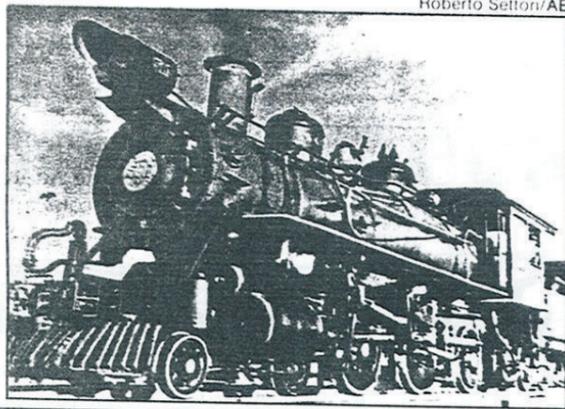
O bairro do Jaçanã fez 124 anos no dia 14 de setembro. Somente a partir de 1939, a região passou a ser conhecida por Jaçanã, nome da ave abundante no local. Até aquele ano, o nome oficial do bairro era Sítio Guapira. Para o ano que vem, a Admi-

nistração Regional — criada no início deste ano pelo prefeito Paulo Maluf para atender a compromissos políticos com a bancada que o apóia na Câmara Municipal — pretende organizar uma festa de impacto.

No Largo do Jaçanã, que será reurbanizado, um trem ocu-

pará o espaço central. O projeto de reurbanização já está pronto. A Prefeitura espera conseguir apoio da iniciativa privada para tirar as idéias do papel.

Os Demônios da Garoa, como ocorreu este ano, prometem animar a festa.



Roberto Seltori/AE

Trem das Onze: locomotiva da linha Cantareira, que servia o bairro e que ficou conhecido na obra musical de Adoniran

DICAS & SOLUÇÕES SeuBairro

A Domicílio.....	05
Casa - Produtos e Serviços.....	05 e 06
Saúde - Estética.....	06
Educação e Cultura.....	06
Lazer.....	06

Moda.....	07
Animais e Aves.....	07
Empresas - Produtos e Serviços.....	07
Veículos - peças e Serviços.....	07

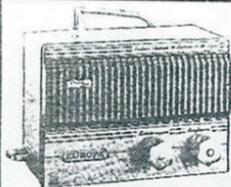
VEJA COMO É FÁCIL ANUNCIAR NO DICAS & SOLUÇÕES

Chame um Representante pelos Telefones 266-3293 / 857-5305 ou pelo Fax: 858-3208

A DOMICÍLIO

ÁGUA - FILTROS

ÁGUA PURA É SAÚDE



ÁGUA TRATADA PELO MAIS MODERNO PROCESSO NATURAL DE PURIFICAÇÃO

EUROPA®

A saúde da água

FONES: 941-7208 / 941-7150

OFERTAS QUE VÃO DEIXAR VOCÊ ACESO.

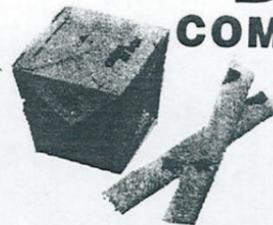
DICAS & SOLUÇÕES

Consulte Iluminação no Painel de Negócios. Toda Terça no Estadão.

A DOMICÍLIO

REFEIÇÕES

DISQUE COMIDA CHINESA



O Sabor da China em sua casa

CHINA IN BOX

RUA DR. CÉSAR, 370 - SANTANA TEL.: 299-6622

FARMÁCIAS E DROGARIAS

DISK - DROGAREIMS 265-7771

MEDICAMENTOS A DOMICÍLIO COM DESCONTO DE 10%

RUA REIMS, Nº 448 CASA VERDE-SP.



DISQUE ASSADOS DELICIOSOS

• FRANGO RECHEADO • CUPIM • LOMBO • PICANHA • FEIJOADA AOS SÁBADOS • MASSAS EM GERAL FRIOS • LATICÍNIOS • PATÊS DIVERSOS ACEITAMOS ENCOMENDAS P/ FESTAS - SALGADINHOS - BOLOS E DOCES SERVIÇOS COMIDA CASEIRA MARMITEX

EXPERIMENTE! Av. Agua Fria, 619 • Fone: 290-1193

CASA - PRODUTOS E SERVIÇOS

ALIMENTAÇÃO

PÃES ESPECIAIS * 40 Tipos de pães e roscas Salgadas Recheadas

CONFEITARIA FINA * Completa linha de Bolos, Tortas e Sobremesas

FESTAS DE PÃES * Táboas decoradas de Frios, queijos e pães finos. Sanduíches de metro, Big Lanches e mini pães sortidos.

CESTAS PARA PRESENTES * Café da manhã, Café da tarde, aperitivo e infantil

Mr. Bread.

ENTREGAS A DOMICÍLIO Av. Mª Amália Lopes de Azevedo, 1006 Tremembé F.: 204-6533

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

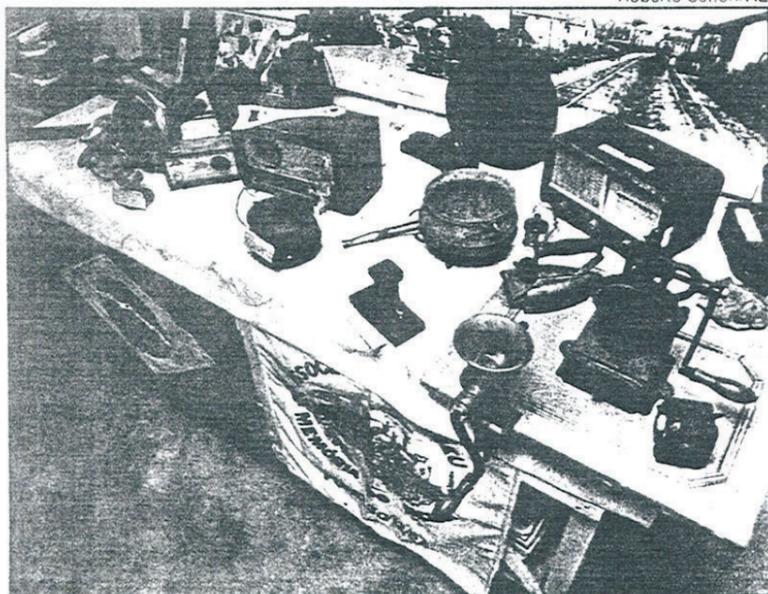
OFERTAS QUE SÃO DO PERÚ?

DICAS & SOLUÇÕES

Consulte o Suplemento Agrícola. Toda Quarta no Estadão.

MEMÓRIA

Jaçanã começa a contar sua história



Museu: peças contam história do bairro do "Trem das Onze"

Moradores reúnem peças para museu inspirado em Adoniran Barbosa

CLAUDIO AUGUSTO

O trem já não preenche mais o imaginário das famílias que, por opção ou pela força do destino, fizeram do Jaçanã o seu habitat. Da mesma forma que o pássaro, típico de regiões alagadiças, tão presente no bairro que acabou virando nome do lugar. O tempo passa e as coisas mudam. Menos na sede do Museu do Jaçanã, onde Sylvio Bittencourt se autoproclamou guardião das tradições do bairro.

Fundada em 30 de dezembro

de 1983, a Associação Museu Memória do Jaçanã reúne cerca de 40 pessoas que empenham boa parte do seu tempo na busca de peças para o acervo que conta a história do bairro imortalizado pelo compositor Adoniran Barbosa, em *Trem das Onze*.

O museu começou a funcionar, de forma rudimentar, na garagem da casa de Sylvio Bittencourt. Apenas em 1993, a associação passou a usufruir, em caráter precário, de um imóvel cedido pelo governo do Estado. "Esta casa era ocupada pelos ferroviários", disse Bittencourt.

Ao lado de Adoniran Barbosa e do pássaro Jaçanã, o trem forma a trilogia que simboliza o bairro onde Bittencourt mora há mais de 50 anos. Aos 64 anos de idade, o presidente da associação tem como maior objetivo "homenagear gente do bairro".

Luiz Bento Ramos, por exemplo, é gente do bairro. "Ele participou do Sul-Americano de Li-

ma, nos anos 30", contou Bittencourt, orgulhoso dos feitos de um corredor filho do Jaçanã. O Guapira Futebol Clube, time da segunda divisão, também é "patrimônio histórico" do bairro.

Para aumentar a coleção do museu, Bittencourt utiliza um método tão antigo quanto eficaz. "Vou pedindo, vou batendo nas casas." É algo semelhante ao *modus operandi* de Armando Puglisi, o Armandinho do Bexiga, fundador do museu do bairro dos italianos. "Foi o Armandinho que sugeriu a criação do Museu do Jaçanã", afirmou Bittencourt.

Adoniran — Talvez a ligação entre o aposentado Sylvio Bittencourt e Armandinho tenha ocorrido pela proximidade de ambos com Adoniran. Que o compositor frequentava o Bexiga não é segredo para ninguém. No Jaçanã, nunca morou. Mas ia sempre. "Ele vinha tomar aperitivo no Bar Gigantão", disse o presidente do Museu do Jaçanã.

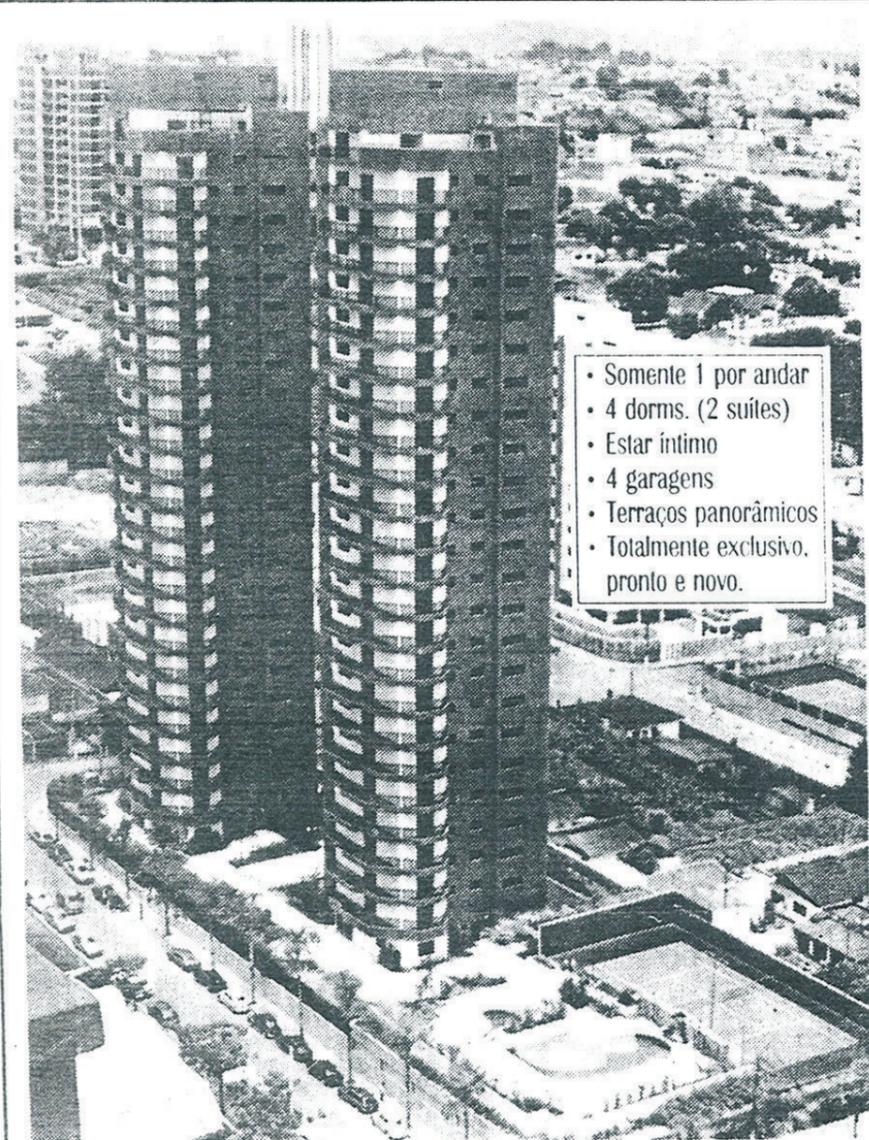
Bittencourt não esquece até hoje uma cena que mais parece ter saído da cabeça de Adoniran para uma de suas composições do que aconteceu de verdade. Mas aconteceu. "O pessoal chorava quando eles estavam derubando a Estação de Trem do Jaçanã."

As casas que os descendentes de portugueses, predominantes no bairro, construíram para transformar o Jaçanã no bairro que é hoje têm relação com o trem. "O material de construção chegava pela ferrovia", disse Bittencourt. A partir de 1965, nem material de construção e tampouco passageiros. A linha foi desativada.

Para preservar o que resta, ele conta com as crianças. De acordo com Bittencourt, os alunos das escolas da região estão tomando consciência da importância de conhecer a história do bairro onde moram. Bittencourt quer um sucessor.

■ Museu do Jaçanã — Rua São Luís Gonzaga, 30. De segunda a sexta, das 14 horas às 17 horas.

SE VOCÊ É UM VENCEDOR EM TUDO QUE FAZ, ESTÁ NA HORA DE MORAR NUM LUGAR QUE MOSTRE ISSO.



• Somente 1 por andar
• 4 dorms. (2 suítes)
• Estar íntimo
• 4 garagens
• Terraços panorâmicos
• Totalmente exclusivo, pronto e novo.

Mude já para o melhor Edifício de Guarulhos.

- Terreno de 3.600 m² com paisagismo projetado
- Aptos. de 500 m² com padrão hiperluxo
- Pisos externos em granito
- Garagens com azulejos até o teto e pista dupla de rolamento
- Piazzale com chafariz
- Sistema máximo de segurança
- Quadra de tênis oficial
- Sauna completa
- O 1º edifício inteligente de Guarulhos, padrão internacional
- Um verdadeiro Palazzo

Um extraordinário investimento.

Preço e condições excepcionais:

- A partir de R\$ 290.000,00
- 30% de entrada e saldo financiado em até 10 anos ou
- Outras opções de pagamento com possibilidade de inclusão de seu imóvel atual.

PIAZZA FAUSTO MARTELLO

Localização privilegiada:
R. Libânio José Antonio, 50.
Vista permanente para o Bosque Maia.
Corretores diariamente no local.

Vendas:



Roberto Capuano

Av. Pacaembu, 1484 Tel.: 825-6333

CRECI 8787



Construção:

PAUPEDRA

Financiamento:

banespa

PERSONAGEM

Hortelão da metrópole cultiva couve gigante

Nelson Moraes Barros consegue, numa horta no fundo do quintal, produzir verduras e legumes com sabores e tamanhos diferentes dos encontrados em feiras

O relógio ainda não marca 7 horas e Nelson Moraes Barros já está pronto para trabalhar. Segundo tenente aposentado da Polícia Militar, poderia ficar na cama até mais tarde, mas acha que quem dorme muito perde tempo na vida. Depois de fazer o próprio café, o homem de cabelos grisalhos se prepara para cumprir um ritual pouco comum nos grandes centros urbanos: cuidar de uma horta no fundo do quintal.

Morador da Lapa há 48 anos, Moraes Barros começou a cultivar legumes e verduras em 1979 e já conseguiu transformar a área de 64 metros quadrados em manchetes de jornais e revistas. Sua produção é tão diferente que até as principais emissoras de televisão já passaram por lá algumas vezes. "O canal que veio menos esteve aqui quatro vezes", diz, orgulhoso.

O segredo para produzir couves com até 5 metros de altura e folhas com 72 centímetros de comprimento, ele não esconde. "Aqui não entram produtos químicos." A técnica para cultivar chuchus, pimentas, abóboras, tomates e cheiro verde com sabores e tamanhos diferentes dos encontrados nas feiras é simples: "Tudo que sai da terra tem que retornar para ela."

Folhas amareladas, cascas de legumes ou verduras que não servem para consumo são picadas e usadas como adubo. "Falar de fome neste País é até pecado", desabafa. Aos 72 anos, Moraes Barros fica indignado quando lembra que o Brasil é uma terra abençoada, mas pouco aproveitada.

Na opinião dele, o que falta é conscientizar as pessoas que elas têm condições de produzir. "É comum ver sitiantes comprando legumes e verduras na feira", comenta. "Infelizmente o brasileiro é muito acomodado."

Livro — Caçula de uma família de 19 irmãos, Moraes Barros é paulista. Nasceu em São José da Bela Vista e se orgulha de ter sido cria-

do na roça. "Não tenho medo de trabalho", diz, exibindo os calos das mãos. "Sempre lidei com a enxada." Casado, tem sete filhos, 11 netos e um grande motivo para se considerar feliz. "Cada dia que passa acredito mais em Deus."

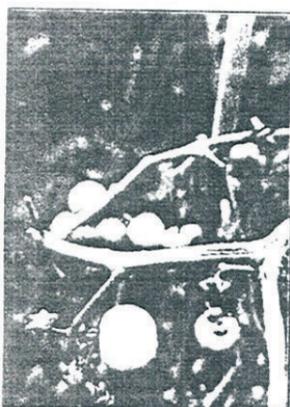
Foi com a ajuda de Deus que Moraes Barros acredita ter conseguido comprar a casa onde mora e o sítio que mantém em Itapeva. Modesto, diz que o lugar é peque-

no, possui pouco mais de dois alqueires, mas tem uma produção de dar inveja a qualquer fazendeiro. "Em menos de seis anos já tenho 128 pés de laranja produzindo", revela, sorridente.

As técnicas para o plantio no sítio são as mesmas utilizadas na horta da Lapa. "Não existe terra improdutiva", garante. "Tudo que se planta cresce." A produção, assegura, é apenas para abastecer sua própria casa e a dos filhos, mas os vizinhos também se beneficiam.

Quem visita a casa de Moraes Barros dificilmente sai de lá sem levar alguma coisa de sua horta ou sítio. Que ele tem amor

pela terra, vizinhos e amigos já sabem. O que muita gente ainda desconhece é que Moraes Barros é também escritor. Nas horas vagas, escreve poesias (veja texto ao lado) e apesar de já ter mais de 300 no papel ainda não sabe quando publicará seu livro. (Verônica Dantas)



VEGETAIS QUE NÃO SERVEM PARA CONSUMO SÃO USADOS COMO ADUBO



Moraes Barros e seus 64 m² de horta: "Tudo que sai da terra tem que retornar para ela"

HORTA DE POETA

Eu subi num pé de couve
No fundo do meu quintal
Queria ver todo Estado
Mas só vi a Capital

Subir em pé de couve
Falando ninguém acredita
Medem cinco metros de altura
Bem por isso são bonitas

Transformo pés de couve em árvore
Com o vento muitas vezes tomba
Parece mentira mas é verdade
Meu cavalo descansa em sua sombra

Agora é a vez do macaco
Na roça quebrando milho
Veja como ele engana o homem
E leva comida pro filho

É um animal inteligente
Ele tira o milho do balaio
E sobe naquela árvore
Para tratar do papagaio

Não jogue semente fora
Enterre-a em um chão tratado
Ela vai nascer bonita
Vai dar uma árvore frondosa
Vai deixar o ar mais novo
Vai dar uma fruta gostosa
E alimentar o nosso povo

Enquanto se derruba uma árvore
Pára transformá-la em pó de serra ou carvão
Eu transformo um pé de couve em árvore
Para alimentar o nosso povo
E embelezar o nosso chão

Nossas matas tão verdinhas
Desde o alto lá da serra
Hoje está tudo marrom
Está tudo cor de terra

Aquilo que a natureza nos deu
Com carinho e tanto amor
Está quase tudo derrubado
Por causa do mau feitor.

ALIMENTAÇÃO

Rebeca
RESTAURANTE
ROTISSERIE - BUFFET
SELF-SERVICE
POR KILO
TEL.: 65-1388
R. Cardoso de Almeida, 609
Perdizes - SP.

ENTREGAS À DOMICÍLIO

Aceitamos encomendas de Doces e Salgados para Festas à Domicílio.

ALIMENTAÇÃO

Gelateria Itália

- * SORVETES
- * TORTAS E BOLO DE SORVETE
- * DOCES, SALGADOS
- * BOMBONS FINOS

Aceitamos encomendas p/feitas

Av. Sumaré, 100 - Tel.: 262-7593
Rua Turiaçu, 2100 - Lj.47/48 - Shop.Matarazzo - Tel.: 263-0695
Av. Prof. Alfonso Bovero, 554/597 - Tels.: 262-4072 • 263-7047

O ESTADO DE S. PAULO

Leste

SeuBairro

Leste
 Itaim Paulista
 Itaquera
 Mooca
 Pari
 P. Carmo
 Penha
 P. Rasa
 Tatuapé
 V. Matilde
 V. Formosa
 V. Prudente

Água Rasa
 Aricanduva
 Artur Alvim
 Belém
 Brás
 Carrão
 Congoaba
 E. Matarazzo
 Gucianases
 São Mateus
 São Miguel
 Sapopemba

Inclui o Centro

17 DE AGOSTO DE 1995 - ANO 2 - NÚMERO 74

CIRCULA ÀS QUINTAS-FEIRAS



CRT Antônio Prado: luta anti-Aids. Pág. 12

Marcia Alves AE



A partir da esq., Ventura Ramirez, Osvaldo, Arnaldo, Sydney, Toninho e Sergio Rosa, em frente ao marco que lembra o Padre Anchieta e a história da...

...região, na entrada da Mooca: emoção no retorno ao bairro, que hoje faz 439 anos. Desde 1968 o grupo não visitou a Mooca.

Demônios da Garoa revisitam a Mooca

A convite do "SeuBairro", o mais antigo grupo musical em atividade na América Latina fez um passeio pelo bairro, incluindo o bar onde começaram a tocar, há 52 anos

Páginas 5, 6 e 7

Tatuapé tem "fábrica" de pipas

Página 3

Confira dicas do 'Guia' da região

Páginas 8 e 9

Travestis incomodam V. Luzitânia

Página 10

FIAT Fiorelli

AVENIDA PIRES DO RIO, 2500
SÃO MIGUEL PAULISTA

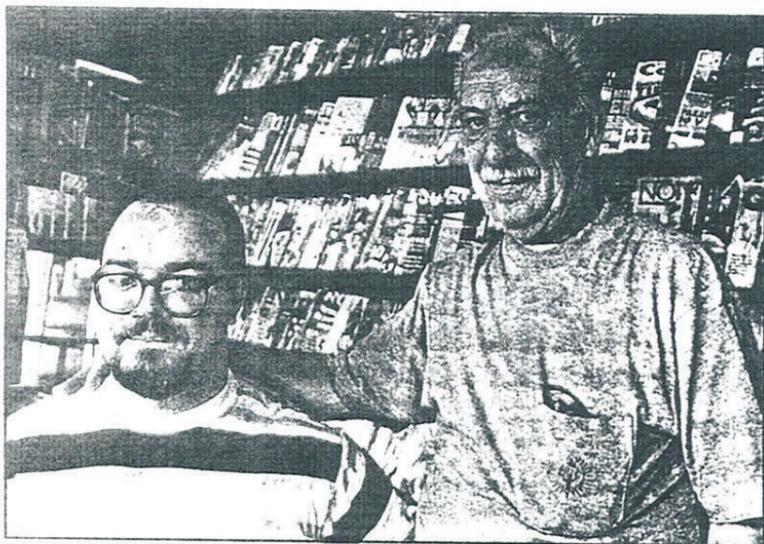
FONE: 956 - 9111

FIAT NOVOS E USADOS
OS MELHORES PREÇOS E CONDIÇÕES ESTÃO AQUI

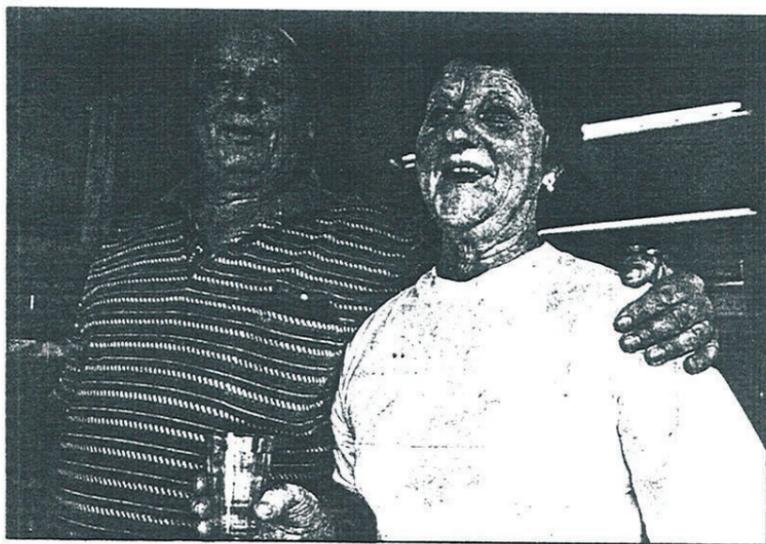
os
io
io
la
n-
o-
u-
os
la
fi-
le-
u-
al-
no
es-
ão
lio
os
tu-
ço
es-
vi-
tu-
ão
tor
ará
gi-
de

le-
ro-
lar
por
da-
es-
erá
lem
en-
os.

4CM
147.



Sidney e o pai Jayme Navarro, na banca de jornal: conversas na memória; Antonio Rivieri e a mulher Maria lembram dos bailes



Grupo recordista volta às origens

Integrantes dos Demônios da Garoa passeiam pelo bairro onde conjunto surgiu há 52 anos; eles encontram velhos amigos e novos admiradores e recordam parte da história

Hoje, a Mooca faz aniversário. São 439 anos. Nos últimos anos se transformou de bairro tranquilo para um dos metros quadrados mais valorizados da Zona Leste. Desde sua fundação, a Mooca exerceu importante papel no desenvolvimento da cidade. Sua influência está até na música popular. Foi lá que nasceu o grupo Demônios da Garoa, há 52 anos. Depois de 27 anos sem passar pela região, *Seu Bairro* percorreu alguns pontos importantes do bairro com integrantes do conjunto musical que voltaram ao seu local de origem, não só para matar a saudade como também para homenagear um dos bairros mais queridos de São Paulo.

Na década de 40, a região ainda era mais residencial, embora nem toda ocupada. O número de estabelecimentos comerciais dava para contar nos dedos. Num pequeno sobrado, na esquina das Ruas dos Trilhos e Hipódromo, dois jovens varavam a madrugada cantando e tocando violão. Nesse endereço ficava a fábrica de sapatos do pai de Arnaldo Rosa, o Arnaldinho, hoje com 67 anos.

"Para atender à demanda, meu pai tinha de trabalhar até bem tarde da noite", lembra. Seu parceiro de cantoria, Antônio Gomes Neto, o Toninho, com mesma idade, é companheiro até hoje. São eles os fundadores do Demônios da Garoa, o grupo mais antigo da América Latina em atividade. Isso está atestado no *Guinness*, o Livro dos Recordes, nas edições de 1991, 1992, 1993 e 1994. "Estão fazendo uma pesquisa para identificar o grupo mais antigo do mundo e nós somos fortes concorrentes", diz Toninho.

Muitos outros músicos já passaram pelos Demônios da Garoa.

Atualmente estão no conjunto Sérgio Rosa, de 46 anos, Ventura Ramirez, de 56, Sydney Tomazzi, de 43, e Osvaldinho da Cuíca, de 55, além dos fundadores Toninho e Arnaldinho.

O sapateiro Alexandre Rosa, pai de Arnaldinho, foi um dos maiores incentivadores do grupo que, a princípio, chamava-se Grupo do Luar. Longe de alguém achar que os meninos incomodavam a vizinhança. "Muitos ficavam acordados até tarde para nos ouvir cantar", lembra Toninho.

O sucesso não demorou e logo os meninos da Rua dos Trilhos foram chamados para tocar em bailes e festas na Mooca, Belém, Brás e imediações. "Eu não perdia um baile no Delta Clube", lembra o comerciante Osvaldo Sérgio Pedreschi, de 67 anos, morador da Mooca desde 1927. "Esse salão ficava na Rua João Antônio de Oliveira."

Amigos — Pedreschi e seu amigo Orleans Favero, de 62 anos, não resistiram ao ver o amigo e ídolo Arnaldinho, passeando pelas ruas da Mooca na semana passada. "Há mais de 20 anos que não o vejo pessoalmente, só pela televisão", disse Favero, emocionado. "A nossa juventude se passou ao som dos Demônios da Garoa", explica.

Cumprimentos, acenos e olhares curiosos eram lançados a cada

metro percorrido pelo grupo. Mesmo que não fossem famosos, era quase impossível não notar a presença dos músicos no bairro. Andar com eles é o mesmo que estar com um grupo de adolescentes, daqueles mais endiabrados. É divertimento certo.

"Nós somos fiscais da Prefeitura e viemos fechar o seu bar", disse Osvaldinho da Cuíca. A comerciante Maria Aparecida Vieira Crochiquia, de 47 anos, ficou atônita. Logo ela é avisada que lá, onde está o seu Bar e Lanches Mutamba, na esquina das Ruas dos Trilhos e Hipódromo, nasceu, há mais de 50 anos, o grupo Demônios da Garoa.

"Meu Deus, quanta honra", disse estasiada. "Deixa eu chamar meu marido." Rapidamente, o comerciante Dorival Crochiquia desce as escadas do sobrado centenário. "É verdade mesmo?" Refeito do susto, o casal não esconde a alegria de estar recebendo tão ilustres visitantes em seu modesto bar. "Será que eles querem comer alguma coisa?", preocupa-se Maria Aparecida.

Mooquense mesmo, de criação, só Arnaldinho e seu filho Sérgio Rosa, também inte-

grante do grupo. Hoje, ambos moram na Vila Alpina, também na Zona Leste. "No começo, era na minha casa, no final da Rua dos Trilhos que todos se reuniam", lembra Arnaldinho. Para não deixar a casa dos pais repleta de amigos, eles marcavam a reunião na padaria em frente.

Juventude — Bons moços, os Demônios da Garoa nunca foram de

dar problemas. Depois de 27 anos, eles voltaram à mesma padaria, para tomar o inesquecível guaraná. E lá, novamente... "Não acredito, eles aqui, depois de tanto tempo, meu Deus deixa eu dar um abraço", disse empolgada a aposentada Terezinha de Jesus Angiolella, de 53 anos. Conforme ela mesmo se define: fã número um do grupo. "Nunca perdi um baile com eles e tenho todos os discos."

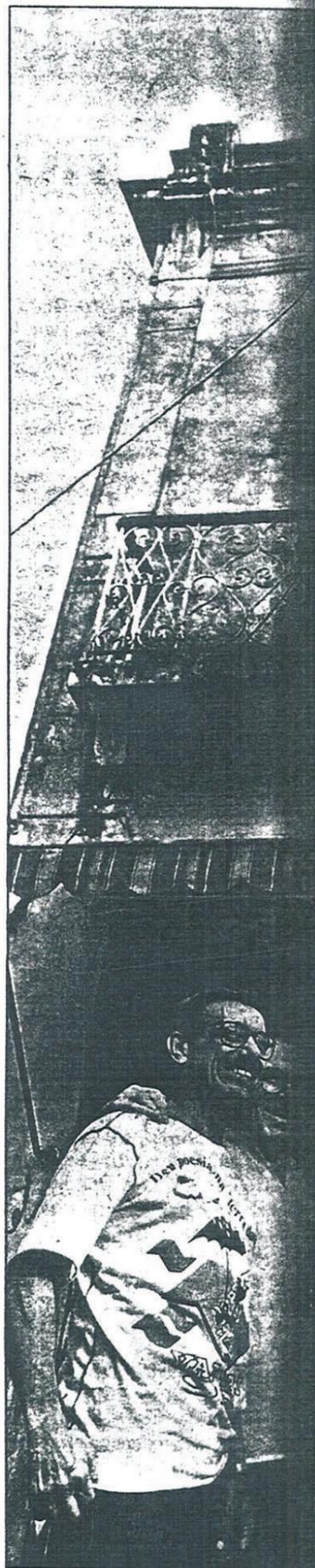
Mas não é só o pessoal da geração das décadas de 50 e 60 que vai de encontro aos músicos para tentar um autógrafo ou um abraço amistoso. "Meu pai sempre me conta como a Mooca era alegre no tempo deles", disse a estudante Fabiola Teixeira, de 20 anos. Ela e amiga Tânia Patrícia Guarnieri, de 23 anos, também foram à padaria ver os Demônios da Garoa. "Para nós, é um orgulho saber que daqui saiu gente tão famosa", disse Fabiola.

Em pouco tempo, a padaria ficou cheia de gente. E não faltou aquele que não tinha uma história para contar. "Era para meu irmão tocar com o grupo", lamentava a dona de casa Maria Colombara Riviera, de 59 anos. "Infelizmente, ele morreu aos 21 anos." Apesar da perda, Maria não deixou de frequentar os bailes com os Demônios da Garoa. "Ela dançava e eu só ficava apreciando as músicas", conta o marido, Antônio Riviera Neto, de 62 anos. "Ele era tímido", denuncia a mulher.

"Vê-los aqui é como se o tempo não tivesse passado", disse o jornalista Jayme Navarro, de 71 anos. "O Jayme é nosso amigo de muitos anos, não imaginava que a sua banca ainda estivesse aqui", disse Arnaldinho. Atualmente, é o filho de Jayme, Sidney Navarro, de 36 anos, quem toma conta da banca, ao lado da antiga casa da família Rosa, na Rua dos Trilhos. "Eu tinha uns 5 anos, mas ainda me lembro do Arnaldinho e do Toninho batendo papo com meu pai aqui", disse Sidney. (E.F.)



MARIA APARECIDA E DORIVAL, DO BAR MUTAMBA: BERÇO DOS DEMÔNIOS



A partir da esquerda: Osvaldinho, Toninho, Sydney, Arnaldinho, Ventura e Sérgio, atual formação dos Demônios da Garoa, em frente da antiga sapataria do velho Rosa, incentivador do conjunto, na Rua dos Trilhos: cantoria noturna bem-recebida pelos vizinhos

BAIRRO

MOOCA

Fotos Maria Alves AE



Tânia (E) e Fabíola, na padaria freqüentada pelos Demônios da Garoa: orgulho mooqueense

Bairro está em samba e novela

Da letra de Adoniran Barbosa à "A Próxima Vítima", jeito dos moradores é lembrado

A Mooca dos Demônios da Garoa era tranqüila. "Aqui, na Rua dos Trilhos, ainda passava o trem e o Hipódromo era a maior sensação do bairro", lembra Arnaldo Rosa, o Arnaldinho. "A Avenida Paes de Barros não era asfaltada e nós andávamos muito por lá", conta Antônio Gomes Neto, o Toninho. Para ele, fundadores do Demônios da Garoa, o progresso valorizou muito a região. "Ele é bom, mas acaba com a tradição", disse Arnaldinho.

Os demais integrantes do grupo não são da Mooca, mas já tocaram várias vezes lá. "Estou com o grupo há mais de 25 anos, sou da Zona Norte, mas já nos apresenta-

mos no Juventus várias vezes", disse Ventura Ramirez que toca violão de sete cordas. Osvaldinho da Cuíca passou toda a sua vida entre o Bom Retiro e o Bexiga. Durante as cinco décadas do grupo, Osvaldinho já participou do grupo durante cerca de 20 anos. "Sempre vou e volto", conta Sydney Tomazzi e Sérgio Rosa são filhos de Toninho e Arnaldinho, respectivamente, e, como os pais, entraram na carreira artística desde cedo. Neste mais de meio século de existência, os Demônios da Garoa já gravaram mais de 500 músicas e imortalizaram o compositor Adoniran Barbosa nos sucessos *Iracema*, *Trem das Onze*, *Saudosa Maloca* e *Samba do Ernesto*,

entre outros.

No samba *Abrigo de Vagabundos*, Adoniran fez uma espécie de continuação de *Saudosa Maloca* e incluiu o Alto da Mooca na letra. "Nóstambém gravamos essa música e a consideramos uma homenagem ao bairro de onde viemos", disse Toninho.

No próximo mês, mais um CD do grupo vai estar no mercado. É o disco *Demônios da Garoa Hoje*. Contando os velhos 78, compactos, LPs e CDs, esse é o de número 60. "É mais ou menos por aí", arrisca o empresário do grupo, Odilon Mário. E ele avisa: "Se as pessoas não encontrarem o disco na loja podem comprar diretamente conosco". É completa: "Basta ligar: 221-8632."

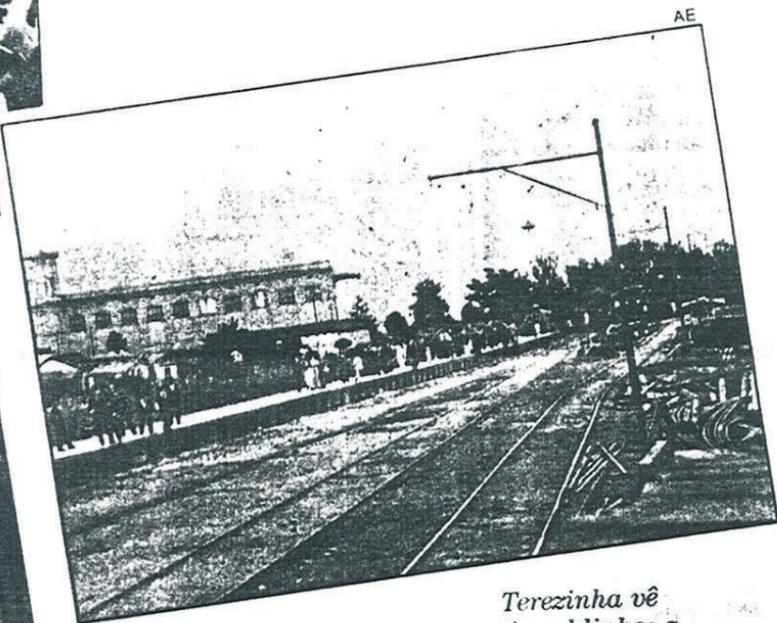
**LÍNGUA
FALADA TEM
SONS
PECULIARES**

Explicação — Nunca se falou tanto da Mooca. A cada capítulo da novela *A Próxima Vítima*, da Rede Globo, a referência ao bairro feita todos os dias. "Essa é a Mooca onde se fala o paulistanês, um mistura de italiano com o jeito de paulista", diz o autor Silvio de Abreu.

O cenário da novela mostra famílias amigas, gente nas calçadas e muita conversa. Ou será "quais, quais". Afinal o que é "quais, quais?" Osvaldinho da Cuíca tenta explicar: "É uma coisa muito antiga, que está na conversas dos malandros, no morro, no pântano e em todo lugar, mas tanto na Mooca quanto no Bexiga, 'quais, quais, quais' é 'quais, quais'", Osvaldinho escreveu. A expressão de samba com esta expressão peculiar, incluída no novo CD. (E.F.)



Terezinha vê Arnaldinho; a R. dos Trilhos



da:
ho,
ho,
tual

oa,
ga
ho
r do
dos
ia
bida

SUAS FOTOS
NAS CORES CERTAS



Laboratório Fotográfico

Fone: 3685-3285
www.fotolab.com.br

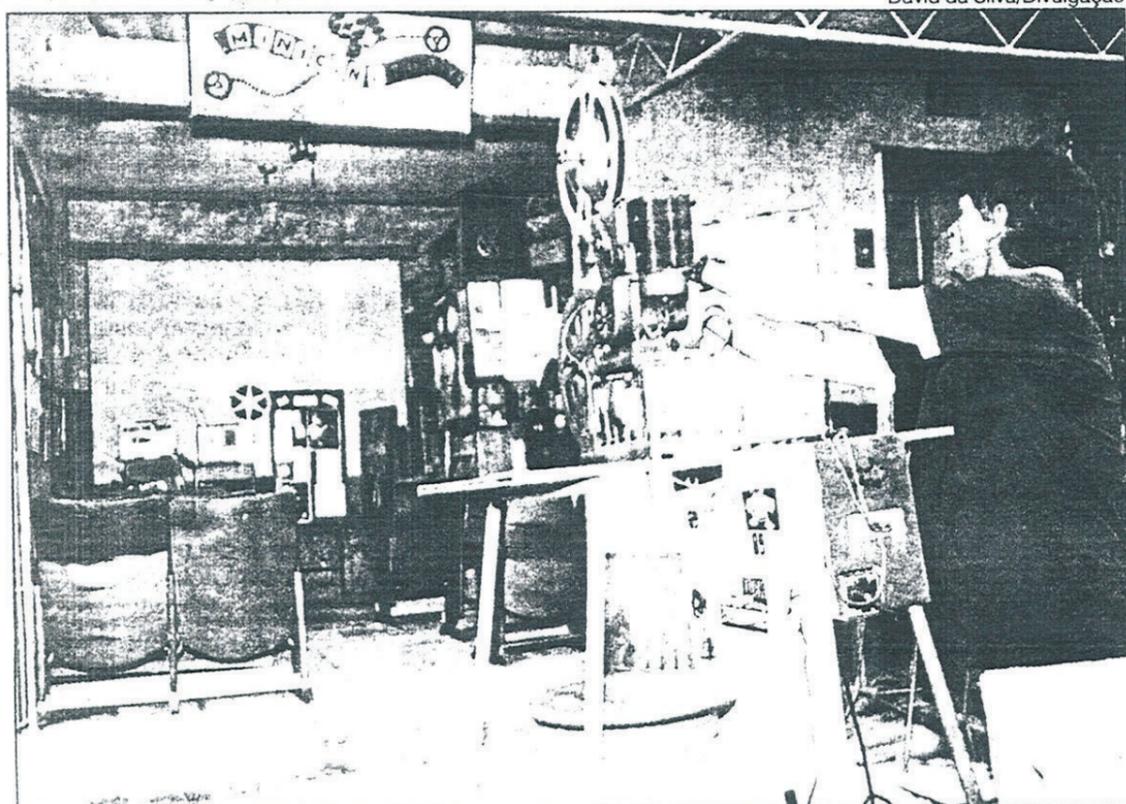
O ESTADO DE S.PAULO Grande SP Oeste Seu Bairro

28 DE DEZEMBRO DE 2000 - ANO 4 - NÚMERO 194

CIRCULA NA QUINTA-FEIRA



Lixo em Carapicuíba Pág. 3



David da Silva/Divulgação

Todos os domingos, depois que escurece, Zagati exhibe filmes em 16 milímetros no Mini-Cine Tupy

O 'Cinema Paradiso' de Taboão da Serra

Assim como o personagem Totó do filme do italiano Giuseppe Tornatore, o catador de lixo José Luiz Zagati, de 50 anos, apaixonou-se pela sétima arte ainda criança e hoje realiza o sonho de ser projetorista num cinema que montou em casa, no Sítio das Madres

BÁRBARA SOUZA

O catador de lixo José Luiz Zagati, de 50 anos, poderia ser mais um personagem do cineasta italiano Giuseppe Tornatore, vencedor do Oscar de melhor filme estrangeiro em 1989 com *Cinema Paradiso*. Assim que escurece, Zagati abre uma pequena sala em sua casa ainda em construção, no Sítio das Madres, em Taboão da Serra, para projetar filmes em película de 16 milímetros, aos domingos, no Mini-Cine Tupy. "O cinema é responsável por 50% da minha vida", define Zagati.

Mesmo conhecendo a história do *Cinema Paradiso* apenas por jornais e revistas, Zagati, que não tem videocassete e não vai ao cinema há pelo menos cinco

anos, aponta semelhanças entre sua vida e a do menino Totó, o ator Salvatore Cascio, que se apaixonou pela sétima arte no filme italiano.

"Eu tinha 4 anos quando fui ao cinema pela primeira vez, em Guariba, no interior de São Paulo", lembra o projetorista.

"Fiquei de boca aberta no colo da minha irmã ao ver as cenas de faroeste."

O pequeno José Luiz só voltou a ver um filme aos 12 anos, já em Taboão da Serra. O antigo Cine Tupy, fechado há mais de 30 anos, foi um de seus inspiradores. Dali, Zagati planejava suas invenções. "Uma vez, achei um pedaço de fil-

PRIMEIRO
FILME QUE VIU
ERA UM
FAROESTE

me e, com uma caixa de papelão e uma lente de óculos, montei um pequeno projetor."

O invento se perdeu, mas a imagem da pequena fita nunca saiu da sua cabeça. "Mais tarde fui saber que aquele era um filme do Mazzaropi, meu ídolo maior."

Da infância pobre à vida difícil que leva como catador de lixo, Zagati sempre se lembra dos obstáculos que enfrentava para chegar ao Cine Tupy. "Caminhava horas e horas por uma estrada de terra para chegar ao cinema."

Depois de entrar em contato com a Secretaria de Educação e Cultura do muni-

cípio, Zagati foi convidado para participar da 1.ª Mostra de Cinema de Taboão da Serra. "A coisa mais emocionante que me aconteceu foi entrar naquele teatro e falar de cinema", revela o projetorista.

A mostra foi realizada no Centro Municipal de Recreação e Cultura Carlos Drummond de Andrade (Cemur). "Eu sempre passava na frente do teatro e me perguntava quando poderia entrar ali."

O secretário João Medeiros de Sá Filho foi quem teve a idéia de convidá-lo para participar da mostra. "A única coisa que explica o que ele faz pelo cinema é a paixão pela arte", acredita Sá Filho. "Faremos o que for possível para que ele mantenha essa arte vivá."

■ Mais informações nas páginas 4 e 5

Catador de lixo projeta sonhos na periferia

Aos domingos, José Luiz Zegati deixa de lado o carrinho de madeira e assume a máquina de projeção de filmes em casa

BÁRBARA SOUZA

Todos os domingos, José Luiz Zegati deixa de lado o carrinho de madeira que usa para catar lixo nas ruas de Taboão da Serra, para se tornar o centro das atenções no Sítio das Madres, um bairro de assentamento na periferia da cidade.

De barba feita e camisa estampada, Zegati procura o melhor ângulo da Rua Isaías Félix dos Santos, na frente do número 67, onde funciona o Mini-Cine Tupy, para instalar seu projetor para películas de 16 milímetros. "Depois, tenho de rezar para não chover."

O equipamento fica do outro lado da rua para permitir a projeção em maior escala no telão de madeira pintada de branco que instalou nas paredes úmidas pela infiltração do pequeno salão.

Antes do telão, Zegati projetava seus filmes em lençóis, em lonas e

até em paredes. "Não me esqueço do dia em que ele projetou o *Homem-Aranha* em preto-e-branco na parede da garagem da minha casa", afirma a estudante Elisângela da Silva Santos, de 12 anos.

Até hoje, ela não conhece outro cinema senão o do seu Zegati. "Eu tinha muita curiosidade para saber o que era aquilo tudo, aqueles equipamentos, mas tinha vergonha de perguntar."

Desde o dia em que criou coragem para perguntar, Elisângela tornou-se uma espécie de assistente do projectionista. Ela divide com o vizinho Filipe Augusto Feitosa, de 10 anos, as responsabilidades pelos últimos detalhes antes das sessões, aos domingos, que incluem distribuição



Zegati usa o dinheiro que ganha catando lixo nas ruas da cidade para comprar os equipamentos.

CRIANÇAS AJUDAM NAS SESSÕES

de senhas para sorteio de brinquedos no fim da exibição, deixar a sala em ordem para a projeção e ajudar a guardar os equipamentos para a próxima semana.

"Acho fascinante o que ele faz aqui no

bairro", diz. O garoto revela que, em dia de "casa cheia", acaba tendo de se acomodar nos degraus ou improvisar um banquinho em cima de alguma lata de tinta.

"Antes, quando o seu Zegati projetava os filmes nas ruas, as pessoas levavam as cadeiras,"

Denominado cinema itinerante, o trabalho de Zegati conquistou a vizinhança e moradores de outros bairros. "Eu chegava a algum lugar que não conhecia e falava para o pessoal que tinha um filme para eles verem", explica.

"Ficava de prontidão e logo apareciam os interessados em emprestar energia elétrica e em oferecer um copo d'água."

Improviso - "Os espectadores se ajeitavam por ali mesmo, em pé ou sentados em tocos de árvores", conta Zegati. Quando não conseguia a lona para projetar o filme, ele pedia lençol para um vizinho.

"Já ocorreu de os moradores

emprestarem dois lençóis brancos, um amarrado ao outro, só para eu poder passar o filme", diz.

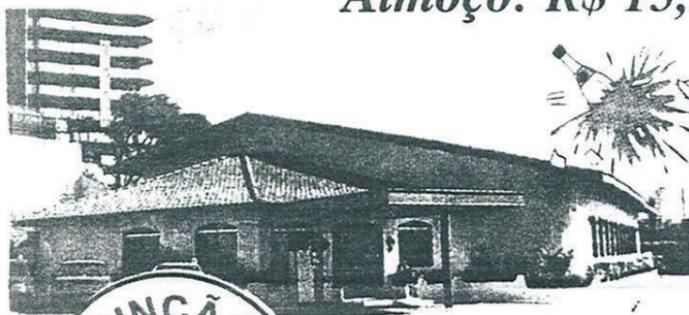
Há um ano, porém, Zegati decidiu levar o cinema para dentro de casa. Tirou da pequena sala onde funcionava sua oficina os móveis antigos e as ferramentas.

Com o tempo, conseguiu comprar um projetor e algumas bobinas, relíquias que ele diz não ter palavras para definir. "Esses filmes são a minha vida", afirma, segurando as fitas com as duas mãos.

■ **Mini-Cine Tupy** - Sessões todos os domingos. Horário: sempre depois que escurer. Grátis. Rua Isaías Félix dos Santos, 67, Sítio das Madres

QUALIDADE VOCÊ CONHECE VENHA CONFERIR!

Almoço: R\$ 15,90 • Jantar: R\$ 10,90



Estamos Trabalhando no REVEILLON FAÇA SUA RESERVA

* Completo Buffet de Saladas e Pratos Quentes

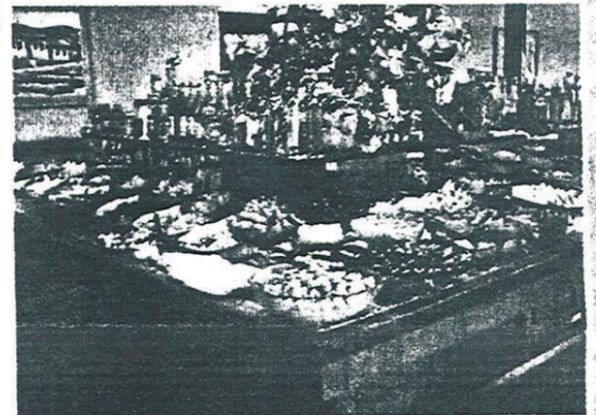
* Ambiente c/ Ar Condicionado

* American Bar

* Salão com Dois Ambientes próprios para Eventos, Festas e Casamentos

3688-3440 / 3688-3106

Av. dos Autonomistas, 1821 - Osasco - SP (Amplio Estacionamento com Manobrista)



Horários de funcionamento:

2ª à 6ª { Almoço: 11:30hs. às 15:30hs.
Jantar: 18:00hs. às 0:00hs.

Sábados, Domingos e Feriados das 11:30hs. às 0:00hs.

Aceitamos:



BOÃO DA SERRA

David da Silva/Divulgação

Projeccionista equipa cinema com material de lixão

Cadeiras foram encontradas em um terreno baldio; Zagati recolhe pôsteres e jornais

As 16 cadeiras de estofado vermelho que estão no Mini-Cine Tupysão, na verdade, um "presente" que o projeccionista José Luiz Zagati ganhou da mulher, Madalena, de 38 anos. Catadora de lixo, assim como o marido, foi ela quem viu um caminhão carregado de cadeiras, parecidas com as dos antigos cinemas, a caminho de um terreno baldio.

"Cheguei em casa e avisei o José", conta Madalena. Depressa, Zagati foi verificar a notícia. "Encontrei as cadeiras desmontadas, quebradas e as trouxe para casa."

Zagati contou com o auxílio dos vizinhos Elisângela da Silva Santos, de 12 anos e Filipe Augusto Feitosa, de 10 anos. "Eles me ajudaram a consertá-las."

Nos lixões, Zagati costuma encontrar pôsteres de filmes, que ele usa para enfeitar sua sala de exibição. As novidades sobre lançamentos, Zagati coleta em jornais do dia anterior.

Numa das paredes da sala está o telão, que ele mesmo construiu com material que encontrou num



David da Silva/Divulgação

Zagati quer filmes de Mazaropi: "Ele é o nosso Charles Chaplin"

CAIXA DE SOM FOI ADAPTADA

lixão. Para evitar que o projetor fique exposto à ação do tempo quando está garoando, Zagati inventou uma espécie de guarda-chuva, adaptado à mesa que sustenta o equipamento. "O som também é adaptado",

mostra, com orgulho, uma das caixas que uniu ao projetor. Gastou R\$ 80,00 para comprar o equipamento. O investimento rendeu uma bronca da mulher.

Roteirista - "No começo, não gostava que ele tirasse dinheiro de dentro de casa para usar com esse tal de cinema", comenta Madale-

na. "Mas é a distração dele, o que posso fazer?"

Pai de nove filhos e com dois netos, Zagati diz que gostaria de ser roteirista, mas prefere mesmo projetar. "Acho que eu teria boas histórias para contar, só que sou fascinado pela proje-

TELÃO FOI FEITO COM MADEIRITE

ção", diz. Ele estudou até a 4.ª série do ensino fundamental e aprendeu sozinho a colocar o projetor para funcionar. "Para essas coisas, a gente não precisa de instrução, é só ligar e começar a mexer."

Mas, para conseguir comprar o primeiro equipamento, o projeccionista teve de enfrentar os olhares reprovadores dos donos de lojas especializadas em material cinematográfico no centro da capital.

"As pessoas me atendiam raras vezes sequer olhavam para mim", revela. "Depois, conheci uma loja no bairro de Santa Ifigênia e comecei a comprar meus materiais lá", explica. Entre as 40 caixas de filme que mantém no estoque, o mágico que ele mesmo fez, Zagati quer acrescentar algumas com histórias de Mazaropi. "Ele é o nosso Charles Chaplin", afirma.

"É impossível falar em cinema no Brasil sem citar o Mazaropi", opina o projeccionista, sempre sorteando títulos entre as caixas que assiste às películas e não bra nada de que frequenta o Mini-Cine Tupy.

"Isso que estou fazendo seria muito difícil se eu não amasse o cinema", diz. "Sou um simples catador de papelão que consegue ser feliz realizando um sonho." (B.S.)

colégio

PE. ANCHIETA

O sucesso bem perto de você!

Ensino Médio: Administração, Contabilidade, Informática, Publicidade e Turismo.

EDUCAÇÃO INFANTIL

ENSINO FUNDAMENTAL

ENSINO MÉDIO

3681-3437

Oh. s.
hs.
s 0:00hs.



O ESTADO DE S. PAULO

Seu Bairro ^{Norte}

21 DE MARÇO DE 1994 - ANO 1 - NÚMERO 1

CIRCULA ÀS SEGUNDAS-FEIRAS



Roberta Dabdab/AE
Mercado tem obra irregular. Pág. 8



Roberta Dabdab/AE
Seção faz dois anos de visitas

Página 3

Conheça a história da Voluntários

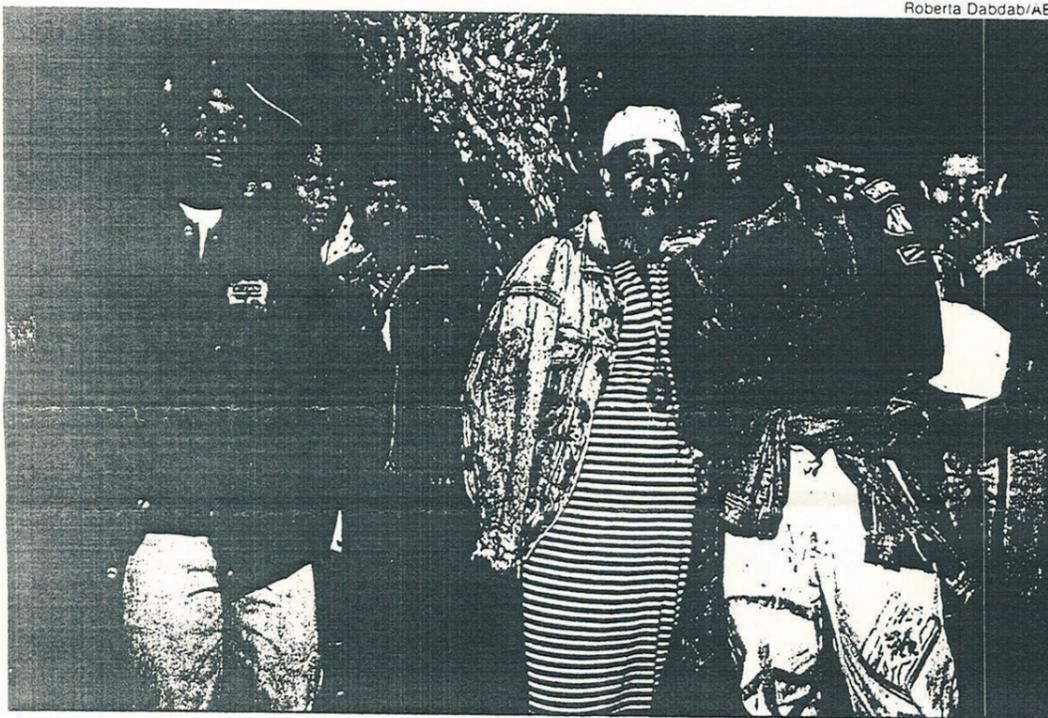
Página 2

Oficinas de cultura são opção grátis

Página 6

Rogério Teixeira e Viviane Lemos (à frente), Alberto de Jesus Neto e Cátia Rodrigues: na Avenida Brás Leme, agito mesmo sem precisar sair do jipe

Os embalos noturnos além do Tietê



Roberta Dabdab/AE

A gerente Isa Camilo (vestido listrado) e galera: diversão na Rua Santa Eulália, Santana

De points que lembram o clima do Interior a danceterias onde rola um pagode de primeira, os jovens agitam a noite em Santana, na Freguesia do Ó e na Vila Maria

Páginas 4 e 5



Roberta Dabdab/AE

Ana Paula Viana (dir.) e amigas: curtição no Alpendre

CARTAS

Jogo de cintura

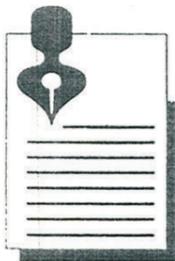
Dirigir uma entidade de classe é fácil; o difícil é compreender as pessoas. Uns querem fechar uma rua, outros são contra. Uns querem a poda de árvores e os ecologistas gritam contra. Uns querem lombadas e outros dizem que as lombadas abalam as casas. Uns querem a feira livre na porta de suas casas e, depois, reclamam que os feirantes são barulhentos e malcriados. Temos de exercer as funções de pedreiro, pintor, electricista, agente de informações e conhecer leis. Temos de dar tudo de nós para todos e são poucos os que reconhecem. Não temos dias de descanso e muitos perguntam o quanto ganhamos por isto. Nada! Não temos o direito de sair com nossa família porque não sobra tempo. Quando vestimos uma nova roupa ou se temos condições de trocar de carro, muitos dizem que estamos enriquecendo às custas do povo. Gastamos com condução, ofícios, selos, representações, reuniões e acompanhamento de reivindicações e, quando chega o benefício, não recebemos nenhum muito obrigado. Quando não conseguem o que querem, dizem que a entidade não faz nada. Quando convidamos para lutarem por alguma reivindicação, ninguém tem tempo, só nós. Temos de ter jogo de cintura para não conquistar inimidades. Mas Deus é Pai e nos ensina a ser humildes e saber perdoar. Paulo Pereira de Almeida, presidente da Sociedade Reivindicativa e Assistencial da Vila Meireiros (Soravim).

Sem asfalto

É horrível morar há 20 anos em um bairro e ver todas as outras ruas receber o benefício da pavimentação e a sua não. Longe de querer pensar em discriminação, mas será que só por ser uma viela a Rua Jaime Afonso não foi asfaltada? Eu e outros moradores já não agüentamos mais. São dias e dias de sofrimento. Se chove, o barro e a lama invadem nossos quintais, a casa não pára limpa e não é raro ver alguém escorregando. Quando isso acontece chegamos atrasados ao serviço, pois temos de voltar para casa para trocar de roupa,

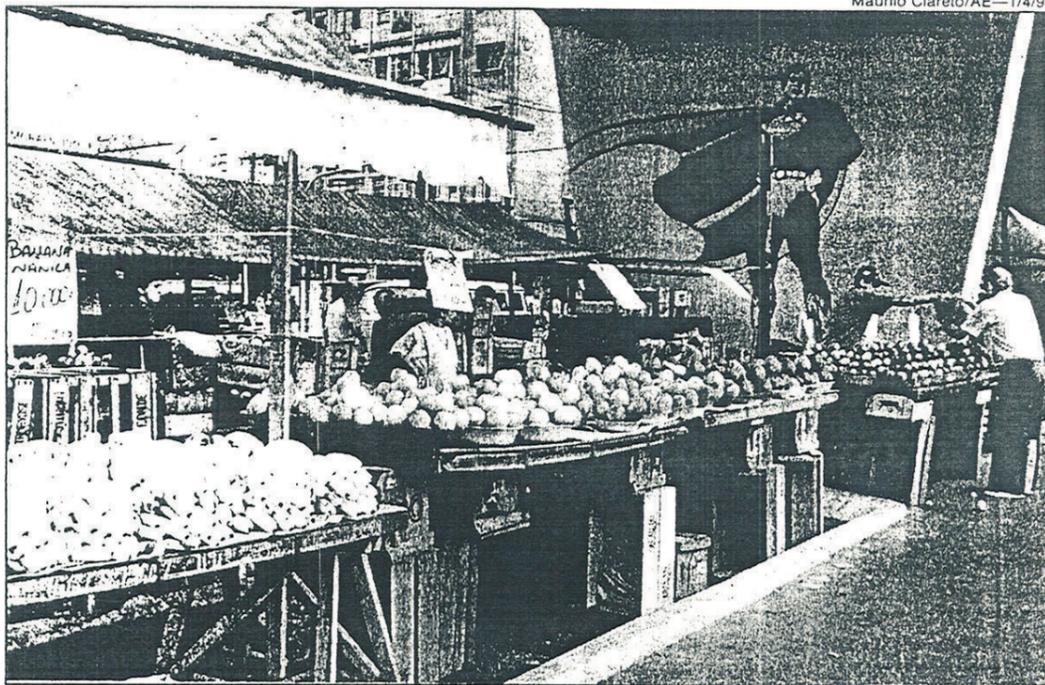
pois o lamaçal não perdoa. No verão, nós também sofremos. O solo fica seco e a poeira suja as roupas no varal. Quem tem problemas respiratórios também sofre. Sem contar que a rua é vista pelos outros moradores, de ruas pavimentadas é claro, como depósito de lixo. Se alguém faz reforma em casa, joga o entulho na viela ao lado. Caso o caminhão de lixo não passar, os sacos também são colocados lá sem nenhum cuidado. Se o meu bairro tivesse outras ruas sem asfalto, não estaria falando só pela nossa, mas é incrível, só a viela Jaime Afonso, localizada na altura do nº 1.714, que ainda é de terra. Jobeth de Jesus, Jardim Brasil.

■ As cartas devem ser enviadas ao Estado, suplemento Seu Bairro — Av. Eng.º Caetano Álvares, 55, 6º andar, CEP 02598-900, ou fax 856.2940/2941, com nome, endereço e número de identidade, e poderão ser resumidas a critério do jornal.



FOTOGRAFE SEU BAIRRO

Maurilo Claretto/AE—1/4/93



Frutas, Superman e alegria

Os baixos dos viadutos costumam ser abandonados, o que não ocorre sob as estruturas do metrô perto da estação Santana. Ali, ao lado dos ambulantes e suas frutas impecavelmente

alinhadas, Superman alegre a área antes triste, como mostra a foto de Maurilo Claretto.

■ Este é um espaço aberto ao leitor. Se você tiver uma foto ou quiser fotogra-

far algum ponto interessante da região onde mora, envie material (filme ou foto) para o suplemento Seu Bairro — Av. Eng.º Caetano Álvares, 55, 6º andar, CEP 02598-900. A publicação fica a critério da Redação.

MEMÓRIA

Guerra inspirou nome de rua

Comércio e trânsito intensos se tornaram as características da Voluntários da Pátria

A Rua Voluntários da Pátria é uma das principais vias que ligam os bairros da Zona Norte, especialmente Santana, Mandaqui e Carandiru, ao Centro. Seu nome é o mesmo desde o século passado. Oficialmente, po-

rém, a Voluntários, como é conhecida na região, foi batizada com atos dos dias 6 de julho de 1914 e 24 de julho de 1916, para homenagear o 7º Batalhão de Voluntários da Pátria, formados por civis que foram lutar na Guerra do Paraguai.

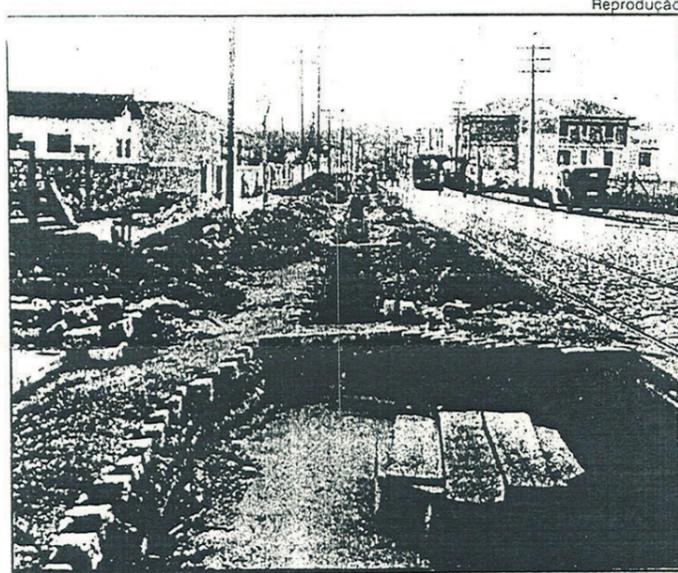
Em 1929, começaram as obras da construção de galeria subterrânea e depois vieram outros benefícios, como a pavimentação da rua. Por ser uma importante via de acesso para

o Centro, o movimento intenso de veículos e pedestres atraiu comerciantes que, nos anos 50, abriram muitas lojas no local. Esse perfil de rua comercial mantém-se até hoje. Comércio e tráfego intensos são as marcas da rua.

Mas a Voluntários da Pátria já foi uma via tranquila. Nas primeiras décadas deste século, era comum ver pessoas andando a cavalo. Moças e rapazes também tinham a rua como o ponto ideal para passeios e flertes. Casas de chás, cinemas e bares tinham como frequentadores assíduos os mais ilustres moradores da região.

Antes disso, por volta de 1800, a Voluntários da Pátria nem era considerada rua. Muitos a chamavam de estrada. Era feia, esburacada e cheia de poeira. Passavam por ali lentamente tropas e carros de boi. As casas foram construídas aos poucos à margem da antiga estrada. Quase todas eram feitas de pau-a-pique e tinham sempre ao lado vastas cercas de bambu.

Naquela época, durante a noite, quem se arriscava a passar pela Voluntários da Pátria via apenas em pontos distantes a iluminação fraca vinda dos lampiões que funcionavam a querosene.



A Voluntários em 1929: construção de galerias subterrâneas

GUIA DO MORADOR

Energia elétrica

Nas agências da Eletropaulo é possível conferir os dados de consumo de energia, pedir segunda via de contas de luz e mudar a data do vencimento da conta, entre outros serviços. As emergências são atendidas pelo 196. Abaixo endereços de algumas agências da Eletropaulo na Zona Norte:

■ Casa Verde — R. Antonio Lopes Marim, 41. Telefone: 265-6727.

■ Freguesia do Ó — Avenida Santa Marina, 2.699. Telefone: 266-9711.

■ Tucuruvi — Avenida Nova Cantareira, 2.009. Telefone: 204-1811.

Pequenas causas

Os Juizados de Pequenas Causas podem receber reclamações sobre serviços prestados, contratos, cobranças e indenizações de acidentes de trânsito. Qualquer pessoa maior de 18 anos pode apresentar queixa. Não é necessário contratar advogados e os processos duram em média 30 dias, se não houver recurso. Em caso de a parte perdedora apresentar recurso, o processo pode se estender por até 90 dias. Na Zona Norte, as reclamações devem ser feitas pessoalmente de segunda a sexta-feira, das 13 às 17 horas, no seguinte endereço, em Santana:

■ Foro Regional de Santana — Rua Darzan, 208. Informações pelo telefone: 950-3833.

Trânsito lidera queixas na Zona Norte

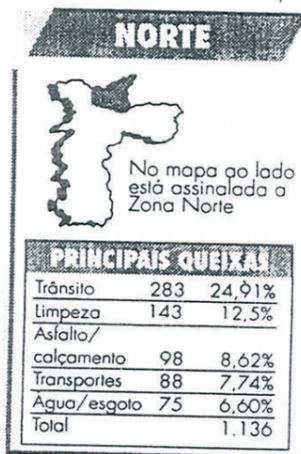
Falta de sinalização, ruas estreitas, congestionamentos e rachas incomodam os moradores, que pedem mais estações de metrô e construção de vias exclusivas para trólebus

FABIANA GITSIO

A seção *Seu Bairro* está comemorando dois anos. Nas visitas feitas à Zona Norte nesse período, a equipe de reportagem recolheu 1.136 reclamações e pôde constatar que o problema que mais atormenta os moradores da região é o trânsito, com 24,91% das queixas. Foram percorridos 17 bairros, não só os mais conhecidos, como Santana, Tucuruvi, Carandiru, Casa Verde, Limão e Freguesia do Ó, mas também Tremembé, Parada Inglesa, Santa Teresinha, Mandaqui, Jaçanã, Vila Gustavo, Vila Guilherme, Vila Nova Cachoeirinha, Vila Maria, Brasilândia e Parque Novo Mundo.

Sai na frente na lista de reclamações a falta de fiscalização e de sinalização em cruzamentos. As outras queixas referem-se a construção de vias, congestionamentos, fechamento de ruas e áreas de estacionamento, excesso de ônibus nos pontos finais, necessidade de vias exclusivas para trólebus, e até mesmo rachas automobilísticos.

Na primeira visita à região, em abril de 1992, os repórteres estiveram na Casa Verde e ouviram várias pessoas, irritadas com as ruas superestreitas e com mão dupla, caso da Rua Dr. César Castiglioni Júnior.



Na visita mais recente, ao Carandiru, em janeiro, foram feitas muitas reivindicações, como lombadas para a Rua Nelson e alargamento da Rua Darzan. Mas o campeão foi o Tremembé, com 39% das queixas. Os moradores do bairro estavam com muito medo de que a Via Perimetral Metropolitana invadissem a área do Horto Florestal.

Limpeza — O segundo maior problema apontado pelos moradores da Zona Norte foi a fal-

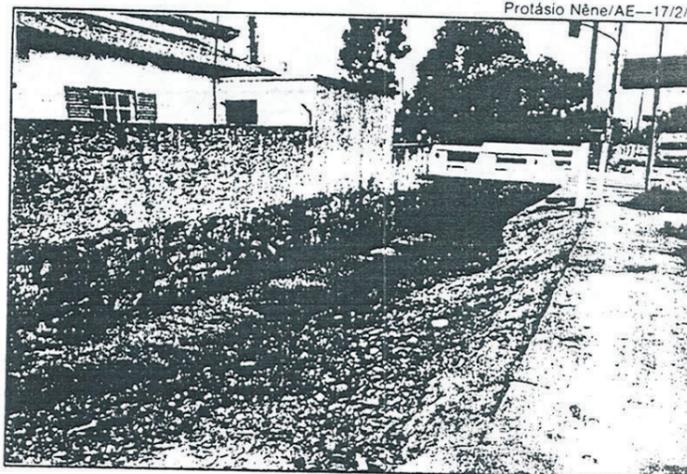
ta de limpeza, com 143 queixas. Praças, terrenos particulares ou públicos, e áreas verdes, podiam estar mais limpos. Os bairros que mais reclamaram foram Tremembé, Vila Nova Cachoeirinha e Casa Verde. Já os moradores do Mandaqui, de Santana, da Parada Inglesa e de Vila Brasilândia estavam insatisfeitos com as condições do asfalto e pediam o recapeamento e calçamento de ruas, totalizando 98 reclamações.

Outro problema que incomoda a Zona Norte relaciona-se aos transportes, com 7,74% do total de reclamações (88 queixas). As principais reivindicações foram mais linhas de ônibus e mais estações de metrô para atendê-los, para não terem mais de conviver com a superlotação de cada dia, na hora de ir para o trabalho.

Os bairros da Zona Norte que mais reclamaram dos transportes foram a Parada Inglesa e Jaçanã, justamente locais historicamente ligados a eles. A Parada Inglesa, por exemplo, desenvolveu-se a partir da estrada de ferro Tramway da Cantareira e foi caminho de passagem dos antigos bandeirantes. Já o Jaçanã ficou nacionalmente conhecido na voz de Adonir

Barbosa pelo seu trem das onze, que nunca mais circulou porque sua estação foi demolida em 1966.

ÁREAS VERDES PRECISAM DE LIMPEZA

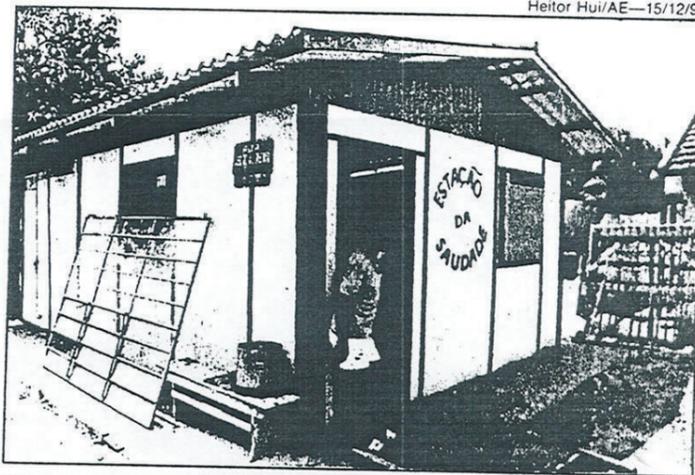


Protásio Nêne/AE—17/2/92

Sem canalização

O córrego da Rua Tomé Portes continua transbordando e trazendo muitos transtornos aos moradores da Parada Inglesa. As enchentes foram uma das principais reclamações dos moradores, em dezembro. O

córrego de 150 metros ainda não foi canalizado. O engenheiro Paulo Bronstein, da Regional Santana/Tucuruvi, disse que o projeto de canalização foi solicitado à Secretaria de Vias Públicas e aguarda solução.



Heitor Hui/AE—15/12/92

Transporte melhor

O Jaçanã ganhou mais e melhores linhas de ônibus depois da visita da equipe do Seu Bairro, em 1992. Naquela época, os moradores reclamaram muito da precariedade do transporte coletivo. "Hoje nós temos as linhas de Vila Prudente, que fa-

zem um trajeto muito longo, os Circulares I e II, que passam por todas as ruas do bairro, a de Vila Maria e o Butantã-USP", comemora o presidente da Associação Museu Memória do Jaçanã (foto) e antigo morador, Sílvio Bittencourt.

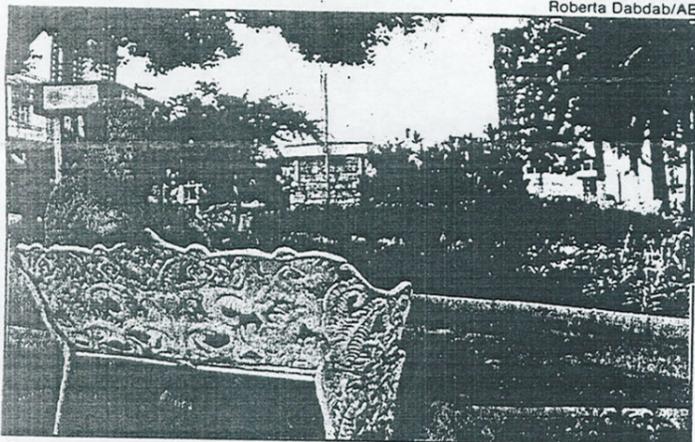
Regional passou a limpar largo

O Largo Oliveira Viana agora está um brinco. Pelo menos esta é a opinião da moradora da Freguesia do Ó Clotilde Maria Marques Alves. Em sua banca de jornal, instala-

da no largo há dez anos, ela pôde acompanhar de perto seus problemas e as providências tomadas pela Regional da Freguesia do Ó.

"Estávamos muito chateados

Roberta Dabdab/AE



O aposentado Alberto Graciani: elogio à manutenção do largo

com a sujeira, mas limparam tudo, arrumaram os jardins e colocaram blocos de cimento para a terra não espalhar", garante a comerciante. "Agora, sim, a praça está apresentável e isso é ótimo para todos os moradores do nosso bairro." O aposentado Alberto Graciani costuma ir sempre ao largo e elogia também a manutenção.

Os repórteres do *Seu Bairro* estiveram na Freguesia do Ó em agosto de 1992 e em julho do ano passado, ouvindo as queixas de seus moradores. Da última vez, os moradores reclamaram muito da limpeza e conservação do Largo Oliveira Viana.

Depois de registrar as queixas, a equipe do *Seu Bairro* apresentou as reivindicações dos moradores à equipe da Administração Regional da Freguesia do Ó, que voltou a fazer limpezas frequentes no local.

Veja abaixo o bairro que vai ser notícia nas próximas semanas.

Atividade data	Segunda-feira	Segunda-feira	Segunda-feira
Bairro	Visita da equipe de reportagem	Publicação da matéria com a relação dos problemas levantados	Publicação da matéria com as respostas e soluções apresentadas pelas autoridades
	Imirim	28/03	04/04
			11/04

Local onde ficará a equipe de reportagem:
Praça Padre Constanzo Valbério, entre a Avenida Imirim e João Gualberto

As 1.001 noites da região onde o agito mais cresce

Qualquer dia é bom para curtir pagode com os amigos na praça ou num barzinho, dançar tranqüilo com a namorada ou parar o carro em frente a um point qualquer e deixar acontecer

RICARDO BAIROS

A té que enfim é noite na Zona Norte. Para os bebedores, dançarinos, entusiastas do samba, pagodeiros e notívagos em geral situados ao norte do Rio Tietê, a chegada da escuridão significa diversão garantida e variada perto de casa. Ainda que o samba reine quase absoluto em bares e boates, há opções mil na região com a vida noturna que mais cresce na cidade. Os moradores da Freguesia do Ô, de Santana e da Vila Maria não viajam mais quilômetros de carro e encaram engarrafamentos na Zona Sul para aproveitar as noites de sexta-feira, capítulo principal dos movimentados fins de semana locais. Nem o resto da semana, porque na Zona Norte os embalos continuam sábado à noite, domingo, segunda-feira... Curtir um pagode entre uma

BARES TÊM
DIVERSÃO
GARANTIDA E
VARIADA

cerveja e outra, no meio da praça principal do bairro, num barzinho com mesinhas na calçada, ouvir um samba no rádio do carro em frente a uma loja de conveniência ou pagar para entrar numa casa de samba mais sofisticada são algumas das possibilidades de agito para os boêmios locais. Seja qual for o programa escolhido, a palavra de ordem é a descontração. Nada de desfile de carrões e roupas de marca: o objetivo comum na Zona Norte é apenas aproveitar a noite para se divertir na companhia dos amigos. E tudo na maior paz, sem brigas. O importante é a animação nos bares e boates locais. Na opinião de frequentadores da noite na região, os embalos noturnos além do Tietê são mais animados que os de outros bairros, até que os dos famosos points dos Jardins. É conferir a partir de hoje à noite.

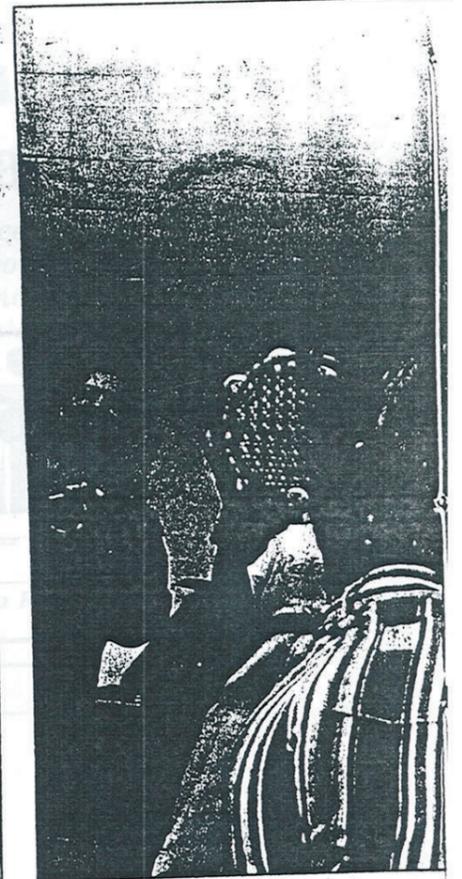
Vila Maria dá o tom em ritmo de pagode

N a Vila Maria, um dos bairros onde o samba é mais tradicional em São Paulo, a onda do pagode não poderia faltar. Com o maior número de casas de samba da região, o bairro virou point dos fanáticos pelo ritmo. Depois da inauguração há dois meses da filial do Birinait, bar consagrado pela moçada de Santana, as noites da Rua Nadir Dias de Figueiredo não são mais as mesmas. "O clima de alegria atrai gente de vários lugares", explica Mauro Zanotti, um dos donos do bar que chega a ter até 1,5 mil pessoas no sá-

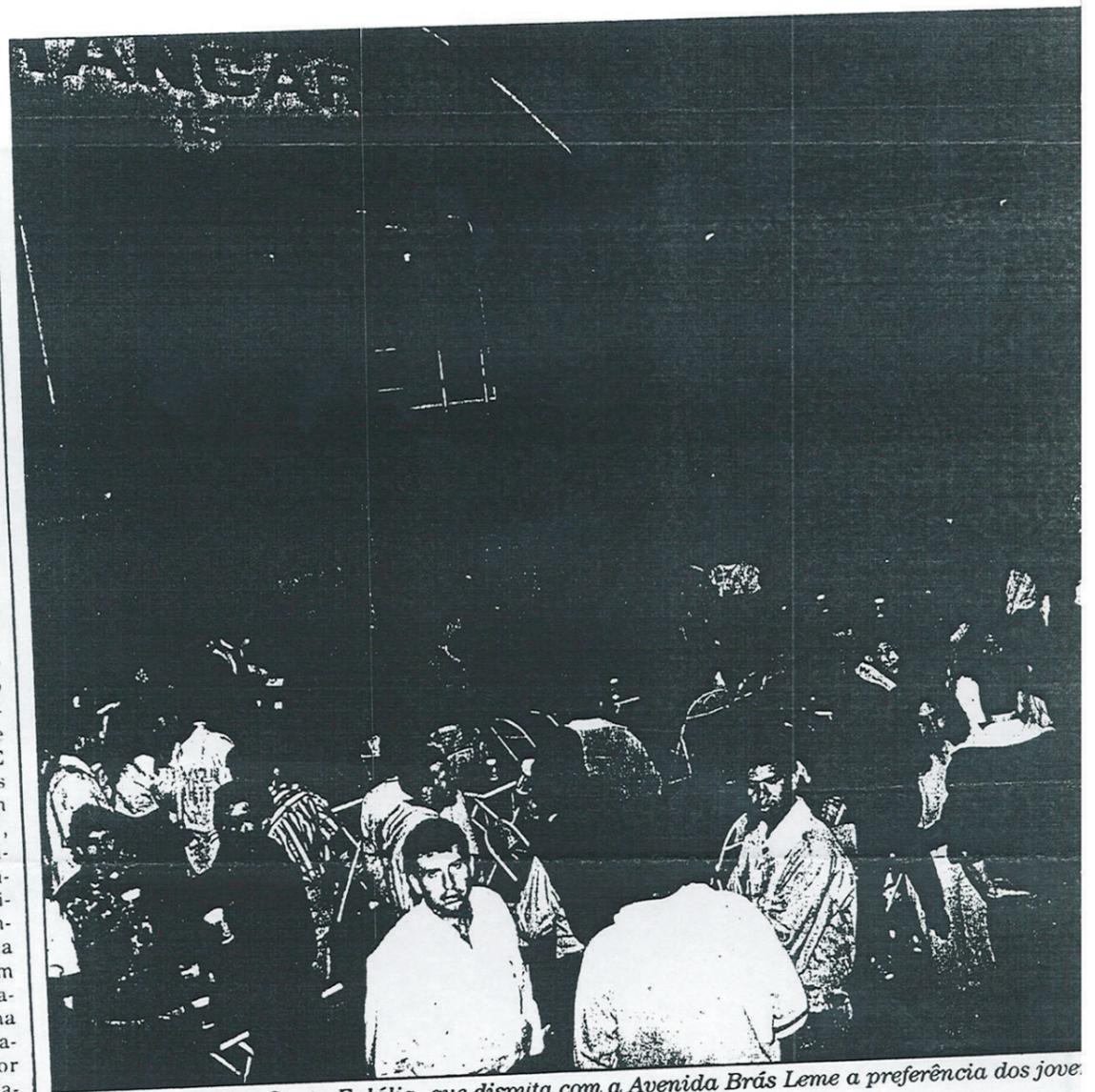
ALEGRIA
ATRAI GENTE
DE VÁRIOS
LUGARES

bado à noite. O Pilequinhos — especializado em batidas — é parada obrigatória para o abastecimento antes do samba. Para o dono do bar, Claudionor Pereira, as noites da Zona Norte são diferentes. "É outro visual, mais animado e com mais energia", conta. A estudante Carla País, entusiasta das bebidas da Praça Santo Eduardo, acha que não faltam opções de programas na Zona Norte. "O problema é que são sempre as mesmas caras, não tem gente nova por aqui", reclama a estudante. Nada é perfeito. (R.B.)

Roberta Dabdab/AE



Os namorados Gabriela Melão e Leandro Correia; e Marinete Santos Leão, da Aclimação: namorados

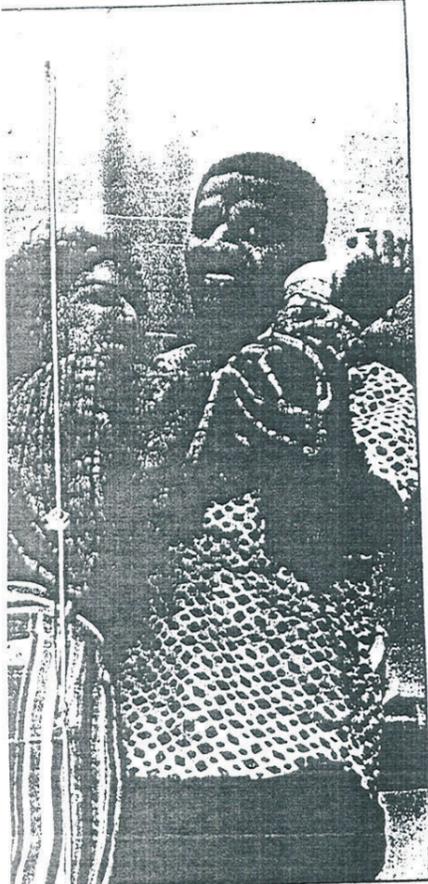


Hangar 15, na Rua Santa Eulália, que disputa com a Avenida Brás Leme a preferência dos jovens

Bairro

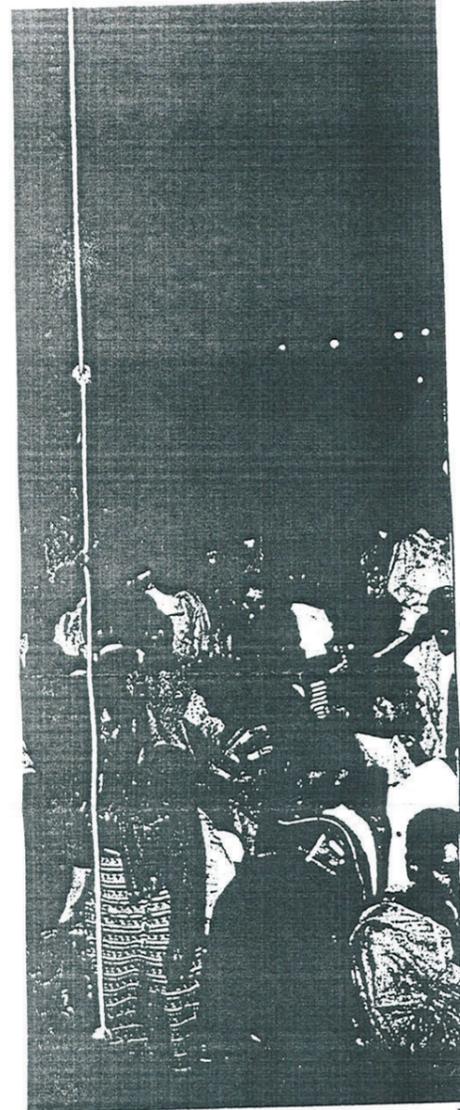
NOTURNA

Roberta Dabdab/AE



namoro e dança em ritmo de samba

Roberta Dabdab/AE



ovens em Santana: sempre movimentado

Roberta Dabdab/AE



O Alpendre, na Brás Leme: melhor pedida para sambar

Roberta Dabdab/AE



O radialista César Cardoso (à direita): todos são amigos

Farra na Freguesia tem jeito familiar

Punks e violência não fazem mais parte da noite da Freguesia do Ó, ao contrário do que a música *Punk da Periferia*, do cantor e compositor Gilberto Gil, mostrava no início dos anos 80. Concentrado na Praça da Matriz de Nossa Senhora do Ó, o agito nos anos 90 tem mais cara de festa de padroeira. Mesinhas entre as árvores, pagodeiros e muita cerveja animam as noites locais. O público heterogêneo — mauricinhos, roqueiros e sambistas — divide em paz o espaço, vigiado o tempo todo pela imponente igreja do bairro.

Para o radialista César Cardoso, a vantagem das noites da Freguesia é que os frequentadores — companheiros de cervejas no Bar do Moreira — são amigos. "Todos moram por perto e são conhecidos", conta ele. A farra noturna com jeito familiar atrai gente até da Zona Sul. "Vim uma vez com uma prima e gostei", explica Marinete Santos, moradora da Aclimação. "Para tomar uma cerveja e curtir, o 'point' é aqui", diz Reinaldo Roque, sócio do Manhattan Bar, há dois meses na praça —, onde Marinete se esbalda nos fins de semana. (R.B.)

NO LARGO DA MATRIZ, CLIMA DE INTERIOR

Em Santana, as ruas significam badalação

A Brás Leme concentra a maioria dos points de Santana e concorre com a Santa Eulália

O bairro da Zona Norte que tem mais opções para os boêmios de plantão é Santana. Bares com pagode e casas especializadas em samba dividem espaço com boates de dance music, lojas de conveniência, que viraram point, e barracas de cachorro-quente, quase tudo na Brás Leme — a avenida que é sinônimo de agito na região. A noite local tem mais cara de Jardins do que a dos bairros vizinhos. Em Santana, a máxima de que mauricinho é coisa da Zona Sul não vale. Os primeiros carros importados já são exibidos noite afora pelos boyzinhos.

A estudante Gabriela Melão e o bancário Leandro Corrêa acham que os melhores e mais animados sambões da cidade estão no bairro. "Em Pinheiros, os bares são transados e estão sempre cheios, mas aqui há mais descontração", conta Gabriela. "Além de encontrar gente conhecida, aqui também faço amizades", explica Corrêa. "Nos Jardins, as pessoas são frescas", acredita a digitadora Ana Paula Viana. Zona Sul para eles, apenas quando querem ir a boates. Para sambar, a melhor pedida

para os três é o Alpendre. Na casa de samba da Brás Leme, que chega a reunir mil pessoas aos sábados, paga-se CR\$ 3,5 mil (homens) e CR\$ 3 mil (mulheres) para entrar. A segurança lá dentro é ostensiva, mas as brigas não são tão raras, nem os roubos de carros do lado de fora.

Na Rua Santa Eulália, mais próxima ao Carandiru, uma multidão se concentra nas calçadas para ouvir rap e samba — naturalmente — em frente aos bares Birinait, Hangar e Antenor. Animação até tarde é quase uma lei no lugar. Para Isa Cam

ANIMAÇÃO ATÉ TARDE É QUASE UMA LEI

lo, gerente de uma boutique, vale a pena vir de Itaquera para se divertir lá. "Também frequento um sambão no Jardins, mas termina cedo e pessoal é mais esgoado", diz ela.

A loja de conveniência Seven Eleven funciona como posto de abastecimento para as turmas. "É o lugar ideal para tomar uma cerveja antes de sair e comer alguma coisa de pois", afirma o estudante Marcos Costa, morador do bairro Pinheiros. Há os que não aguentam mais as noites de samba no bairro. O estudante Rogério Teixeira reclama da falta de bares alternativos e dos playboys sambistas em Santana. "Porém, ainda encontro umas simpáticas por aqui. Apesar de tudo, a noite termina sempre mais. (R.B.)"

Para dançar, curtir e namorar

A seguir, os endereços do agito noturno na Zona Norte:

Freguesia do Ó
Manhattan Bar — Largo da Matriz de N. Sra. do Ó.
Bar do Moreira — Largo da Matriz.

Santana
Alpendre — Avenida Brás Leme, 1732.
Seven Eleven — Avenida Brás Leme.
Birinait, Hangar 15 e Antenor — Todos na Rua Santa Eulália, próximo à Avenida Santa Dumont.

Vila Maria
Birinait — Rua Nad Dias de Figueiredo 1.356.
Pilequinho — Rua Cuiçá, 908 (frente à Praça San Eduardo).



Manhattan, na Freguesia do Ó: samba

Roberta Dabdab/AE

Passeios

■ Parque do Piqueri

O parque tem 97 mil metros quadrados e ocupa área da antiga chácara do condado Francisco Matarazzo. Dispõe de quadras esportivas, área de recreação infantil, pista para corrida e churrasqueiras, além de um lago. Diariamente, das 7 às 18 horas. Rua Tuiuti, 515. Telefone: 217-2213.



■ Horto Florestal — Com 174 hectares, o parque é o maior espaço verde do Estado (área metropolitana). Dentro do parque existem mananciais de água potável, dois lagos, playground e área para piquenique. Vale a pena visitar o Museu Florestal Octávio Vecchi, que tem a maior coleção de madeira da América Latina. Há também uma imagem de São João Gualberto (padroeiro das florestas), cedida por monges italianos ao Horto, feita de mármore de carrara. Rua do Horto, 931. Telefone: 952-8555. Aberto das 6 às 20 horas.

■ Playnorte — Com 12 mil metros quadrados de área, o parque fica ao lado do Shopping Center Norte. Tem roda gigante, autopista, autorama, twisters, montanha russa e videogames. De terça a sexta-feira, das 14 às 20 horas; sábado, das 15 às 21 horas. Domingo, das 14 às 20 horas. Travessa Casal Buono, 120, na Vila Guilherme.

■ Shopping Lar Center — Um passaporte especial dá direito a entrada em todos os brinquedos infantis instalados no shopping. Também podem ser comprados ingressos para cada um dos brinquedos. Avenida Otto Baumgart, s/nº.

Cultura

■ Os Menecos

Peça que relata a procura de Sósicles por seu irmão gêmeo, separado da família por uma fatalidade. De Plauto. Direção: Zedu Neves. Sexta, às 19h30; sábado, às 18h30. Shopping de Ofertas (Rua Dr. César, 272, Santana).



■ A Bela Adormecida — Teatro de bonecos. Adaptação de Renato Degan do conto de Charles Perrault. Direção: Renato Degan. Com o grupo Proscênios. Sábado e domingo, às 16 horas. Auditório Senac de Santana (Rua Voluntários da Pátria, 3.167. Tel.: 298-0311).

■ A Princesa Imyra e O Fantasma Vermelho — Teatro de marionetes da Cia. Panos & Fios. Texto: Salvo Santana. Direção: Salvo Santana e Isaías José. Sábado, às 17 horas. Taib (Rua Três Rios, 252. Tel.: 227-9719).

■ As Travessuras do Saci-Pererê

Texto e direção Alexandre Augusto. Com Roberto Zeppelin, Priscila Genofre, Liziete Navarro, Nando Britto e Alceste Madella. Domingo, às 15h30. A criança que levar o desenho do Saci tem 50% de desconto. Taib (Rua Três Rios, 246. Tel.: 227-9719).

■ Workshop — O British Council, a Cultura Inglesa e a Oficina Cultural Oswald de Andrade promovem workshop com o escritor inglês David Glass para atores e estudantes de teatro, no sábado. Glass está em turnê pelo Brasil com o espetáculo Gormenghast. Inscrições até quinta-feira na Oficina Cultural Oswald de Andrade, que fica na Rua Três Rios, 363. Os interessados poderão obter outras informações pelo telefone 221-3929.

Comida

■ Dom Feliciano

O restaurante é especializado em pizzas exóticas, com seis ou oito fatias. Pizzas de bacalhau, berinjela, chester e Dom Feliciano (batata e calabreza fresca) são os destaques do cardápio. Para as crianças, há pizzas especiais de muçarela em formato de boneco. A sobremesa pode ser a pizza de banana com mel e canela. Das 18 à 0 hora; sexta e sábado, até 1 hora. Rua Conselheiro Saraiva, 664, Santana. Tel.: 950-2898.



■ Dom Francisco — O pratos com bacalhau são a grande atração do restaurante. Mas há também pratos com frango e filé. Para a sobremesa, há sorvetes. De terça a sábado, das 11h30 à 0 hora; domingo, até 18 horas. Rua Alfredo Pujol, 217. Tel.: 267-9095.

■ North Place — De segunda a quarta, das 11h30 à 0 hora; de quinta a sábado, das 11h30 à 1 hora. As sugestões para entrada são o carpaccio e a casquinha de siri. Para o prato principal, picanha fofada. O destaque das sobremesas é a banana flambada. De segunda a quarta, das 11h30 à 0 hora; de quinta a sábado, das 11h30 à 1 hora. Av. Otto Baumgart, 500 — Shopping Lar Center. Tel.: 950-1133.

Emergência

■ Hospital de Vila Nova Cachoeirinha

Avenida Deputado Emílio Carlos, 3.100. Telefone: 857-4122, ramal 113/266-0468/856-9100.



■ Pronto-Socorro Municipal Dr. Lauro Ribas Braga — Rua Voluntários da Pátria, 943. Telefone: 298-3642 298-2011



O Marques Hamburguer: restaurante tem 80 opções de sanduíches e sucos naturais

Sanduíche que vale por refeição

O Marques Hamburguer não é exatamente o lugar onde você toma um lanchinho só para matar a fome no meio da tarde. Os sanduíches são verdadeiras refeições que certamente comprometem seu apetite no jantar. Aliás, a casa ganhou fama por ser generosa nos pratos. Até os sucos naturais vêm acompanhados do restinho que fica

no liquidificador, o "choro".

O cardápio tem 80 opções de sanduíches e 7 de filés, com destaque para os saborosos hambúrgueres, que não têm aquele gosto de comida industrializada. Entre tantos tipos de hambúrgueres fica difícil descobrir qual o mais gostoso.

Boas sugestões são os cheesebúrgueres. Alguns têm dois ou três queijos. O beirute do

Marques dá tranqüilo para três pessoas, apesar de o cardápio informar que o prato é para dois. Se você ainda tiver fôlego para a sobremesa, há vários tipos de sorvetes. Mas tome cuidado: o simples sorvete colegial tem três andares. O Marques fica na Avenida Brás Leme, 2.000, em Santana (tel. 299-0595), e funciona até de madrugada.

■ Unidade Básica de Saúde Chora Menino — Rua Copacabana, 185. Telefone: 950-1451.

■ Unidade Básica de Saúde Jardim Guarani — Rua Santana do Araçuaí, 160. Telefone: 875-5540.

■ Pronto-Socorro Municipal 21 de Junho — Avenida João Paulo I, 421, Freguesia do Ó. Telefones: 875-5866 e 875-1349.

■ Unidade Básica de Saúde de Vila Maria — Rua André da Fonseca, 70, Vila Maria. Telefone: 201-7751.

■ Unidade Básica de Saúde Jardim Icarai — Avenida Almir Dehar, 201. Telefone: 875-8739

■ Conjunto Hospitalar do Mandaqui — Rua Voluntários da Pátria, 4.301, Santana. Telefone: 298-0211.

Feiras

Os sacolões promovidos pela Prefeitura oferecem verduras, legumes, frutas a preço único por quilo. Há também setores que vendem carnes, frangos, peixes, fríos e ovos, com preços controlados pela Secretaria Municipal de Abastecimento. Funcionam de quinta a domingo, das 7 às 12 horas. Abaixo os endereços dos sacolões da Zona Norte:



■ Vila Maria — Rua Doutor Gasão Madeira, 150. Telefone: 954-5540.

■ Vila Brasilândia — Estrada do Sabão, 800. Telefone: 876-1085.

■ Jaçanã — Avenida Paulo Lincoln do Valle. Telefone: 205-7564.

Grátis

A Oficina Cultural Oswald de Andrade está com inscrições abertas para várias atividades. Os interessados poderão se inscrever na Rua Três Rios, 363. Informações pelo telefone 221-3929. É a seguinte a programação das oficinas:



■ Desenho e pintura — A oficina de Desenho e Pintura com Modelo Vivo será coordenada pelos artistas plásticos Roberto Fortunato e Carlito Contini. O objetivo é desenvolver o potencial criativo dos alunos por meio de exercícios.

■ Rádio — Coordenada pelo jornalista Dum de Lucca, a oficina permitirá aos participantes produzir e realizar programas radiofônicos.

DICAS & SOLUÇÕES

SeuBairro

PARABÓLICAS
TODOS OS MODELOS E MARCAS
O MELHOR PREÇO DA ZONA NORTE
• Vendas
• Instalações
FRED SOM f.: 203-7793

POINT VIDEO LOCADORA
O MELHOR DO CINEMA PARA SUA TV
Acervo com mais de 2500 FILMES
Rua Voluntários da Pátria, 3116
SANTANA - SP

ARENOLCHÕES
DUROCRIN
COMPRE SEM SAIR DE CASA
AV. Água Fria, 747
ARENOLCHÕES F.: 959-2214

SHAMPOO ELE ELA
CABELEIREIROS
• ESTÉTICA FACIAL • LIMPEZA DE PELE
• HIDRATAÇÃO • ACNE • MANCHAS
• REJUVENECIMENTO
FONE: 290-4482
R. DR. OLAVO EGÍDIO, 37 - SANTANA

CABELOS CRESPOS UNISSEX
CARE FREE CURL BY SOFT SHEEN, ELEGANCE, ULTRA SHEEN, JONHSON E FORNECEMOS + 10 VARIEDADES DE OUTROS PRODUTOS P/ SALÕES. TODOS IMPORT.
* FAZEMOS PERMAN. AFRO, TRANÇAS, ENTRELACAMENTO, MEGA HAIR, MAQUIAGEM E OUTROS
AZÉ STUDIO CABELEIREIROS F: 257-8199
R. NOVA BARÃO ALTA - LOJA 49 - CENTRO

ADM. DE TELEFONES
STILLUS TELEFONES
COMPRA VENDA LOCAÇÃO
VENDA SEU TELEFONE E CONTINUE COM ELE!!
FONES: 950-1069/959-3996
FINANCIAMOS 3 a 36 MESES

GERTEL TELECOMUNICAÇÕES
APARELHOS TELEFÔNICOS
Vendas e Consertos
O Melhor Preço de S. Paulo
LINHAS TELEFÔNICAS
Compra • Venda • Locação e Financiamento.
Fs.: 266-1157 • 265-9538 | F: 876-0598
Av. Dep. Emilio Carlos, 1629 - Limão | Av. Itaberaba, 1680

BARRICAS E TONEIS
DE CARVALHO
A partir de 1 litro
Fabricação de barris, tinhas, e ancorotes de madeira para bebida e decoração.
TANOARIA LABBATE
R. do Hipódromo, 1504 (011) 93-4473
MOOCA - PAULO

CELULARES EM PROMOÇÃO
LIGUE JÁ
Plantão aos Sábados e Domingos
ZB-CELL 953-9404
203-7411

CLÍNICA VETERINÁRIA IMIRIM
CLÍNICA • CIRURGIAS • RX • VACINAS
Loja de Artigos para Animais
FONE: 856-9220
AV. ENG. CAETANO ALVARES, 4036 IMIRIM - S. PAULO

Doceria Holandesa
AL. BARÃO DE LIMEIRA, 1170 TEL: 221-6727
AV. PAVÃO, 192 TEL: 240-6982
R. MARIA ANTONIA, 283 TEL: 256-6304
SHOPPING ELDORADO, 3º PISO TEL: 813-9366

CARPETE DE MADEIRA
FLUTUANTE E COLADO
NOVO PISO - INTERLAN - TREVOPISO
* 5 ANOS DE GARANTIA
C/ A MELHOR COLOCAÇÃO
CARPETES - FORRAÇÕES - DECORFLEX
PERSIANAS - PORTAS SANFONADAS
BOX VIDRO - ACRÍLICO
Pagamentos Facilitados
El Datis 949-5706
951-6320

Escola de Desenho e Cândido Portinari
FAZENDO ARTE!
ALÉM DOS CURSOS REGULARES DE DESENHO:
• ARTÍSTICO • PUBLICIDADE • QUADRINHOS • ARQUITETURA • DECORAÇÃO • MECÂNICA
• ARTE INFANTIL • DESENHO DE MODAS • ESTILISMO
Editoração Eletrônica (Computação Gráfica).
Corel Draw 4.0 e PageMaker 5.0
AV. GAL. ATALIBA LEONEL, 18 - (ESQ. C/ R. VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA) - S. PAULO
298-1321

PD Informática
Cursos de Computação
Para Adultos e Crianças - a Partir de 7 Anos
Poeta Drummond Informática
Rua Voluntários da Pátria, 3397 290-4898
Traga Este Anúncio e Ganhe Descontos em Suas Mensalidades

Para anunciar ligue: (011) 266-3293 / 857-5305

BREAD WORKS **UMA BOA RECEITA PARA O SEU NEGÓCIO**

CURSOS: * EMPRESÁRIO * PANIFICAÇÃO * PADEIRO * CONFEITEIRO

BREAD WORKS Consultores e Editores Ltda. R. Gomes, 1044/1048 - Cep 03275-010 - Vila Ema - SP
FONES: (011) 916-4173/918-6220/918-4490

FAÇA JÁ A SUA INSCRIÇÃO VAGAS LIMITADAS

OPORTUNIDADE PRÁ GANHAR, VOCÊ NÃO PODE PERDER!

DICAS & SOLUÇÕES

Consulte Seu Bairro. De 2ª a 6ª no Estadão. Fones: 266-3293 • 857-5305

Centro Mercado Central sofre reforma irregular

Obras no prédio histórico não foram autorizadas pelo Condephaat

CLAUDIO AUGUSTO

A Prefeitura anunciou a realização de obras no prédio do Mercado Municipal (Central), no Parque Dom Pedro II, mas as reformas não podem ser realizadas sem a autorização do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico e Turístico do Estado (Condephaat). A placa da Prefeitura, em frente ao Mercado, e a presença de alguns operários indicavam que a obra deveria entrar em ritmo de execução em breve. A primeira etapa prevista é a recuperação da cobertura para evitar infiltração de água e goteiras.

O prédio do mercado, projetado pelo arquiteto Ramos de Azevedo, começou a ser construído em 1925 e foi inaugurado em 25 de janeiro de 1933. Desde 30 de agosto de 1988, o imóvel está em processo de tombamento. Enquanto o Condephaat não tomar uma decisão sobre o processo, o prédio está "congelado". Por isso, a reforma é ilegal.

De acordo com a diretora do Serviço Técnico de Conservação e Restauro do Condephaat, Sueli de Bem, o projeto da Prefeitura prevê intervenções que alteram as características originais do prédio. Este é o motivo do parecer desfavorável que o colegiado de 25 membros do Condephaat deu ao projeto de reforma e restauração do Mercado Municipal. O "mezanino" que a Prefeitura pretende instalar prejudicaria, de acordo com Sueli, a visão dos vitrais do artista plástico Conrado Sorgenicht, que retratam cenas da vida rural em São Paulo. Sueli disse ainda que o projeto da Prefeitura prevê a demolição de anexos, considerados feios. "Mas os anexos são parte da concepção original do prédio e isso não pode acontecer."

Para o diretor do Departamento de Edificações (Edif) da Secretaria de Serviços e Obras, Savério Orlandi, a reforma no prédio é urgente, porque o Mercado Municipal "está com problemas no coração" e não precisa agora de "cirurgia plástica".

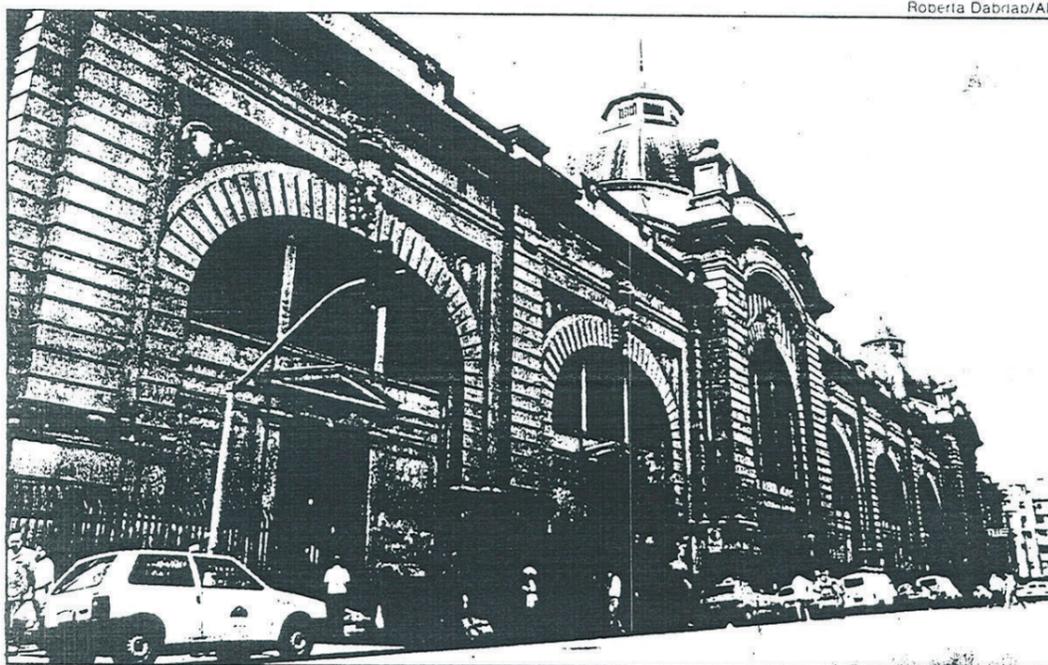


Roberta Dabdat

PROJETO DAS OBRAS PREVÊ NOVO MEZANINO

Projeto de reformas no Mercado Central não prejudica seu funcionamento, mas vai atrapalhar visão de vitrais históricos

Conselho municipal pedirá detalhes



Roberta Dabdat/AE

O Mercado Municipal tem mil funcionários e um movimento diário de 30 mil consumidores

O diretor do Departamento de Edificações (Edif) da Prefeitura, Savério Orlandi, disse que enviou um ofício, no dia 6 de março, ao Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Compresp) comunicando a reforma do mercado. "Pedi para eles tomarem providências junto ao Condephaat."

O presidente do Compresp, Marcos Faerman, disse que desconhecia o início da reforma, que só pode começar com aprovação do conselho municipal, que o prédio também está em processo de tombamento nesta esfera. O Compresp se reúne nesta quinta-feira para decidir sobre a reforma. "Pedimos para o Edif apresentar um projeto mais detalhado da reforma." O projeto está orçado em US\$ 1 milhão e deve ser concluído em 12 ou 15 meses.